

Ana Maria da Silva Rodrigues

**BUSCA E USO DA INFORMAÇÃO NA AUTOGESTÃO
CORPORAL**

Belo Horizonte
Universidade Federal de Minas Gerais
2003

Ana Maria da Silva Rodrigues

BUSCA E USO DA INFORMAÇÃO NA AUTOGESTÃO CORPORAL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Informação Gerencial e Tecnológica

Orientadora: Profa. Dra. Isis Paim

Escola de Ciência da Informação
Universidade Federal de Minas Gerais
2003

A696b Rodrigues, Ana Maria da Silva
Busca e uso da informação na autogestão corporal / Ana Maria da
Silva Rodrigues. – 2003.
179 f.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de
Ciências da Informação.

Orientador: Isis Paim

1. Ciência da Informação – Teses 2. Educação Física – Serviços de in-
formação – Teses 3. Academias de ginástica – Aspectos Sociais 4. Mus-
culação – Teses I. Título II. **Orientador** III. Universidade Federal de Minas
Gerais.

CDD 796

CDU 02

796:659.133.4

Aos meus pais,
Francisco das Chagas e Ana Rosa,
exemplos de retidão e amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha instituição, a Universidade Federal do Piauí, que permitiu e apoiou a realização do meu doutoramento. Aos colegas do Departamento de Educação Física. Recebi de todos o apoio incondicional para desenvolver meus estudos, não obstante a sobrecarga que, inevitavelmente, enfrentam com o afastamento de um colega. Em especial, à David Emérito, amigo e companheiro de luta.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, em especial a Ana Cabral, Maria Eugênia Albino e Lígia Dumont. E ainda, à Goreth Maciel e Viviany Carvalho, sempre prestativas e solícitas.

À Isis Paim, orientadora amiga, pelo apoio, confiança e respeito.

Aos meus colegas do doutorado: Adriana Bogliolo, Dulce Amélia, Theldo Cruz, Gercina Lima e Francisco Neves (*in memória*), pelos diálogos travados.

Aos colegas (e conterrâneos) do Mestrado Interinstitucional (UFMG/UFPI) em Ciência da Informação, com os quais convivi e partilhei experiências.

À amiga Rosa Nehmy pelas discussões sobre o tema de estudo, que muito contribuíram para a realização do trabalho final.

À academia de ginástica onde desenvolvi minha pesquisa de campo, aos seus funcionários, professores e alunos de musculação, pela disponibilidade e carinho com que me acolheram.

Às amigas Patrícia Pimentel e Janaína Januário, pelo acolhimento afetuoso em Belo Horizonte.

À minha amiga Glória Rodrigues, suporte indispensável durante todo o processo de doutoramento.

A todos meus amigos e familiares pela compreensão e incentivo.

SUMÁRIO

RESUMO	07
ABSTRACT	08
1 INTRODUÇÃO	09
1.1 Problematização do objeto de estudo	09
1.2 Perspectiva sociológica para o estudo das interações sociais	12
2 INFORMAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE	15
2.1 Informação: conceitos, necessidade e busca na sociedade contemporânea ...	15
2.2 Acesso à e uso da informação	21
2.3 Informação e mídia	25
2.4 Apropriação da informação: face a face e em ausência dos interlocutores	30
3 INFORMAÇÃO, REFLEXIVIDADE E AUTO-IDENTIDADE	36
3.1 O contexto social contemporâneo	36
3.2 Subjetividade e identidade	46
3.3 Auto-identidade e mídia	51
3.4 Estilo de vida e consumo	55
3.5 Reflexividade e auto-identidade	61
4 INFORMAÇÃO PARA A AUTOGESTÃO CORPORAL	66
4.1 Concepções sociais do corpo	66
4.2 Condições sociais do uso do corpo	71
4.3 Corpo e reflexividade	75
4.4 Oportunidades e riscos	79
4.5 Beleza corporal	85
5 METODOLOGIA	92
5.1 A academia de ginástica como espaço social para a autogestão corporal	92
5.2 Procedimentos metodológicos	99
5 INFORMAÇÃO SOBRE O CORPO NA PERCEPÇÃO DOS PRATICANTES DE MUSCULAÇÃO	105
5.1 Busca de informação	105
5.2 Fontes formais de informação e confiabilidade	107
5.3 Fontes informais de informação	111
5.4 Corpo como fonte de informação	116
5.5 Padrão de beleza corporal	120
6 AUTOGESTÃO CORPORAL NA CONSTRUÇÃO DA AUTO-IDENTIDADE E SUAS INTERPRETAÇÕES	129
6.1 Autogestão corporal através da musculação	129
6.2 Socialidade	131
6.3 Estilo de vida e auto-identidade	135
6.4 Autogestão corporal e reflexividade	146
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	156
8 REFERÊNCIAS	167
9 APÊNDICE	177

RESUMO

A sociedade atual apresenta particularidades e dinamismo próprios. É uma sociedade pós-tradicional, não mais sujeita à tradição, onde as ações dos indivíduos são orientadas e conduzidas por decisão própria. É uma sociedade de risco, pois ao mesmo tempo em que oferece autonomia de escolhas, torna o indivíduo responsável pelos riscos delas decorrentes. É uma época em que ações sociais são reformuladas constantemente com base nas informações, tendo em vista o aumento e maior circularidade dessas informações. Então, o corpo, como materialidade que identifica e diferencia o indivíduo, passa a se constituir centro das decisões; passa a ser explorado e experimentado, emitindo informação nas relações sociais e promovendo condições de autopercepção. Esta tese investigou as estratégias de busca e uso da informação na autogestão corporal junto a praticantes de musculação, objetivando (a) analisar a influência das informações disseminadas por mídias, sistemas peritos e especialistas na constituição, pelos sujeitos, de padrões de beleza corporal e como essas informações orientam a autogestão corporal; (b) examinar o ambiente social da academia de ginástica como capaz de permitir relações de socialidade e de autogestão, que apontam caminhos para a construção da auto-identidade. Para a coleta de dados, além da técnica de observação participante, recorreu-se à entrevista semi-estruturada, envolvendo 14 praticantes de musculação de uma academia de ginástica, localizada em Teresina (PI). Os resultados obtidos mostram que as práticas corporais em instituição social como a academia de ginástica constituem respostas ao indivíduo, situado em ambiente de incertezas características da contemporaneidade; proporcionam oportunidade de interação presencial com interlocutores com interesses comuns e conduzem ao autoconhecimento através de informações obtidas de fontes formais e informais, e daquelas emitidas pelo próprio corpo. Entende-se que a informação aconteça através do processo de comunicação e da aquisição de significado pelo indivíduo, tendo potencial para transformar-se em conhecimento e para orientar decisões pessoais. Todavia, a busca de informação sobre o corpo, pelos sujeitos entrevistados, se mostrou circunstancial e, por vezes, casual, apesar da importância que reconhecem na informação. A influência das mídias, como fonte de informação, atua de forma difusa; sua credibilidade é condicionada à assistência de especialistas competentes. As mídias divulgam certo padrão de corpo, de homem e de mulher, que serve tão-somente como referência, pois cada informante da pesquisa revelou reconhecer os limites e potencialidades do seu próprio corpo. Verificou-se que a persistência nas atividades de musculação resulta dos resultados estéticos, que levam a desdobramentos relativos a saúde, bem-estar e auto-estima, constantemente avaliados e confrontados, caracterizando a reflexividade. Parece que na academia de ginástica o processo de auto-identidade é fato. Observou-se que a prática da musculação extrapola a atividade em si, vindo a constituir indícios que apontam para elementos mais amplos da vida do sujeito, que se podem considerar como constituintes da auto-identidade.

ABSTRACT

The society nowadays presents its own particularities and dynamics. It is a post-traditional society, not subjected to tradition anymore, where individuals acts are oriented and held under their own guidance. It is a risk society, because at the same time it offers choice autonomy, it turns individuals responsible for the the risks they may bring. It is a time where the social actions are often reformulated based on information, given the greater ammount and ubiquity of these information. Then the body, as the concreteness that identify and distinguish individuals, become the center of the decisions; it is explored and experienced, emitting information in the social relationships and promoting self-perception conditions. This thesis had investigated bodyworker's search strategies and use of the information for the body self-management, aiming to (a) analise the influence of the information broadcasted from media, expert systems, and bodybuilding specialists; by the individuals themselves, corporal beauty patterns and how these information influence the body self-management; (b) explore the social environment of the gyms as a place that allows socialization and self-management, and pave the ways for self-identity building. For the data gathering, besides participant observation technics, it was used semi-structured interviews with 14 participants from a Gym in Teresina (PI). The results shows that body activities in a social institution like the gym are answers to the individual, diving in an uncertainty environment, uncertainties that are a characteristic of the contemporaneity; it promotes presential interaction oportunities with fellows with common interests and lead to the self awareness through the information gathered in formal and informal sources, and those emitted by the bodies itselfes. It is understood that information happens through a communication proccess and meaning aquisition by the individual, with the potential to turn into knowledge to guide the personal decisions. Nevertheless, the body information search by the interviewed individuals has shown circumstantial and sometimes casual, in spite of the importance that they credit to the information. The media influence as information sourcees acts in an confusing way, and its credibility is attached to the expert support. The media broadcasts some men and women body standards that acts as references, because each one of the interviewd has shown knowledge about the limits and potentiality of their own bodies. It was verified that enduring in bodybuilding activities is a consequence of the aesthetic results, that bring some health, well being and selfsteem,continuously evaluated and confronted, showing reflexivity. It seems that in gym academies the self identity is a fact. It was observed that bodyworking activities outstands the activity itself, giving some clues that indicates more wider aspects of the individuals life, that can be considered as self-identity constituents.

1 INTRODUÇÃO

A presente tese resultou da investigação sobre a busca, o acesso à e o uso da informação sobre o corpo em grupos sociais que desenvolvem práticas individuais, no sentido de exercer controle sobre as formas e a aparência do corpo, denominadas de autogestão corporal. Em especial, interessaram-nos as práticas relacionadas à musculação, – desenvolvidas em academia de ginástica e as diversas escolhas advindas daí –, que constituem o estilo de vida dos indivíduos, tais como: alimentação, moda e lazer, formas de manter o corpo dentro dos padrões de beleza e de saúde disseminados socialmente.

Inicialmente problematizamos o objeto de estudo desta pesquisa e em seguida apresentamos a abordagem sociológica do estudo das interações sociais, que utiliza a metáfora da dramaturgia teatral, proposta por Goffman e que orientou a coleta dos dados desta pesquisa, sua análise e interpretação.

1.1 Problematização do objeto de estudo

As informações, mais que em qualquer outra época, são consideradas imprescindíveis para orientar as ações sociais. Informações sobre diferentes temas circulam abundantemente na sociedade. No entanto, o acesso às e o uso das informações na vida cotidiana envolvem questões complexas, pois ocorrem de maneiras diferenciadas e dependem de diversos fatores. Interessamo-nos em estudar esses aspectos, relacionando-os aos cuidados com o corpo, o qual, na atualidade, tornou-se propriedade particular a ser gerido e transformado conforme o interesse e o desejo de cada um, e considerando-se as várias técnicas e práticas então disponibilizadas. A atividade física, como uma dessas possibilidades, deixa de ter conotação de simples ‘fazer’ e passa a se configurar como um ‘modo de ser’, envolvendo aspectos bastante amplos da vida do indivíduo. Envolve a socialidade, vista como meio de o sujeito relacionar-se em grupos sociais, e ainda, caracteriza-se como caminho de autoconstrução de si mesmo, de busca da auto-identidade.

A idéia desta pesquisa surgiu da percepção, como docente de educação física, de que, atualmente, as pessoas vêm-se tornando mais e mais interessadas em praticar atividades físicas e esportivas, que, ao contrário das práticas em períodos anteriores, não enfatizam a prática em si, mas vêm se constituindo projetos de vida. Os indivíduos, através dessa ação social, buscam meios de melhorar a auto-imagem e conseqüentemente, a auto-estima, modificando drasticamente suas formas de perceber a si e ao mundo. A motivação para tal empreendimento nos parecia estar associada ao aumento da circulação de informações sobre a cultura corporal no contexto social. Diversas informações sobre os benefícios da prática de atividades físicas e esportivas vêm sendo constantemente divulgadas, geralmente associadas à aquisição de beleza e de sucesso pessoal. Aparentemente, o profissional de educação física, como especialista, não tinha sido capaz de estabelecer relações de causa e efeito entre a prática da atividade física, a saúde e o bem-estar, de forma tão fortemente eficaz como os meios de comunicação de massa vinham fazendo.

Diante dessas pressuposições, percorremos longo e difícil caminho, no sentido de estudar mais aprofundadamente aquele fenômeno. Partimos da idéia inicial da relação existente entre o maior número de informações e o aumento do interesse pela prática de atividades físicas e esportivas, mas sabíamos que outros fatores se faziam presentes, e que a questão era bem mais complexa. A ciência da informação considera que o acesso à informação possa ser associado à tomada de decisão; mas, o que, de fato, motiva os indivíduos ao forte engajamento em certas ações sociais? Por que muitos se apresentam mais receptivos à idéia dos cuidados de si como algo que corresponda a seus anseios? De que maneira tais práticas acabam por incorporar o cotidiano de cada indivíduo, ampliando sua importância, a ponto de se tornarem imprescindíveis à condução de seu projeto de vida?

Esses questionamentos nos levaram a perscrutar outras áreas, como a sociologia e a comunicação social; a primeira quando discute as transformações sociais na atualidade e aponta para a reflexividade, institucional e individual, como ponto chave para o crescente dinamismo social. Sua característica mais marcante seria a capacidade de as ações sociais serem frequentemente avaliadas e reconsideradas à luz de constantes e renovadas informações. A segunda, quando discute os processos de transmissão da informação e os trata a partir da concepção

de que não existe comunicação sem informação, e que esta, somente passa a ter relevância quando adquire significado para o usuário, e tal processo ocorre na interlocução, ou seja, na interação face a face com o outro. A psicologia social, também nos forneceu aporte teórico, ao buscarmos compreender de que maneira a prática de atividade física, ao se constituir projeto de vida, poderia vir a se estabelecer como caminho para a auto-identidade. A área de educação física tornou-se o 'pano de fundo' para a compreensão das questões relacionadas a corpo, atividade física, beleza, saúde, dentre outros temas da cultura corporal discutidos ao longo deste estudo.

Dito isso, constituiu-se objetivo geral desta pesquisa examinar as estratégias de busca e uso das informações sobre corpo e a atividade física nas práticas de autogestão corporal, procurando identificar, mais especificamente (1) como as informações são obtidas e assimiladas pelos praticantes de musculação em direção a certo padrão de beleza corporal, e de que maneira essas informações orientam a prática de autogestão corporal através da musculação. Procuramos ainda, (2) analisar o ambiente da academia de ginástica como capaz de favorecer, além da consecução do objetivo de cada usuário envolvido na autogestão corporal, o convívio e a troca de experiência e de informação, caracterizando relações de socialidade; as quais apontam caminhos para a construção da auto-identidade, vista como projeto subjetivo em constante evolução.

Ao considerar que as escolhas realizadas pelos indivíduos constituam seu modo de ser, procuramos perceber de que maneira a autogestão corporal, através da prática de musculação e todas as conseqüências e riscos relacionados a essa tomada de decisão, está relacionada ao 'projeto reflexivo do eu'. A academia de ginástica passa então a ser vista como espaço social mediador das interações sociais face a face, onde as informações adquiridas através de diferentes fontes, formais e informais, são confrontadas com os resultados obtidos ao longo do processo de autogestão corporal. O corpo assume papel importante de emissor de informação, assimilada tanto pelo sujeito como pelo outro.

1.2 Perspectiva sociológica para o estudo das interações sociais

A academia de ginástica, como instituição social contemporânea, é local de encontro, de interação face a face; é onde o corpo se expressa. Assim considerando, o direcionamento metodológico desta investigação fundamentou-se na perspectiva sociológica do estudo das interações sociais em instituição social proposta por Goffman (2001). O autor utiliza os princípios da dramaturgia para analisar como o indivíduo se apresenta a si mesmo e aos outros em situações cotidianas, ou seja, busca conhecer “[...] os meios pelos quais dirige e regula a impressão que formam a seu respeito e as coisas que pode ou não fazer, enquanto realiza seu desempenho diante delas [...]” É evidente que o uso da metáfora do teatro para entender as relações sociais reais apresenta algumas inexatidões, mas não invalida a proposta. No palco, os acontecimentos são simulados e o ator “[...] sob a máscara de um personagem se apresenta para outros personagens também projetados por outros atores [...]” A platéia é indispensável na representação. Distinguem-se três elementos essenciais: ator, personagem e platéia. Na vida real, os três elementos reduzem-se a dois: o papel que o indivíduo desempenha é moldado em consonância com o desempenho dos demais presentes, e estes constituem a platéia. Sob essa ótica, procuramos compreender como ocorrem as interações entre os sujeitos desta pesquisa, considerando-se que no palco em estudo – a sala de musculação –, os atores sociais – professores e alunos –, representam seus personagens uns para os outros. O desempenho regular explícito, intencional ou não, de cada indivíduo é denominado de fachada e está circunscrito a determinado cenário que incorpora os suportes físicos, tais como a mobília, os equipamentos e as máquinas do palco (GOFFMAN, 2001, p.9) .

O ator, ao assumir seu papel, incorpora certa fachada pessoal. Esta estabelece processos de identificação e tratamento social, suscitando, em alguns casos, expectativas estereotipadas abstratas. A fachada torna-se representação coletiva ou tipificações, segundo terminologia de Berger e Luckmann (1990). Ao assumir determinado papel, o ator reconhece que determinada fachada já tenha sido instituída, mas mesmo assim, deve investir em seu desempenho, não importando a motivação pelo desejo de desempenhar determinada tarefa ou de manter a fachada correspondente. Em sendo a fachada algo dado socialmente, o ator pode enfrentar

dificuldades em se adequar a certa fachada. Mas, *grosso modo*, as atividades exercidas devem ser compatíveis com ela. Moscovici (1978) trata dessas questões, referindo-se ao conceito de representações sociais, que seriam o resultado da significação que o sujeito atribui a determinados objetos sociais. Tal fato ocorre na interação social. As representações sociais de dado grupo são responsáveis pelo processamento psicossocial que ocorre quando esse grupo entra em contato com outros. Nesse processo, o conhecimento sobre o objeto é particularizado e apropriado coletivamente. Alunos e professores de musculação, em constante interação entre si, desempenham seus papéis em correspondência ao que é esperado deles, evidenciando suas representações sociais sobre o universo da cultura corporal.

Assim, através da técnica de observação participante, procuramos identificar as representações desempenhadas e emitidas no palco, ou seja, na sala de musculação, a partir da fachada dos atores, assumindo, como pesquisadora inserida no contexto, a posição de observador. Goffman (2001) divide a fachada pessoal em aparência, – que revela o papel social desempenhado, como por exemplo do professor e do aluno –, e maneira – estímulos que informam sobre a condição de interação que o ator adota em seu desempenho, podendo ser, no caso do professor, por exemplo, prestativa, amigável, agressiva, autoritária, dentre outras. Essa inserção, no âmbito da academia de ginástica favoreceu a seleção dos entrevistados e facilitou o consentimento dos mesmos, tendo em vista, que estavam familiarizados com nossa presença na sala de musculação e depositavam certa confiança ao esclarecermos ao que nos propúnhamos.

Além da orientação metodológica para a coleta dos dados, a abordagem de Goffman serviu de referencial metodológico para análise no que se refere à sua descrição das relações sociais, de como as interações face a face são estabelecidas. Embora Goffman nos alerte para o fato de que exista certo cinismo nas relações sociais, exatamente por isso permite ao observador examinar aquilo que lhe é familiar, bem como algo estranho a ser desvendado. Além disso, a teoria desenvolvida por esse autor enfatiza a transmissão de informação através de formas não verbais, através de gestos e posturas do corpo, o que está de acordo com o objeto de estudo desta investigação que foca a informação sobre o corpo e o corpo como informação.

Em face do exposto, este trabalho está dividido em sete capítulos, a iniciar por esta introdução, que descreve o objeto de estudo e aborda o método de estudo das interações sociais como técnica e estratégia de coleta e análise dos dados empregadas na condução da pesquisa. O segundo capítulo trata da compreensão dos procedimentos de assimilação e de uso da informação na contemporaneidade, que foram objeto desta pesquisa. Questões como busca, necessidade e uso de informação; os diversos conceitos de informação elaborados no âmbito da ciência da informação; os processos de produção e de recepção da informação e as diferentes formas de o usuário acessar informações significantes são aqui apresentadas e discutidas. O capítulo três traz reflexões sobre as transformações contemporâneas da realidade, referentes às mudanças na maneira de pensar e agir da sociedade, as quais têm implicações na subjetividade e nas relações sociais do sujeito pós-moderno. Este, a partir de planejamentos e escolhas, define seu estilo de vida e constrói sua auto-identidade. A reflexividade, em suas vertentes prática, estética e cognitiva, e como conceito básico do dinamismo social, passa a ser fundamental em todo o processo de construção de si.

Ao considerarmos que o homem seja seu corpo, e que através dele participe do mundo, discutimos no quarto capítulo a concepção histórica do corpo e dos seus usos sociais. O sujeito, ao se torna gestor do próprio corpo, usa as diversas possibilidades de escolhas para definir a aparência, a postura, a sensualidade e os regimes corporais. As diversas práticas de autogestão corporal têm como alvo certo padrão de beleza socialmente disseminado, com suporte nas informações divulgadas pela mídia, pelos especialistas e pelo fluxo informacional resultante das relações face a face e do próprio corpo como fonte de informação, possibilitando o confronto das decisões tomadas e os seus conseqüentes riscos. O quinto capítulo aborda questões metodológicas da pesquisa empírica. Os sexto e sétimo capítulos estão relacionados à apresentação e à discussão dos dados obtidos, com vistas à consecução dos objetivos desta tese. Seguem-se as considerações finais, contendo perspectivas em relação à influência da informação para a condução de projetos pessoais e sugestões de alguns temas para futuras pesquisas. Ao final, listagem das fontes consultadas para a produção do presente documento, além da transcrição, na íntegra, do instrumento de coleta empregado para a pesquisa empírica, apresentado como apêndice.

2 A INFORMAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

A informação faz parte da vida cotidiana dos indivíduos, sendo sua busca inerente à própria ação social (DEFINIR) de modo a orientar a prática, o agir na sociedade contemporânea. A busca pela e o uso da informação pelos indivíduos envolvem mecanismos complexos relativos aos processos de produção da, e de acesso à informação e aos modos como a informação adquire importância e significado para os indivíduos. O objetivo deste capítulo é, portanto, discutir aspectos relativos aos processos de assimilação da informação pelo sujeito.

2.1 Informação: conceitos, necessidade e busca na sociedade contemporânea

A informação é fundamental para a sobrevivência do homem. Possibilita sua necessária interação com o ambiente em que vive. A informação remonta à antiguidade mas sofreu várias adaptações de sentido ao longo do tempo, apresentando o termo hoje caráter ambíguo, relacionando-se a comunicação, dado, instrução e conhecimento. O destaque maior ao termo, todavia, data deste século, a partir de seu uso como fator de produção no âmbito da economia mundial, tendo como suporte os estoques de conhecimento produzidos e disseminados através das tecnologias da informação e da comunicação.

De acordo com Kumar (1997) a concepção atual de informação, como conceito e como ideologia, está associada ao desenvolvimento do computador durante os anos da guerra e o período imediatamente posterior. Embora de origem militar, a revolução da informação não restringiu seus usos e efeitos a tal fim. A necessidade de informação e de comunicação tornou-se imprescindível tanto para as instituições como para os indivíduos. Informação, na atualidade, é vista como recurso estratégico e agente transformador da sociedade. Cardoso (1996, p.71) defende sua

¹ Assimilação é o misto de sensibilidade, percepção e apropriação da informação. Esta é reconhecida como tal pelo receptor, atuando na alteração do estoque de saber por acréscimo, modificação ou sedimentação do que já está estocado (BARRETO, 2003, p.22).

importância ao afirmar que “[...] sobre ela repousa boa parte dos elementos que tornam a contemporaneidade diversa de uma época ainda pouco distante.”

A discussão sobre o papel da informação na sociedade contemporânea envolve questões como: o que é informação, como os sujeitos buscam satisfazer suas necessidades de informação, como a informação é disseminada socialmente (produção e recepção da informação). Além disso, é imprescindível abordar o acesso à informação nas mídias impressa, eletrônica e digital, consideradas na atualidade como os principais veículos de transmissão de valores sociais. Para Santaella (1992, p.14), a mídia como produtora de cultura, deve ser estudada a partir da crescente diversidade de veículos de comunicação, em que cada um tem função específica e diferencial, produzindo no receptor efeitos perceptivos e comunicativos também específicos e diferenciados. Na perspectiva da ‘cultura das mídias’ a ênfase ocorre na informação como elemento essencial de todo processo comunicativo (produção e recepção).

É inegável o valor que a informação adquiriu nos últimos tempos. O aumento da circularidade da informação, sua aplicação técnica no contexto social, a legitimação do conhecimento especializado tornam evidente sua importância alcançada no contexto social. No entanto, informação é um daqueles termos de difícil definição. Está presente no cotidiano dos indivíduos, mas não é, de modo algum, um conceito preciso. Vários autores, como Horton Jr. (1979), Belkin (1978), Saracevic (1996), Buckland (1991), Barreto (1994), Cardoso (1996), Sveiby (1998) e outros, partindo de diferentes perspectivas, discutem o conceito de informação. Na linha mais tradicional, Horton Jr. (1979) considera importante a relação entre dados, informação e conhecimento. A relação se dá num ciclo, no qual o primeiro estágio é constituído pelo fato, quando este emerge, ou pelos dados, quando são gerados. Os fatos e os dados constituem matéria bruta para a informação. Em estágio intermediário, os dados são coletados, registrados, analisados, processados e transformados. No terceiro estágio, os dados são utilizados e aplicados, fazendo sentido para o usuário e se tornam informação. O uso da informação conduz à geração de conhecimento. Horton Jr. (1979) sintetiza sua idéia afirmando que dados e fatos, que envolvem as perguntas o que? quem? onde?, ocupam a memória; somente a informação, que se refere a como? porquê? alimenta o intelecto.

Saracevic (1996) elabora quatro definições: informação como seleção de um grupo de mensagens conduzindo à redução de incerteza (influência de Shannon); como significado que as pessoas atribuem aos dados através de representações convencionais; como estrutura de qualquer texto, capaz de mudar a estrutura mental do usuário; como dados de valor para tomada de decisão. Buckland (1991) parece sintetizar as idéias desenvolvidas pelos autores acima ao considerar três momentos de ocorrência da informação: informação como coisa (dados, fatos, eventos), informação como processo (sentido ou significado atribuído ao dado), informação como conhecimento (inteligência), processo intelectual de geração do conhecimento. Sveiby (1998) acrescenta que, uma vez explicitado, esse conhecimento é transmitido socialmente através da informação, sendo que cabe ao receptor atribuir-lhe algum tipo de significado.

Belkin (1978), ao tentar conceituar informação, torna evidente as dificuldades inerentes a essa questão. Para o autor, três requisitos essenciais devem ser considerados: metodológico, comportamental e de definição. O requisito de definição deve considerar que a informação implique processo proposital e significativo de comunicação entre a fonte e o usuário, envolvendo a questão do desejo de informação bem como seu efeito sobre o usuário. O requisito comportamental deve considerar o efeito variável da informação sobre o usuário, e, resalte-se, tal efeito depende do estado de conhecimento e de experiência do usuário. Como as pessoas possuem níveis diferenciados de experiência e conhecimento, a mesma informação terá efeito diferenciado nos indivíduos, e como o estado de conhecimento e de experiência é algo dinâmico, a mesma informação em momentos diferentes produzirá efeitos, também, diferentes no mesmo indivíduo. Outra variável comportamental deve ser considerada nessa questão do efeito da informação sobre o usuário: o nível de confiabilidade em relação ao produtor da informação. Se se origina de sistema perito ou especialista, o receptor será mais fortemente afetado pela informação disponibilizada. O último requisito, o metodológico, deve considerar que o conceito de informação esteja diretamente relacionado ao uso que se fará dele. Na área da ciência da informação, por exemplo, há necessidade de o conceito de informação ser generalizável, capaz de oferecer meios de prever o efeito da informação, fato complexo devido às especificidades de recepção da informação, sendo provável que o conceito adquira caráter mais explicativo e menos preditivo.

Dervin e Nilan (1986) realizaram extensa revisão de literatura a partir da conceituação de informação de diversos estudos, dividindo os conceitos em dois paradigmas: o tradicional e o alternativo. O paradigma tradicional concebe a informação de maneira objetiva e os usuários como meros processadores de informação. Os estudos a partir dessa perspectiva centram o foco no sistema (ou fonte) de informação, que busca conhecer basicamente 'o que' os usuários utilizam em tais sistemas, e por isso, a necessidade de informação vem a se definir em termos daquilo que o sistema possui e não do que os usuários pensam que precisam. O paradigma alternativo, por sua vez, enfatiza o usuário, detendo-se sobre o sistema somente para compreender como ele é visto pelo usuário, ou melhor, 'como' o usuário faz uso daquilo que o sistema disponibiliza. Os diversos estudos voltados para esse paradigma apontam para novas formas de compreender a informação e para a necessidade de informação do usuário. A informação passa a ser vista como algo construído pelos indivíduos e esses são considerados sujeitos em constante processo de construção, seres dinâmicos e livres na criação de situações.

Três abordagens são ressaltadas por Dervin e Nilan (1986) como representantes do paradigma alternativo: a do valor para o usuário (*user-values*), a da produção de sentido (*sense-making*), e a do estado anômalo do conhecimento (ASK). A abordagem do valor da informação para o usuário procura identificar diferentes classes de problemas, relacioná-las a diferentes características da informação e determinar como os usuários lidam com tais problemas. O valor da informação é avaliado a partir de critérios de relevância para os usuários. A abordagem do *sense-making*, apresenta premissas conceituais e metodológicas na avaliação de como os indivíduos conferem sentido à sua realidade e como utilizam a informação e outros recursos nesse processo. O usuário é considerado ser ativo, que constrói sentidos. A necessidade de informação é vista como condição ou situação em que tal sentido interno se esgote levando o indivíduo a nova situação de busca de construção de sentido. Tem-se aí o modelo conhecido como situação-lacuna-uso. O modelo prevê a categorização das situações, das lacunas e dos usos da informação no processo de construção de sentido do mundo.

A abordagem do estado anômalo do conhecimento evidencia os processos de busca de informação a partir da percepção de irregularidade, de anomalia de

conhecimento em determinado assunto. Essa abordagem é defendida por Belkin (1978), que considera que a informação esteja relacionada ao estado de conhecimento do usuário. Este, ao reconhecer certa falta de conhecimento (estado de anomalia) em determinado assunto, transforma o estado de anomalia do conhecimento (*anomalous state of knowledge* – ASK) em estrutura comunicável (uma pergunta) a ser usada para recuperar a informação, ou o conjunto de informação, que seja apropriada para resolver a anomalia. Tal ponto de vista cognitivo considera que os estados de conhecimento e crenças do usuário interagem com o que ele recebe de informação, favorecendo o modo de ver e interpretar o mundo.

Outros estudiosos relacionam informação a conhecimento. Para Barreto (1994, p.3), a informação é “[...] instrumento modificador da consciência do homem e de seu grupo”. Ao ser adequadamente assimilada, a informação resulta em conhecimento, modificando o estoque mental de informações, ou seja, as representações sociais dos sujeitos, proporcionando benefícios ao desenvolvimento pessoal e coletivo. Como mediadora na produção do conhecimento, a informação se constitui, em forma e substância, em “estruturas significantes” com potencial de permitir o conhecimento para o indivíduo e seu grupo.

Mesmo corroborando a concepção de que informação leve ao conhecimento, sendo capaz de provocar mudanças, de favorecer ações conscientes nos indivíduos, Cardoso (1996) antes de mais nada, considera a informação um ‘instituinte de cultura’, pois apresenta alternativas para a ação. Discute duas dimensões da informação, intrinsecamente conectadas: a pessoal e a coletiva. A dimensão pessoal dá-se ao longo de nossas vidas pelo acúmulo de informações, as quais favorecem e fornecem pistas, dados para a interpretação e resolução de novas experiências. A dimensão coletiva, por outro lado, é vista pelos “[...] fragmentos do conhecimento produzido desde que o mundo é mundo, ou seja, as sistematizações e interpretações de experiências disponibilizadas socialmente [...]”, sendo que essa disponibilidade ocorre de forma diferenciada entre os indivíduos, considerando-se, principalmente, “[...] os lugares que ocupam na estrutura social” (CARDOSO, 1996, p.72). As duas dimensões estão intimamente interrelacionadas, pois a informação só existe ao ser transmitida ou compartilhada no processo de comunicação, ou seja, através da interação entre os sujeitos, vinculada pela herança cultural própria do

grupo ao qual pertencem. O fluxo de informação é uma prática intersubjetiva. A informação assume, no momento atual, o lugar anteriormente ocupado pelo conhecimento como orientador das ações sociais dos indivíduos.

A transmissão da informação ocorre através do ato comunicativo por meio de suporte técnico, eletrônico ou digital, tendo a linguagem como elo de associação entre o significante e o significado (LE COADIC, 1996). Exemplo desse processo é o da informação veiculada pela mídia. De fato, para Santaella (1992), não há comunicação sem informação. A transmissão de informação exige um canal ou veículo através do qual a informação transite, sendo que a comunicação ou a ligação entre emissor e receptor ocorre quando compartilham, pelo menos parcialmente, do código através do qual a informação se organiza na forma de mensagem. Daí poder-se afirmar que todo ato comunicativo envolve informação, ocorrendo através de sujeitos (emissor e receptor), mediado por um canal ou veículo, ou através de um código comum, a linguagem, na relação face a face.

Diante do exposto, consideramos, portanto, que a informação acontece através da comunicação, e uma vez que adquira significado e é assimilada pelo indivíduo, tem potencial para transformar-se em conhecimento e orientar a tomada de decisão que leva à ação.

Nesse contexto conceitual, outros termos se manifestam, tais como: necessidade, busca e uso da informação. De acordo com Le Coadic (1996), o uso da informação é a utilização de informação para satisfazer determinada necessidade, devendo ser pensado em termos dos efeitos decorrentes das atividades diárias dos indivíduos. Observa-se que necessidade, busca e uso de informação são interdependentes, pois influenciam reciprocamente o comportamento do usuário. De modo que, para entender por que as pessoas se empenham em buscar ou não informação, é necessário compreender seus níveis de necessidades de informação.

A necessidade de informação, na sociedade contemporânea, parece constituir-se necessidade básica, mas por não ser a informação partilhada da mesma maneira por todos é mais apropriado considerar tal necessidade derivada de outras

¹ Esse ciclo pode ser considerado simplista, mas é o esquema básico de compartilhamento de informação, derivado da idéia de Shannon.

necessidades. Le Coadic (1996) entende que a necessidade de informação possa ser derivada de dois tipos de necessidades: (1) de conhecimento ou do desejo de saber sobre algo, e (2) em função da ação social, que envolve atividade profissional ou pessoal. Nesta última, as interações face a face, como fonte de informação, são muito importantes, diferentemente da necessidade de informação derivada da atividade profissional, em que as fontes formais são mais apropriadas. Assim, dependendo da necessidade de informação do indivíduo, ocorre a definição por sua busca (ou não) e através de determinada(s) fonte(s).

Os estudos das necessidades, de busca e uso de informação na área da ciência da informação procuram compreender como o usuário age para satisfazer suas necessidades de informação, mas tais estudos esbarram em dificuldades, pois à exceção de alguns casos bastante específicos, geralmente os indivíduos não conseguem determinar claramente o que querem, o que desejam. A informação, considerada elemento carregado de potencial de sentido, exige amplas perspectivas de análise. Além do processo de busca da informação, é necessário também considerar o acesso dos indivíduos às informações.

2.2 Acesso à e uso da informação

Uma das características da sociedade atual é a diversidade de fontes de acesso à informação disponibilizadas a partir do desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação. Tal variedade dificulta a classificação precisa dessas fontes. Em estudos sobre uso e avaliação de fontes de informação em organizações empresariais, Choo, citado por Barbosa (1997), dividiu-as em 4 grupos interrelacionados: internas e externas, pessoais e impessoais. As pessoais e impessoais, são também consideradas informais e formais. As fontes pessoais se caracterizam pelas relações face a face, sendo as fontes pessoais externas consideradas a partir do contato com clientes, concorrentes, contatos com outras empresas ou profissionais. As fontes pessoais internas são constituídas dos superiores hierárquicos, gerentes, dos diversos funcionários. As fontes impessoais

¹ CHOO, C. W. Perception and use of information sources by chief executives in environmental scanning. *Library and Information Science Research*, v.16, p.23-40, 1994.

internas se referem aos documentos circulantes na empresa, tais como memorandos, relatórios, estudos internos, biblioteca e serviços de informação eletrônicos da organização. As fontes impessoais externas incluem principalmente as diversas mídias, como jornais, periódicos diversos, rádio, televisão.

Embora tal classificação se relacione a instituições empresariais, pode ser aplicada aos indivíduos, em situação profissional ou pessoal. A informação é inerente às ações sociais, sendo que, de modo geral, todos mantêm contatos, uns mais outros menos, com diversas fontes de informação, pessoais e impessoais, internas e externas. No entanto, como bem esclarece Barreto (1994), numa realidade caracterizada por desajustes econômicos, políticos e sociais como a do nosso país, a disponibilidade da informação ou a possibilidade de acesso à informação, não significa necessariamente a sua democratização nem mesmo o seu uso por parte dos sujeitos receptores ou usuários da informação. Muitas vezes, a informação que chega ao usuário não adquire significado, deixando, portanto, de ser assimilada. A democratização da informação deve envolver mecanismos que facilitem e promovam o acesso à informação; devem também proporcionar condições ao usuário de organizar a informação recebida, transformando-a em estrutura significativa, de modo a orientar suas ações. Considerando-se as várias assimetrias existentes no acesso à informação, as quais envolvem diferentes aspectos, em níveis global (entre países), local (entre diferentes grupos sociais) e individual (indivíduos com diferentes níveis de experiência e conhecimento), podemos considerar que “no contexto da chamada sociedade da informação coexiste uma sociedade da desinformação” (RIOS, DUARTE, MELO, 1999, p.181).

A informação, vista como produto, pode ser associada ao conhecimento *a priori* do produtor da informação, ou seja, das diversas fontes que emitem informação. Sendo essa emissão intencional, arbitrária e contingente, deveria procurar atingir seu destino, qual seja, o de possibilitar o conhecimento, de ajudar o indivíduo a compreender sua realidade e orientar suas ações (PIROLO, 1996). Nessa perspectiva, a informação caminhará ao lado do homem na construção da cidadania, tornando a questão do acesso algo primordial, pois o direito à informação antecede a prática de direitos humanos. Esse acesso deveria contemplar não apenas o indivíduo, mas envolver o coletivo, visto que o homem vive em sociedade. No entanto, as assimetrias de acesso à informação e os vários interesses envolvidos

na seleção da informação a ser disponibilizada pelas diversas fontes mostram que o acesso a informação é sempre uma realidade parcial.

Como Demo (2000, p.40) explicita, “[...] em certo sentido, todo processo informativo é manipulador, porque seleciona a informação disponível, além de interpretá-la hermeneuticamente [...]” Significa dizer que a produção/emissão da informação esteja relacionada a processos de reunião, seleção, codificação, delimitação, classificação e armazenamento, os quais derivam de formas de organização e controle de ‘estoques de informação’ para uso instantâneo ou posterior. Seus produtores geralmente são instituições públicas ou privadas que organizam as informações a serem distribuídas, filtram as informações que consideram importantes e que devem ser disponibilizadas, processo de seleção da informação conhecido como *gatekeeping*. No entanto, embora os produtores de informação induzam sobre o que pensar, não podem determinar como o indivíduo pode ou deve pensar. Para Barreto (1994, p.8):

O produtor de informação tem condições de manipular a disponibilidade e o acesso à informação. Contudo, não pode determinar o seu uso e, principalmente, a assimilação que produz o conhecimento. No mundo da produção e distribuição da informação, a oferta pode criar a demanda, mas não pode transformar esta demanda em ação dinâmica e diferenciadora, que através da assimilação gera conhecimento e promove o desenvolvimento, destino final da informação como fenômeno cognível.

No outro extremo do fluxo de informação encontra-se o receptor ou usuário da informação. A recepção da informação não pode ser vista como um ato mecânico de receber uma informação, com significado acabado, construído, ao outro lado do processo (MARTÍN-BARBERO, 1995). Se assim fosse, a recepção seria apenas um ponto de chegada e nunca de partida, isto é, um lugar de produção de sentidos. Na verdade a recepção deve ser pensada do ponto de vista segundo o qual o receptor/usuário é quem constrói o sentido da informação, sendo um espaço de interação, de construção social, no qual a relação do receptor com o produtor deixa de ser passiva e adquire mais autonomia (FAUSTO NETO, 1995). Embora a recepção esteja condicionada pela produção através da seleção do conteúdo e da qualidade do que é posto à disposição do usuário, o receptor/usuário já é visto com muito mais poder de apropriação, pois através da interação social, da circulação de

discursos ele constrói o sentido da informação recebida. Estudos recentes sobre a recepção estão mais interessados em perceber os modos como as informações adquirem sentido e não apenas como interagem com os aparatos técnicos do mundo contemporâneo (MARTIN-BARBERO, 1995).

É importante perceber, portanto, não somente como os sujeitos acessam as informações, mas também os sentidos que estas adquirem no cotidiano. Estudos sobre telenovelas, por exemplo, mais do que buscar a significação do próprio texto, procuram compreender a circulação de significação da informação incorporada pelos sujeitos, a difusão de representações sociais (ALEXANDRE, 2001; ANDRADE, 2002). Para Martín-Barbero (1995, p.58) “[...] é contando a telenovela uns aos outros que se constrói o seu sentido [...] É nessa circulação de discursos que se constrói o sentido que finalmente a novela vai ter para um grupo social determinado.” É através da troca de informação entre os indivíduos, que as diversas informações recebidas são incorporadas ao cotidiano, adquirindo significado apropriado aos interesses dos sujeitos. Os usuários da informação também selecionam e filtram as informações que recebem. Como Demo (2000, p.39) enfatiza, quando construímos a informação agimos seletivamente diante das inúmeras informações disponibilizadas, acionando dois vetores subjetivos, ou seja “[...] selecionamos o que é possível captar, sem falar que preferimos o que nos interessa.”

Como podemos perceber, diversos fatores condicionam formas específicas de acesso à e uso da informação, significando dizer que o ato comunicativo, no qual a informação é intencionalmente transmitida, admite possibilidades e imprevisibilidades perante os usuários que fogem ao controle dos produtores da informação. O conteúdo informativo pode ou não ser captado pelo receptor. E quando é captado, pode ou não ser um ato consciente. “[...] Se é ou não captado e consciente, é algo totalmente imponderável e casual, visto que não há nada que possa controlar sua transmissão [...]” (SANTAELLA, 1992, p.15). O processo de comunicação permite, portanto, certa margem de informação transmitida à revelia da intencionalidade dos seus produtores. Devido ao caráter reflexivo do conhecimento, o controle e a manipulação completa das informações disseminados pelas diversas fontes são claramente descartados. A reflexividade⁴, vista como a apropriação reflexiva da informação, parece ser o ponto chave da dificuldade, pois a aquisição e

¹ Conceito abordado de forma mais aprofundada no capítulo seguinte.

a assimilação do conhecimento institucionalizado ocorrem de maneira distinta em cada indivíduo, dificultando ou eliminando o potencial de controle da informação.

2.3 Informação e mídia

Mesmo considerando as diversas fontes produtoras de informação na sociedade contemporânea, o que se observa é que as fontes formais externas, constituídas pelas diversas mídias, mais especificamente a televisão, têm-se constituído a principal fonte de acesso à informação na sociedade brasileira. Estudos do IBGE indicam que em 2000, mais de 90 por cento das residências do nosso país possuíam pelo menos um aparelho de televisão. Comparativamente, os jornais brasileiros juntos atingem diariamente aproximadamente 5% da população, e isso considerando-se que cada jornal seja lido por duas pessoas (ZARUR, 2001). Devido ao enorme acesso à e aceitação da televisão, muitos dos novos segmentos, principalmente o segmento dito mais popular, que ampliou significativamente o acesso à informação escrita através de novos jornais e revistas, usam da mesma linguagem empregada pela televisão, ou seja, informal, com informações estanques e superficiais, com pouco texto e muita imagem.

Devido a isso, muitos estudos sobre os efeitos da recepção das informações através das mídias, atêm-se principalmente à televisão, discutindo diferentes aspectos os quais, em conjunto, possibilitam compreender a influência das informações sobre as ações cotidianas dos indivíduos na sociedade atual. Giddens (1997a) examina dois importantes aspectos: o efeito de colagem e a intromissão de acontecimentos distantes na consciência cotidiana. O primeiro, o efeito de colagem, ocorre através da apresentação na mídia de eventos de certa forma descontextualizados, na configuração de “[...] justaposição de histórias e itens que nada têm em comum além do facto de serem ‘oportunos’ e conseqüentes” (GIDDENS, 1997a, p.23). Vistas dessa maneira, as informações divulgadas pelos meios de comunicação são consideradas como “um grande mosaico, sem estrutura lógica aparente, composto de informações desconexas, em geral descontextualizadas e recebidas individualmente, não instaurando portanto um verdadeiro processo de comunicação” (BETTI, 2001, p.125). As informações assim

caracterizadas podem ser consideradas como sem narrativa e até mesmo com redução de sentido. No entanto, a mistura caótica de signos e a apresentação sucessiva de eventos apresentam, na verdade, ordenamento próprio da realidade atual, no qual as noções de espaço e de tempo foram transformadas, tendo, praticamente, ocasionado a evaporação da força local. As informações descontextualizadas, “[...] não resultam, evidentemente, numa única narrativa, mas dependem de, e de certa forma exprimem, unicidade de pensamento e consciência.” (GIDDENS, 1997a, p.23)

O segundo aspecto, a intromissão constante de acontecimentos distantes na consciência cotidiana dos indivíduos, faz com que os acontecimentos relatados na mídia sejam assimilados pelo sujeito como externos e remotos, entretanto, absorvidos, em sua maioria, de forma rotineira na vida diária. A familiaridade gerada pela mídia pode suscitar sentimentos de ‘inversão da realidade’: os objetos ou situações reais, quando comparados, podem assumir existência menos concreta do que a sua representação na mídia. A reiterada apresentação de experiências dramáticas como morte, doenças, violência, e mesmo de estímulo à sexualidade nos meios de comunicação, não tão freqüentes no cotidiano pessoal dos indivíduos, pode ser psicologicamente problemática, levando à banalização da realidade (BAUDRILLARD, 1991). Esse fato demonstra que a mídia não espelha a realidade, mas de certa maneira forma-na, mas não significa dizer que, necessariamente cria um reino autônomo de ‘hiper-realidade’, no qual o signo ou a imagem seja tudo.

Thompson (1999) discute outra questão referente às informações na mídia: o efeito multiplicador de mobilidade. Para o autor, ao colocar à disposição da sociedade enorme variedade de informações sobre outros mundos, a mídia desperta em seus receptores o desejo ou a necessidade de viagem física ou imaginária. Isso permite que as pessoas se distanciem (física ou imaginariamente) de sua realidade e se interessem por questões fora do seu dia-a-dia. Essa relação receptiva no que concerne às informações veiculadas nas diversas mídias proporciona ao indivíduo tomar conhecimento de outras realidades e imaginar alternativas para a sua própria

¹ Exemplo disso pode ser a ‘guerra de informação’ que ocorreu durante o conflito entre Estados Unidos e Iraque, iniciado em março de 2003. Diariamente, dependendo da fonte de informação, versões diferentes de um mesmo episódio eram apresentadas. Isso serviu para confundir a opinião pública, criando incertezas e inseguranças quanto a confiar ou não nas informações amplamente divulgadas.

vida. Pode, ainda, favorecer o confronto de poder e de autoridade, no momento em que as pessoas, tendo acesso a outras formas de convivência social, podem enfrentar novas formas de conflito, questionar suas condições e possibilidades de vida. Thompson (1999) reconhece que as informações disseminadas na mídia podem ser utilizadas tanto para desafiar e enfraquecer as tradições, como para ampliar e fortalecer suas formas de atuação, o que pode justificar a persistência de algumas formas tradicionais de viver, como o fundamentalismo religioso no Oriente e/ou diversos movimentos religiosos em toda parte do mundo.

Outro ponto importante a se considerar em relação às informações veiculadas pelas mídias, principalmente através das imagens televisivas, é o fato de que elas procurem atingir o indivíduo essencialmente pela emoção, ocasionando transferências emotivas através de mecanismos de identificação e de projeção (MARTINO, 2003, p.79). Esses mecanismos, embora aconteçam na relação direta, face a face entre sujeitos, são bastante comuns na interação mediada pelos meios de comunicação. Ocorrem muito mais em relação ao personagem (informacional ou ficcional) do que ao objeto da informação. A identificação se configura quando o usuário da informação se coloca na posição do personagem, concebendo-o como reflexo de sua situação, de suas expectativas e sonhos. Na projeção, o receptor estende seus próprios sentimentos ao personagem.

Exemplo marcante de transferência emotiva é o da relação do fã com seu ídolo. O culto às celebridades é um dos fenômenos mais característicos da realidade atual, em que a vida de pessoas famosas – atrizes, atores, cantores, jogadores, modelos, artistas e campeões –, torna-se pública, servindo de modelo para pessoas comuns. São os olímpianos, assim considerados por Morin (1977, p.106-7):

Os novos olímpianos são, simultaneamente, magnetizados no imaginário e no real, simultaneamente, ideais inimitáveis; sua dupla natureza é análoga à dupla natureza teológica do herói-deus da religião cristã: olímpianos e olímpianas são sobre-humanos no papel que eles encarnam, humanos na existência privada que eles levam. A imprensa de massa, ao mesmo tempo que investe os olímpianos de um papel mitológico, mergulha em suas vidas privadas a fim de extrair delas a substância humana que permite a identificação (...) Os olímpianos, por meio de sua dupla natureza, divina e humana, efetuam a circulação permanente entre o mundo da projeção e o mundo da identificação (...) se tornam *modelos de cultura* no sentido etnográfico do termo, isto é, modelos de vida. São heróis modelos.

Ayrton Senna, Gustavo Kuerten, Ronaldinho, Gisele Bündchen e Xuxa são apenas alguns exemplos de celebridades com forte empatia junto ao grande público, que se tornaram, devido à superexposição na mídia, ídolos, heróis modelos. A mídia transmite valores sociais que são assimilados e reproduzidos pelos usuários e de certa forma, colaboram para o fortalecimento de valores nacionais ao exibir programas e reportagens que tematizam acontecimentos históricos ou feitos 'heróicos' que dignificam a imagem brasileira. No entanto, a cultura transmitida é, predominantemente, a cultura de centros mais ricos em detrimento da de periferia. Podemos observar facilmente o predomínio de informações e imagens de estados como Rio de Janeiro e São Paulo e a supremacia da estética estrangeira, quase exclusivamente dos Estados Unidos, na seleção de filmes, seriados, desenhos, etc. (ZARUR, 2001).

As questões discutidas por Giddens (1997a), Thompson (1999) e Martino (2003) sobre os efeitos da mídia estão intrinsecamente inter-relacionadas. A disseminação (intromissão) de numerosos e diversificados fatos ocorridos no mundo, apresentados de forma descontextualizada e de certo modo desordenada – caracterizando o efeito de colagem – adquirem sentido próprio para o receptor da informação. Quando introduzidos na vida das pessoas, os fatos são confrontados e comparados com sua realidade concreta. Apela para o lado emocional, fazendo com que haja identificação e até mesmo projeção dos sentimentos dos receptores/usuários da informação em relação a situações ou acontecimentos. Podem suscitar percepções e comparações de mundos, provocar diferentes perspectivas e atitudes, mas, em geral, dentro de limites que permitem aos indivíduos diferenciarem o real do virtual. Assim, mesmo quando comparam sua realidade com outras, distantes e distintas, são capazes de perceber suas fronteiras e possibilidades. As pessoas não percebem sua vida como deterministicamente traçada.

No entanto, o fato de a televisão ser a fonte de informação quase que exclusiva da maioria dos brasileiros, e admitindo-se, ainda, certa tendência de

¹ Com exceção, é claro, de nações onde a democracia seja sufocada por ações de governos ditatoriais ou em casos individuais patológicos.

uniformidade no formato das mídias em relação à televisão, a capacidade de reflexão dos usuários da informação fica bastante restrita. O ideal seria o acesso a diferentes fontes de informação, com diferentes pontos de vista. Santaella (1992) discute essa questão quando trata da cultura das mídias. Para a autora, cada mídia (revistas, jornais, televisão, internet), devido à sua natureza, apresenta potenciais e limites próprios, não sendo nunca idênticos. A informação tratada em cada mídia pode ser apreendida de forma diferenciada a partir de diversos ângulos percebidos pelo receptor/usuário da informação à medida que ele passe de uma mídia a outra: de ouvinte a espectador, de espectador a leitor, de leitor a ouvinte. Na multiplicidade de fontes de informação o indivíduo forma sua opinião, criando significado sobre o mundo à sua volta. Teríamos assim o receptor-ideal, aquele que usa suportes informativos diferenciados, ou seja, que tem poder aquisitivo suficiente para acessar vários meios de informação, como tv à cabo, revistas e jornais, internet, podendo assim comparar diferentes fontes e desenvolver seu senso crítico (SANTAELLA, 1992; DEMO, 2000).

O potencial para a multidimensionalidade da informação apresenta-se incipiente e o efeito principal disso é a substituição de uma cultura fundamentada nas letras pela cultura audiovisual da televisão (ZARUR, 2001). Não podemos, portanto, ignorar muitas críticas a respeito da superficialidade das informações veiculadas na mídia, indicando a dissociação entre informação e conhecimento. Para Breen (2001) esse fato é bastante evidente no momento atual. A informação disseminada é extremamente utilitária, esvaziada de conhecimento, e esse fato parece vir acompanhado da ausência de crítica estruturada por parte daqueles que poderiam fazê-la, os pesquisadores, estudiosos, ou seja, os especialistas do conhecimento. A informação, nessa perspectiva, infiltra-se na vida cotidiana das pessoas, sendo bastante evidente no universo do consumo. Através da publicidade, as pessoas são encorajadas a consumir produtos, os quais são apresentados destituídos de qualquer relação de causa-efeito, ou seja, sem o necessário debate das implicações decorrentes de seu uso. O autor refere-se aos produtos digitais, mas nesse aspecto, qualquer outro produto é exemplar. Em relação aos cuidados do corpo, podemos afirmar que as informações divulgadas na mídia estimulam o uso de diversos produtos como meio de manter a saúde e a beleza, sugerindo que exista apenas o aspecto positivo da questão, encobrendo os interesses puramente

mercadológicos, bem como os possíveis efeitos nocivos do produto, tanto pelo uso inadequado como pelo excesso de uso.

Segundo Breen (2001, p.159), essa é a 'política da conveniência', na qual os consumidores são encorajados a utilizar os produtos sem a preocupação com sua origem, os possíveis danos, ou seja, sem as implicações decorrentes do seu uso. Na verdade, as informações divulgadas não encorajam os consumidores a questionar, teorizar, problematizar a própria vida. No universo do consumo, o produto é apresentado totalmente dissociado da realidade, como “[...] parte do contínuo observado na desconexão com a racionalidade, na qual a causalidade se evapora, uma vez que os elos na cadeia da história não mais nos relacionam ao sentido de quem somos e ao que somos, ou de onde viemos [...]”, ou mesmo para onde vamos. Importa o aqui e o agora. O que interessa é o indivíduo usufruir das possibilidades do consumo, dos prazeres resultantes do uso dos produtos, sem se importar com o que vem antes ou depois.

Percebemos que diferentes fontes de informação, informais e formais, internas e externas, promovem o fluxo informacional na atualidade. As formas de aquisição de informação são interdependentes, pois como visto, a informação adquire sentido na interação com o outro. Entendemos, portanto, a necessidade de discutir e compreender os diferentes modos de assimilação e uso da informação: em condições presenciais e em ausência dos interlocutores, mediada pelas tecnologias da informação e da comunicação.

2.4 Apropriação da informação: face a face e em ausência dos interlocutores

Na sociedade contemporânea, a apropriação da informação é bem mais complexa, ocorrendo tanto através da interação face a face como em ausência dos interlocutores, mediada pelas tecnologias da informação e da comunicação. Na experiência face a face, a troca de informação acontece em local compartilhado por intermédio da comunicação verbal – mediada pela linguagem como sistema social – e da comunicação não-verbal, através da expressão corporal, também considerada sistema social, no qual diversas informações são emitidas, deliberadamente ou não.

Assim sendo, na interação presencial o fluxo de informações possui caráter recíproco e dialógico.

São as interações sociais que tornam concreta a vida cotidiana do indivíduo. Segundo Berger e Luckmann (1990), a vida cotidiana é a própria realidade do indivíduo que, expressa pela interpretação desta realidade, adquire sentido, subjetivamente, na medida em que se constitui mundo coerente, ordenado em torno do aqui e agora. Entretanto, não se limita a isso. A vida cotidiana pode ser vivenciada em diferentes graus de aproximação e distanciamento do espaço-tempo. Na verdade, a realidade da vida cotidiana apresenta-se ao indivíduo como um mundo intersubjetivo, concretizado através da interação com o outro. A situação de estar face a face é a experiência típica da interação social; os demais casos de interação derivam dela.

A interação presencial permite aos atores reconhecer a si como reais. Em casos em que o outro esteja fora do contato interpessoal, como no caso do telefonema, da troca de cartas (ou *e-mails*), mesmo que o interlocutor seja real, somente o será em sentido pleno no encontro pessoal com o outro. Na verdade, na experiência face a face o outro “[...] é mais real para mim que eu próprio [...]” (BERGER; LUCKMANN, 1990, p.47). Isso por que ele se coloca acessível de forma plena, de um jeito que o indivíduo jamais poderá ser para ele mesmo. Por outro lado, é possível supor que o indivíduo conheça a si mesmo melhor do que ao outro, pois sua subjetividade e seu passado lhe são mais acessíveis quando comparados com esse, por mais próximo ou íntimo que ele seja. Mas esse ‘conhecer melhor a si mesmo’ demanda reflexão. Aquilo que o indivíduo é não está disponível a menos que ele detenha, continuamente, atenção em relação a isso. Assim, na interação face a face, o outro se torna acessível continuamente e antecede à reflexão.

No que se refere às interações sociais presenciais, o fluxo de informações entre os interlocutores é de extrema importância para definir a situação e indicar como os participantes devem posicionar-se um perante o outro, para que possam agir da melhor maneira possível. Nelas, as informações verbais e as não-verbais determinam a condução e a efetivação do processo interativo. Geralmente, acontece em relativa correspondência entre os participantes. Ajustes constantes são possíveis e até necessários, no sentido de manutenção do controle da situação, de buscar a simetria e reduzir o poder diferencial entre os interlocutores, o que gera um “[...] ciclo

potencialmente infinito de encobrimento, descobrimento, revelações falsas e redescobertas [...]”, através das informações em jogo. Sob tal prisma, a interação face a face é considerada como “[...] a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata [...]” Na verdade, configura-se como a relação entre indivíduos que se encontram (GOFFMAN, 2001, p. 17).

Na atualidade, em qualquer instituição social, os vários aspectos da interação social face a face tornam explícito o caráter dialógico, de influência recíproca na troca de informação entre os participantes. O fluxo informacional depende de vários aspectos: o local onde ocorre; sob a presença de quem; e de que ou de quem se fala. Na situação de co-presença, o corpo desempenha papel essencial na dinâmica da interação. Além das informações verbais e da simbologia disponibilizada, as informações emitidas pelo corpo são básicas, sobretudo, em face da sua dimensão explícita. Weil (1975), em seu estudo sobre a linguagem do corpo, assegura que o corpo fala sem palavras. O corpo possui linguagem própria e manifesta-se através de várias atitudes, posturas e maneiras de agir. As informações emitidas pelo corpo durante o processo de interação ocorrem independentemente da vontade do sujeito e passam a ter significativa importância para a compreensão da comunicação entre os participantes. A expressão corporal do interlocutor pode ser até três vezes mais significativa do que suas palavras (SVEIBY, 1998, p.49).

Hoje, a interação face a face, como forma de aquisição de informação, concorre com outras formas, em que muitas das situações ora discutidas não se dão entre os participantes. Thompson (1999) aborda dois diferentes tipos de interação social a partir do desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação. Em contraste com a interação face a face, admite a existência da interação mediada pelo uso de meios técnicos (carta, e-mail, telefone) e a quase-interação mediada, através das relações sociais estabelecidas pelas diversas mídias. Para ele, a mídia cria formas diferentes de ação e interação no mundo social, gera novos modos de relacionamentos do indivíduo com os outros e consigo mesmo. Em interação face a face, os participantes dispõem de informações compartilhadas durante o diálogo; na interação mediada, como os participantes acham-se em contextos espaciais e temporais distintos, não têm a mesma condição de inferir quanto à reciprocidade do outro. As manifestações dos integrantes na

interação ficam limitadas. No caso do telefonema, os participantes dispõem principalmente da tonalidade da voz; no caso de carta e de e-mail, os sinais gráficos são as únicas formas que permitem interpretar o grau de interação com o outro. Na quase-interação mediada há enorme variedade de informação disponível e conteúdo simbólico disseminados no espaço e no tempo; no entanto, há poucas “deixas simbólicas”. O que a diferencia das outras formas de interação é que, na quase-interação mediada, as formas simbólicas são produzidas para receptores potenciais indefinidos ao contrário daquelas integrantes da interação face a face e mediada por meios técnicos em que participantes são orientados para o ‘outro’ específico. Nestas, a interação é dialógica, com certo nível de reciprocidade, ao contrário da interação com a mídia em que o fluxo de informação acontece em sentido único, sendo portanto monológica; daí a denominação de quase-interação.

Na quase-interação mediada, a separação espaço-temporal entre os interlocutores proporciona novas formas de interação e, por conseguinte, novas oportunidades e riscos de apreensão de significados da informação. A ausência dos interlocutores torna a interação mais complexa, implicando a necessidade de maior nível de confiança do receptor em relação ao produtor da informação. As interações sociais na atualidade, possuem, pois, características distintas em relação às épocas anteriores, numa mesclagem de relações em presença e em ausência dos interlocutores.

A esse respeito, críticas acerca do desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação e das novas formas de interação social denunciam certa tendência individualista da sociedade, cujos componentes pensam mais em si, tornam-se fechados em seu próprio mundo, deixando de lado as relações próximas e presenciais, e privilegiando as formas impessoais de interação mediada. Haveria, por parte dos indivíduos, maior preocupação com as questões do eu e redução da preocupação com o outro. Ao se fechar sobre questões íntimas, reduziriam sua socialidade. Tal individualismo seria fonte potencial de ansiedade em face das mudanças sociais (SENNET, 1998).

Alguns estudiosos discordam da idéia de que a sociedade atual se caracterize pela erosão da esfera pública (GIDDENS, 1997a, MAFFESOLI, 1996, 1998). Giddens admite que tenha havido avanço dessa esfera em face do amadurecimento das instituições sociais, e que o privatismo (retorno ao íntimo) certamente ocorra em

certos aspectos da vida social, mas outras formas de vida pública se desenvolveram. A diversidade de oportunidades de interação estimula o indivíduo a associar-se a outros com o mesmo interesse, o que possibilita a diversificação de interesses. Nessa perspectiva, Maffesoli (1996, p.159) considera que ocorra movimento contrário, ou seja, há substituição da lógica do individualismo pela lógica da identificação, a qual se distingue pelo desejo de “estar-junto” como um fim em si mesmo. Afirma, então que “[...] o espetáculo cotidiano não está mais acantonado a lugares fechados, capilarizou-se na rede densa do mundo físico e social [...]” As relações sociais adquirem sentido através do vivido e da proximidade (proxemia), de tal modo que o laço social torna-se emocional. Para o autor, o que prevalece nas práticas sociais atuais é a “*lei tribal*”, determinada pela socialidade empática e/ou pelo estar junto à toa, em pequenos grupos, caracterizada pelo “[...] vaivém constante que se estabelece entre a massificação crescente e o desenvolvimento dos microgrupos [...]” chamados tribos (MAFFESOLI, 1998, p. 8).

As interações sociais mediadas pelas tecnologias da informação e da comunicação, ao mesmo tempo em que favorecem relações globais, distanciadas no espaço e no tempo, e desprovidas da inter-relação presencial imediata, têm também estimulado as pessoas a buscar a interação face a face, aderindo a pequenos grupos de interesses comuns, sem objetivos específicos, cujo fator de integração é a identificação entre os participantes. São grupos fluidos, com a finalidade de se reunirem sem um projeto específico, mas que podem apresentar efeitos secundários de ajuda mútua. A base do (neo)tribalismo é a interação face a face, o estar-juntos unidos pela emoção do pertencimento. Podemos afirmar, portanto, que as novas formas de apropriação da informação não estão suplantando as relações presenciais. O estudo de Bretas (2000, p.205) sobre internautas de Belo Horizonte, por exemplo, mostra que os jovens utilizam a internet, possuem conhecimento sobre essa nova mídia, contemplam cada vez mais o virtual, trocam informações em ausência dos interlocutores, mas são capazes de desenvolver maneiras de interagir com amigos no território da cidade. Como acrescenta a autora, “[...] estar conectado à internet significa para eles, antes de mais nada, a possibilidade de projetar o próprio ‘eu’ e ampliar relacionamentos.” Nessa ótica, Bauman (1999) reforça que as (neo)tribos contemporâneas são constituídas por interesses variados e por busca permanente de auto-identificação. A adesão é frágil e se dissipa tão logo a decisão

de pertencimento seja revogada. Não necessita de procedimentos ou permissão para associar-se à tribo ou abandoná-la. A fidelidade existe apenas na decisão de ostentar os traços simbólicos do grupo.

Tudo isso evidencia que a apropriação da informação mediada pelas tecnologias da informação e da comunicação tenha características diferentes da experiência vivida na interação face a face, mas apresenta riqueza de simbologias. Os eventos divulgados pela mídia podem, por exemplo, ser avaliados pelo indivíduo como distantes de sua realidade, podendo ele, com facilidade, se “descolar” para tais cenários, sem alterar o contexto prático de sua vida diária. De forma similar, ao se chocar com o que vê, o indivíduo tem condições de se afastar do cenário e evitar tal experiência. Em outras palavras, pode utilizar, seletivamente, a experiência mediada. Ademais, a experiência de não compartilhamento do mesmo contexto permite que diferentes e numerosos indivíduos acessem a mesma experiência, ou seja, possibilita integrar as pessoas no compartilhamento de experiências comuns. É o caso da telenovela, do ídolo e de outros eventos de impacto, como a guerra, que como vimos, são discutidos e incorporados via contato direto com outros interessados no tema. No caso específico desta pesquisa procuramos investigar a forma como praticantes de musculação buscam e usam informações disseminadas socialmente pelas diversas fontes sobre a cultura corporal, e como essas informações adquirem sentido a partir da relação face a face entre sujeitos com interesses comuns.

A elaboração do presente capítulo visou à compreensão do fenômeno informação na contemporaneidade, uma vez que se constitui foco desta pesquisa. No capítulo que se segue discorreremos sobre a influência da informação na tomada de decisão, tendo a reflexividade e a auto-identidade como conceitos fundamentais.

3 INFORMAÇÃO, REFLEXIVIDADE E AUTO-IDENTIDADE

Neste capítulo analisamos a complexa relação entre reflexividade e auto-identidade, procurando compreender o papel da informação nesse processo. Para tanto discutimos o contexto social atual, enfatizando a análise de Giddens; estudamos a questão da subjetividade, de como ela se constituiu tema central nos debates contemporâneos e como os indivíduos assimilam e usam as informações disseminadas socialmente na condução e construção da auto-identidade.

3.1 O contexto social contemporâneo

Os estudos sobre a realidade atual tentam compreender o processo de desenvolvimento social e as conseqüências resultantes das mudanças que vêm ocorrendo. As opiniões são divergentes, incluindo desde a noção de continuidade até a constatação de ruptura com o passado na construção de uma nova realidade-mundo, a partir principalmente da implementação das novas tecnologias da informação e da comunicação. Enorme variedade de termos tem sido proposta, tais como “sociedade da informação” (Manuel Castells, 1999; Webster, 1995), “sociedade de consumo” (Baudrillard, 1975), – por aqueles que defendem que vivemos novo tipo de sistema social; e ainda, sociedade “pós-moderna” (Kumar, 1997; Lyotard, 2000), “pós-industrial” (Daniel Bell, 1978), – por aqueles que acreditam que vivemos na era “pós”, ou seja, posterior a algo, que entretanto se processa em contínua evolução.

Giddens (1991) afirma que não basta inventar novos termos para compreendermos o que vem acontecendo; é necessário voltarmos o olhar para a própria modernidade, que ainda não foi suficientemente compreendida. Antes de afirmar que estamos iniciando nova era, o autor considera que vivemos as conseqüências da modernidade, cada vez mais radicalizadas e universalizadas. As mudanças ocorridas nos possibilitam até afirmar que vivemos nova e diferente ordem

social, que é pós-moderna, mas bem diferente do que a maioria dos estudiosos chama de “pós-modernidade”.

Não é nossa intenção mergulhar nessa contenda, mas tão-somente tentar entender o impacto das alterações que se vêm processando ao longo de séculos, e que nos parecem bastante evidenciadas na atualidade. Esse fato nos leva, em alguns momentos, a preservar a terminologia utilizada por determinado autor na análise da sociedade contemporânea.

Podemos afirmar que as mudanças transcorridas nas últimas décadas podem ser postas em paralelo com aquelas da segunda metade do século XIX na Europa, resultantes das profundas transformações inauguradas pelo menos dois séculos antes na indústria, na tecnologia e no mundo do trabalho, que influenciaram amplamente o conjunto das relações sociais. A percepção mais adequada de questões atuais, portanto, nos remete à caracterização, mesmo que de forma breve e superficial, da modernidade. Esta vem a ser uma designação abrangente relacionada a amplas modificações sociais, tecnológicas, intelectuais e políticas que se iniciaram em tempo e local determinados pela manifestação e propagação do Iluminismo, sendo a Revolução Industrial e as transformações trazidas pelo capitalismo consideradas os principais veículos de propagação dessa nova ordem, irradiando-se, com rapidez por todo o mundo, afetando os indivíduos, quer em suas práticas sociais quer em sua relação consigo mesmos. As aspirações humanas, advindas da modernidade e conduzidas pela idéia de progresso, verdade e liberdade e apoiadas na ciência e na razão, forjaram de modo duradouro a ideologia de inovação permanente, do seguir sempre em frente, que agora estão sendo questionadas (KUMAR, 1997; FRIDMAN, 2000).

Se a modernidade alterou os contornos do mundo através de conquistas, as transformações que vêm ocorrendo ultimamente nas diversas esferas sociais estão fazendo surgir novos estilos de vida, novas formas de organização social. Se não se projetam em nova ordem, provocam alterações que afetam e modificam a vida das pessoas. São mudanças de valores que estão cedendo espaço para outros tipos de valores mais fluídos, plurais, localistas (MAFFESOLI, 1998). As principais características são o ecletismo, a heterogeneidade, a diferença, e a fragmentação, despertando grande interesse entre estudiosos pós-modernos como Featherstone (1997), Jameson (1997), Kumar (1997), Lyotard (2000). Nessa realidade social, as

análises apontam para o apagamento das linhas divisórias entre os diferentes reinos – econômico, político, social e cultural. Mesmo admitindo o pluralismo e a diversidade social, reconhecem a cultura como setor privilegiado.

Em relação à economia contemporânea, vivemos sob o impacto progressivo da tecnologia flexível, que constitui nova forma de produção e consumo através do uso de máquinas reconfiguráveis, que assimilam informação constantemente renovada e permitem a produção econômica em pequenos lotes, sob o efeito de mercados amplamente segmentados por demandas específicas. A especialização flexível é o resultado dessa forma de produção que busca satisfazer os desejos e as necessidades individuais dos clientes. Assim como a máquina, o próprio trabalhador deve adaptar-se a esse contexto dinâmico, procurando a incorporação constante de informações. O indivíduo deve agir com autonomia e criatividade, e transitar à vontade nesse solo de instabilidade (KUMAR, 1997; FRIDMAN, 2000).

No que se refere à comunicação de massa, observamos que nova cultura, – predominantemente audiovisual, caracterizada pela onipresença da mídia, pela invasão de imagens na vida cotidiana e pela integração entre vídeo, som e bancos de dados –, vem suplantando, como já mencionado, a cultura literária anteriormente dominante. Por outro lado, a produção de narrativas midiáticas criam uma “realidade à parte”, estabelecendo o ambiente no qual se processa a atual expansão do capitalismo através do consumo. “Tudo vira espetáculo”, adverte Fridman (2000, p.16). Reflexões nesse sentido foram formuladas ainda na década de 1960 por Guy Debord (1997), em seu livro *A sociedade do espetáculo*, e posteriormente por Jean Baudrillard (1991) recorrendo ao conceito de simulacros ao discutir a produção de realidade a partir de narrativas midiáticas, que criam um mundo aparente que dispensa a experiência vivida.

Outro fator determinante da atualidade é a expansão da informação e do conhecimento a diversas esferas da vida social. As projeções do projeto iluminista de que o conhecimento abriria caminho para vivermos em segurança nos mundos social e natural falham em suas expectativas de nos fornecer certezas. Ao invés disso, o mundo vem se mostrando carregado de riscos e perigos, dos quais tomamos consciência a partir do processo de contínua implementação reflexiva desse conhecimento (Giddens, 1991; Beck, 1997). A ciência, como uma das “grandes narrativas” da modernidade, perde sua legitimidade e é substituída pela pluralidade

de conhecimentos de perspectivas locais, própria da concepção de ciência pós-moderna (Lyotard, 2000).

As configurações institucionais contemporâneas estão, portanto, profundamente alteradas quando comparadas com períodos anteriores. As características desse dinamismo são analisadas por Giddens (1991), com base em conceitos e categorias de 'tempo e espaço', 'desencaixe e reencaixe', 'confiança e risco', e 'reflexividade', aplicáveis tanto em relação às instituições sociais quanto às relações interpessoais. São categorias importantes para a compreensão do intenso dinamismo característico da realidade atual e para a discussão do papel da informação na construção da auto-identidade pelo indivíduo na sociedade contemporânea. O autor apoia-se na manutenção da modernidade sem apostar na sua superação. Considera que vivemos no mundo da "modernidade tardia", momento em que, devido a suas particularidades estarem mais intensivas e extensivas, temos condição de refletir sobre a própria modernidade. Para tanto, compara as características da modernidade com aquelas próprias de sociedades ditas tradicionais ou pré-modernas.

Para o autor, as noções de tempo e de espaço na modernidade tornaram-se distintas do que ocorria em culturas tradicionais, nas quais o cálculo do tempo sempre esteve atrelado ao do espaço, não obstante as diferentes formas de calculá-lo. A progressiva ruptura espaço-temporal está, pois, relacionada a acontecimentos ocorridos na modernidade. O processo de separação do tempo e do espaço e suas padronizações mantêm íntima relação com outro elemento que caracteriza o dinamismo da modernidade, designado de 'desencaixe' dos sistemas sociais ou descontextualização das instituições sociais. Definido por Giddens (1997a, p.19) como o "[...] 'deslocamento' das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de espaço-tempo [...]", o desencaixe provoca mudanças substanciais nas relações sociais e nas práticas

⁷ Em relação ao processo de uniformização do tempo, fatos como a invenção e a propagação do relógio e a expansão da padronização do calendário na forma de datação mundial foram essenciais para o que se denomina esvaziamento do tempo, fenômeno paralelo ocorrido, também, em relação ao espaço. Com a descoberta de novas terras pelos navegadores e o mapeamento progressivo da nova conformação do globo, a noção de espaço deixa de se vincular diretamente a lugar ou espaço presente, propiciando a representação do "espaço vazio", sem referência a ponto específico (GIDDENS, 1991).

locais. As interações sociais deixam de se condicionar a contextos locais, verificando-se o distanciamento das relações, numa nova concepção de espaço e de tempo, possibilitando o estabelecimento de relações entre o local (aqui e agora) e o global (espaço e tempo diferenciados).

Os principais mecanismos propiciadores de desencaixe intrinsecamente envolvidos no desenvolvimento das instituições sociais modernas são as 'fichas simbólicas' e os 'sistemas peritos'. Vistos em conjunto são considerados sistemas abstratos. As fichas simbólicas são meios intermediários nas relações sociais, independentemente das características das pessoas ou dos grupos sociais que delas se utilizam. O principal exemplo é o dinheiro, que na modernidade assume o papel de pura mercadoria, com o poder de se constituir referência em qualquer troca. Assume função social específica de poder, sendo que suas transações ocorrem entre agentes separados no tempo e no espaço.

Por sua vez, os sistemas peritos são concebidos como “[...] sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje [...]” e dependem da confiança que as pessoas leigas lhes atribuem (GIDDENS, 1991, p.35). Constantemente, mesmo de forma indireta, estamos envolvidos com sistemas peritos, e embora não nos interessemos em conhecer os princípios que os regem, confiamos em sua competência, o que significa dizer que mesmo que a maioria das pessoas possua somente vaga noção do conhecimento perito, em geral confia em sua competência e autenticidade. Em diferentes situações (em casa, no trabalho, dirigindo ou passeando), estamos rodeados de manifestações de informações originadas de conhecimento perito, relacionado à construção de nossa casa, ao nosso carro, ao nosso desempenho profissional, às regras do trânsito e normas de convívio social, dentre outros itens. Em momentos específicos, mantemos contato com profissionais de áreas distintas, detentores de conhecimento perito, nos quais confiamos, tais como, médicos, advogados, arquitetos, mecânicos. Mas os sistemas peritos não

¹ O autor utiliza as expressões sistema perito (*expert systems*) e conhecimento perito (*expert knowledge*) de maneira diferenciada. Os primeiros são sistemas de excelência técnica ou profissional que organizam instituições sociais (ambientes material ou social), enquanto o conhecimento perito integra esses sistemas.

estão restritos às áreas de especialização tecnológica. Estendem-se às relações com os outros e consigo mesmo: “O médico, o conselheiro e o terapeuta são tão centrais aos sistemas peritos da modernidade quanto o cientista, o técnico ou o engenheiro.” (GIDDENS, 1997a, p.17).

Os mecanismos de desencaixe – fichas simbólicas e sistemas peritos – dependem, sobremaneira, da ‘confiança’ que as pessoas depositam neles. A confiança “[...] é uma forma de ‘fé’ na qual a segurança adquirida em resultados prováveis expressa mais um compromisso com algo do que apenas uma compreensão cognitiva.” (GIDDENS, 1991, p.35). Risco e confiança estão sempre inter-relacionados. A confiança pode ser uma maneira de enfrentar o risco, assim como a aceitação do risco, de certa forma, pode gerar a confiança. Reforçamos a noção fundamental de que sistemas peritos e fichas simbólicas constituam mecanismos de desencaixe porque transformam as relações sociais, que passam a ocorrer também em situação de ausência dos interlocutores. Distanciando-se no tempo e no espaço, as relações deixam, pois, de ocorrer nas imediações do contexto e se tornam impessoais. É premente a existência de certa garantia de que tudo ocorrerá conforme as expectativas iniciais. Assim, os sistemas peritos, incluindo os profissionais especialistas e as fichas simbólicas, são submetidos à avaliação contínua e permanente, seja via associações ou grupos profissionais, seja através da crítica pública, e ainda por julgamento individual. Mas é, sobretudo, pela fé e com base na experiência de como os sistemas funcionam que mantemos ou reavivamos nossa confiança. As atitudes de confiança em relação a sistemas ou pessoas permitem, geralmente, a tomada de decisão nem sempre consciente, com raízes no processo de socialização, no qual, desde a mais tenra idade, o indivíduo é condicionado a agir em conformidade às estruturas pré-estabelecidas socialmente.

A confiança, em seus diferentes tipos e níveis, está presente nas decisões dos seres humanos. A tomada de decisão, no que se refere a confiar (ou não) em algo ou em alguém, está intimamente relacionada a outro fator responsável pelo dinamismo das instituições sociais, qual seja, a ‘reflexividade’, cuja base é a capacidade do indivíduo de se manter “*atenado*” em relação ao fazer cotidiano, ou seja, a monitoração reflexiva da ação, característica intrínseca e definidora de toda atividade humana. A reflexividade, no entanto, ultrapassa a mera monitoração da ação, pois se refere “[...] à possibilidade de a maioria dos aspectos da actividade humana, e das

relações materiais com a natureza, serem revistos radicalmente à luz de novas informações e conhecimentos [...]” (GIDDENS, 1997a, p.18). As conseqüências da reflexividade, em longo prazo, se consolidam a partir do momento em que as ações sociais deixam de ser condicionadas às tradições do passado e permitem escolhas.

A redução do peso da tradição nas ações sociais tem grande implicação na nova maneira de a pessoa enfrentar os desafios sociais. Os determinismos foram minimizados e o indivíduo se reconhece definidor de seu próprio caminho. O aumento e a disseminação crescentes da informação desempenham papel essencial nesse processo de mudança. As ações humanas exigem freqüentes monitoração, questionamento e reflexão. Os indivíduos modernos são constantemente levados a agir, a fazer escolhas, e para isso estão sempre recorrendo às informações para seguir em frente. Mas às múltiplas oportunidades de opção correspondem riscos. Entretanto, não são os riscos, nem mesmo a variedade de alternativas, que definem esse dinamismo social. Na verdade, a avalanche de informações disponibilizadas pelas tecnologias de informação não é, *per se*, o elemento que retrata fielmente as mudanças ocorridas. É a reflexividade institucional, orientada por sistemas peritos e especialistas nas diversas áreas do conhecimento que, associada à capacidade de reflexividade das ações humanas, configura a nova sociedade.

Incontestavelmente, esse fato era bem diferente em épocas anteriores, nas culturas ditas tradicionais, onde o passado e os símbolos tinham grande peso na manutenção e na transmissão da experiência para as gerações. A tradição favorecia a integração da monitoração da ação na ordenação do espaço e do tempo da comunidade, percebidos e vivenciados nas práticas dos indivíduos de formas linear e contínua, entre passado, presente e futuro. O aparecimento da escrita modificou tal concepção, na medida em que tenha ampliado o nível de distanciamento tempo-espacial, criando nova perspectiva histórica, na qual a apropriação reflexiva do conhecimento pôde ser diferenciada daquela determinada pela tradição. Mas a reflexividade ainda se mantinha relacionada às interpretações da tradição, na qual o valor do passado era muito maior do que o do futuro. Os surgimentos da escrita e da leitura foram fundamentais para o rompimento do laço com a tradição. Entretanto, escrever e ler eram capacidades restritas a poucos, sendo que a vida cotidiana de muitos permanecia atrelada à tradição, em sua acepção mais antiga. Mesmo assim,

representou grande avanço, pois a informação pôde ser, então, armazenada e disseminada ao longo do tempo, criando novas formas de exercício do poder.

Na sociedade moderna, a reflexividade ocorre nas práticas sociais “[...] constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter.” Embora todas as formas de vida social sejam influenciadas pelo conhecimento que os atores têm de suas ações, e de como elas são alteradas com base em novas informações, é somente na modernidade que a “[...] revisão da convenção [tradição] é radicalizada para se aplicar (em princípio) a todos os aspectos da vida humana, inclusive à intervenção tecnológica no mundo material” (GIDDENS, 1991, p.45). A reflexividade propicia oportunidade de se viver tomando como referência as próprias escolhas, ao mesmo tempo em que incita, com freqüência, à consideração dos riscos provenientes dessas mesmas escolhas.

A modernidade configura-se como um modo de vida que supera os determinismos da tradição e da rotinização, dos hábitos e costumes, das expectativas e crenças. Não se trata de destruição, mas, essencialmente, de reconstrução, de nova forma de considerá-las, como bem esclarece O’Brien (2000, p.20), para quem “[...] tradições e costumes, crenças e expectativas constituem hoje recursos adaptáveis, flexíveis, ‘plásticos’, num mundo globalizado e cosmopolita de culturas e estilos de vida entrecruzados”. Nesse contexto dito ‘pós-tradicional’, somos levados a escolher, não havendo outra opção senão decidir como ser e como agir. Mas, certamente, tais escolhas não são de todo livres e ilimitadas. São afetadas e delimitadas por fatores alheios aos indivíduos, o que evidencia a diferenciação entre escolha e decisão. Frequentemente, somos impelidos a escolher, mas nosso poder de decisão é muito restrito.

Muitas de nossas atividades cotidianas, na verdade, tornaram-se abertas à escolha ou, ao contrário, a escolha tornou-se obrigatória [...]. É mais preciso afirmar que todas as áreas da atividade social vêm a ser governadas por decisões – com freqüência, mas não universalmente, desenvolvidas com base em exigências de conhecimento especializado de um tipo ou de outro. Quem toma essas decisões, e como, é fundamentalmente uma questão de poder. Uma decisão, é claro, é sempre escolha de alguém e, em geral, todas as escolhas, mesmo aquelas dos mais pobres ou aparentemente

impotentes, sofrem refração das relações de poder preexistentes. (GIDDENS, 1997b, p.95).

Escolher implica encarar possibilidades e riscos diante das configurações contextuais. De fato, as rápidas transformações no mundo da modernidade tardia afetam o contexto institucional e são sentidas, na vivência cotidiana, por número crescente de pessoas, as quais organizam seu dia-a-dia a partir de práticas locais e também globais, estas por intermédio de instituições sociais desencaixadas, no âmbito das quais a interação ocorre na ausência do interlocutor. Devido a tais condições, fazem-se necessárias interações sociais, possibilitando o reencaixe ou a reapropriação de vínculos, mesmo que parcial ou transitoriamente, em condições locais de tempo e lugar, através de relações face a face. É o caso, por exemplo, da instituição bancária, em que as relações são mediadas por máquinas, mas, em certos momentos, os cidadãos buscam reafirmar a confiança no sistema através de contato direto com funcionários ou gerentes. É o que Giddens (1991, p.87) chama de 'ponto de acesso', visto como "[...] o terreno comum dos compromissos com rosto e sem rosto [...]". O contato direto, face a face com especialistas ou seus representantes, como ponto de acesso, favorece a manutenção da confiabilidade, mecanismo que cria certo nível de reciprocidade ao constatar que por trás dos sistemas peritos existem os seus operadores, indivíduos em carne e osso. São eles que renovam (ou não) a confiança depositada nos sistemas, através de suas atitudes de completo controle da situação.

Na verdade, os mecanismos de 'reencaixe' são imprescindíveis, desde que pessoas e grupos sociais necessitem confiar em algo que desconhecem. As atitudes de confiança ou desconfiança em tais sistemas são influenciadas pelas experiências (boas ou más) proporcionadas pelos "pontos de acesso", ou seja, pelos contatos face a face, bem como pelo nível de atualização do conhecimento obtido socialmente (de natureza reflexiva institucional e individual), através, principalmente, da informação disponível na sociedade.

¹ Como no caso das viagens aéreas, em que o pessoal de bordo, mesmo diante de eventuais turbulências, procura demonstrar calma e tranquilidade.

A reflexividade institucional, norteadas pelos sistemas peritos e por especialistas de diversas áreas, e a capacidade de reflexividade individual das ações e interações sociais se constituem, portanto, os principais elementos de transformação da realidade atual. A superação dos determinismos da tradição e o aumento da circularidade de informação na sociedade ampliaram a capacidade de escolha e decisão das pessoas. O fluxo informacional, mais ou menos global, que ocorre de forma intensiva e extensiva através da tecnologia da informação, conduz a relações sociais complexas, desencaixadas ou descontextualizadas, as quais concorrem com formas pessoais de troca de informação, circunscritas às interações de co-presença. Essas formas de apropriação da informação alteraram substancialmente as ações sociais, uma vez que as tornaram mais abertas à reflexão e às mudanças, possibilitando tomada de decisão mais subjetiva e individualizada. A informação vem a ser o elemento principal de conexão entre sujeitos no contexto social.

As transformações da sociedade da modernidade tardia nos aspectos mais amplos e globais afetaram, fundamentalmente, a natureza da experiência cotidiana e os aspectos mais profundos da vida pessoal, numa crescente interligação entre dois 'extremos' de extensividade e intensividade: influências globalizadoras, de um lado, e tendências pessoais, de outro (GIDDENS, 1997a). Assim sendo, as experiências da vida cotidiana e a auto-identidade têm que ser construídas, reflexivamente, pelos indivíduos, diante de diferentes e nem sempre convergentes opções e possibilidades que se lhes apresentem.

A expansão global do dinamismo moderno e as transformações da auto-identidade são os dois pólos da dialética entre o global e o local. Em relação à globalização, significa dizer que, pelo menos no que se refere aos seus mecanismos de desencaixe, todos estamos envolvidos, independentemente de nossa vontade. Os mais diversos aspectos das instituições modernas envolvem as pessoas nos lugares mais remotos, e as ações dos homens têm conseqüências mais amplas, e nem sempre circunscritas ao local em que vivem. A maioria das pessoas está consciente desse fato, graças, sobretudo, à disseminação da informação. A informação, como elemento integrante da reflexividade, é apropriada através de filtros subjetivos, instrumentalizando, provavelmente, os indivíduos em suas escolhas e tomada de

decisão. Escolher, como vimos, envolve riscos, é uma questão de optar entre mundos possíveis.

Em síntese, os mecanismos de separação do espaço e do tempo ocorrem, pois, de modo bastante intensivo e personalizado, afetando os indivíduos de forma a que reorganizem sua identidade pessoal. Dessa maneira, indivíduo e sociedade estão mais do que nunca inter-relacionados. Diante desse dinamismo, a reflexividade, institucional e individual, torna-se essencial. A identidade pessoal é, constantemente, (re)pensada, alterada e (re)construída, ao contrário do que ocorria em épocas anteriores, quando as reorganizações psíquicas mantinham caráter delimitado. Os sistemas peritos, os especialistas e as diversas mídias, como instituições modernas, passam a ter função fundamental na formação e na continuidade do *self*. No processo de socialização, mesmo na criança, a dependência em tais instituições é bastante expressiva. Mas também as terapias e as atividades de grupo, embora na atualidade possam ser consideradas como busca de proteção e de respostas às ansiedades do indivíduo num ambiente de risco, não se limitam tão-somente a isso. São, antes de mais nada, expressões da reflexividade do *self*, fenômeno que proporciona ao indivíduo a capacidade de confrontar as oportunidades e os riscos a que está, freqüentemente, submetido, favorecendo, portanto, a sua tomada de decisão, tendo como suporte o acesso à informação. O dinamismo contemporâneo se manifesta de modo paradoxal: oferece oportunidades e riscos, amplia horizontes e ao mesmo tempo impõe o retorno ao íntimo. Para entendermos essas questões consideramos importante a teorização sobre o indivíduo e a identidade (pós)moderna, buscando compreender como o sujeito convive e autoconstrói sua identidade no contexto dinâmico da contemporaneidade.

3.2 Subjetividade e Identidade

O conjunto de mudanças resultantes da diferenciação das várias esferas, quer seja econômica, política e social, quer se relacione ao processo de individualização,

¹ Dentre as quais incluímos as práticas de atividade física desempenhadas em academias de ginástica.

tem a ver com o “modo como as pessoas se entendem a si mesmas como indivíduo”, ou seja, com a identidade pessoal (MUSSCHENGA, 2000, p.25-6). Na discussão sobre identidade, a noção de subjetividade, vista como consciência reflexiva, é essencial. O princípio da subjetividade é o marco da modernidade. De acordo com Cavalcante (2000), três momentos históricos foram fundamentais no estabelecimento desse princípio: (a) a Reforma religiosa; (b) o Iluminismo; (c) a Revolução Francesa. Foram movimentos essenciais de “[...] liberação do indivíduo e da individualidade frente às instituições repressivas” do Antigo Regime (CAVALCANTE, 2000, p.99). Constituíram movimentos de questionamento da autoridade das tradições e do monopólio de pequenos grupos de poder (eclesiástico, militar, monárquico), fazendo emergir novo homem consciente de seus direitos e deveres de cidadão. Na percepção de Cavalcante (2000, p.98), o princípio da subjetividade se caracteriza, exatamente, pela autoconsciência do sujeito moderno:

O princípio da subjetividade característica dos tempos modernos está alicerçado na autoconsciência ou na auto-relação abstrata de um sujeito cognoscente que tudo reifica, subjetividade essa pensada como um espaço interior de representações próprias de cada um, que se abre pelo fato de o sujeito representador de objetos voltar-se, como num espelho, sobre sua atividade de representação, onde tudo o que é subjetivo só é acessível na forma de objetos da auto-observação ou da introspecção – inclusive o próprio, que entra nessa contemplação como um “Me” objetivado e no papel exclusivo de observador.

Individualidade e consciência reflexiva constituem o fundamento para o sujeito moderno. Diante das conquistas da época moderna surge nova forma de individualismo e nova concepção de sujeito individual e de identidade. Isso não significa, no entanto, negar a existência anterior da individualidade. Ela existia, sim, mas sua concepção e vivência eram diferentes. Com as conquistas da modernidade, o indivíduo liberta-se de amarras precedentes. Nas sociedades pré-modernas, as tradições eram aceitas sem questionamento, uma vez que estavam associadas a determinações divinas e, assim, não sujeitas a mudanças ou questionamentos. O homem estava submetido à classificação, à posição ou ao *status* a que pertencia na “grande cadeia do ser” (HALL, 2000, p.25). A ruptura com o passado fez emergir a noção de “indivíduo soberano”, considerado o motor do desenvolvimento da

modernidade. Nas sociedades pré-modernas a ênfase na individualidade não existia. Era vista tão-somente como a maneira de o indivíduo dar forma ao coletivo, e somente nas sociedades modernas adquire contornos específicos. O indivíduo conquista, a partir de então, vida própria e passa a visualizar o princípio de identidade como algo contido dentro dele. Como tal, algo que deve buscar e construir (MUSSCHENGA, 2000). O princípio da subjetividade, de acordo com Cavalcante (2000), é antes de tudo desestabilizador, pois o rompimento com os vínculos tradicionais retira do homem suas bases de sustentação sem, contudo, criar algo que substitua o vazio criado. O indivíduo, fundamentado na liberdade e na reflexão, passa a buscar em si mesmo as respostas para muitos problemas do mundo.

A partir da emergência do subjetivismo, Hall (2000, p.10) caracteriza, historicamente, três concepções de sujeitos, as quais ajudam a compreender a constituição da noção de identidade. Ainda no primeiro momento de afirmação da subjetividade, temos o (1) sujeito do Iluminismo, “[...] baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior [...]”, que o sujeito trazia ao nascer e que evoluía com ele, sendo praticamente o mesmo ao longo de toda a sua existência. Esse centro constituía a identidade da pessoa. Vistas dessa forma, as concepções de sujeito e de identidade eram bastante individualistas. Descartes e Locke são fundamentais na compreensão dessa concepção. Descartes (1596-1650) contribuiu para a percepção de sujeito individual ao colocá-lo no centro da mente e enfatizando a sua capacidade de pensar. “Penso, logo existo” é a máxima do sujeito cartesiano. John Locke (1632-1704), compreendia o indivíduo “[...] em termos da ‘mesmidade (*sameness*) de um ser racional’ – isto é, entidade que permanece a mesma, e que era contínua com seu sujeito [...]” (HALL, 2000, p.27). Como indivíduo soberano, tornava-se sujeito da modernidade tanto no sentido de ser a origem ou o sujeito da razão e da prática quanto no sentido de sofrer as conseqüências de tais práticas. No entanto, à proporção que as sociedades se tornem mais complexas, esse sujeito da razão, individual e autônomo, vai tomando forma mais coletiva e social.

Emerge a noção de (2) sujeito sociológico, a qual admite maior complexidade, reconhecendo que o núcleo interior do sujeito não é de todo autônomo e auto-suficiente, mas formado na relação com as pessoas, ou seja, mediado pela cultura.

Estudiosos como G.H. Mead, C.H. Cooley e os interacionistas simbólicos são considerados representantes da concepção segundo a qual a identidade se constitui pela interação do eu com a sociedade (HALL, 2000). De acordo com Ferreira (1999, p.78), as investigações de Mead sobre a subjetividade rompem com a percepção do sujeito que “[...] objetiva a si mesmo, abrindo com isso, a passagem para um novo paradigma, onde a ‘construção do Eu’ vai se dar por meio de interações mediadas simbolicamente, num processo lingüisticamente mediado pelo social.” Nessa visão, a existência de um núcleo central ainda é defendida, mas ele é formado e modificado, tendo como fundamento as interações sociais. Hall (2000, p.11) enfatiza que a concepção sociológica “[...] preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ – entre o mundo pessoal e o mundo público.” Ao tempo em que nos projetamos nas diversas identidades proporcionadas pela cultura, internalizamos seus significados e valores, tornando-as parte integrante de nossa vida. Dessa forma, a identidade une o sujeito à estrutura social, tornando-os unificados/unos e predizíveis.

Percebemos, atualmente, mudanças radicais em relação à identidade, caracterizando outra concepção, a do (3) sujeito pós-moderno ou contemporâneo. O sujeito que antes tinha identidade unificada e estável torna-se fragmentado, possuidor não de uma, mas de várias identidades. Essa pluralidade, em muitos casos, constitui fonte de tensão e contradição. O processo de identificação, que nos possibilita projetar nossas identidades culturais, antes composto pela interação social e/ou pela relação entre os aspectos subjetivos do sujeito e os objetivos da cultura, entra em colapso devido às rápidas mudanças ocorridas nos últimos anos, tornando o processo mais mutável, provisório, variável e complexo. A identidade pós-moderna deixa de ser fixa e torna-se plural e dinâmica, “[...] formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.” (HALL, 2000, p.13).

Segundo Esteves (2000), a teoria pós-moderna da identidade tem como traço marcante a rejeição da noção racional e essencialista do sujeito iluminista, em defesa da concepção construtivista, tendendo, em muitos casos, a deixar à margem as tensões entre realidade e pensamento, indivíduo e sociedade. Na sua percepção crítica,

O que esta exaltação apoteótica pós-moderna da individualidade esquece é, exatamente, o fato de ser a mesma sociedade que incita até à exaustão o sujeito (e a subjetividade) – compelindo cada um a ser e a fazer-se único, distinto de todos os demais – que, ao mesmo tempo, explora esse mesmo sujeito de modo mais despujado: dirigindo, administrando e centralizando os recursos da identidade a partir do exterior do próprio indivíduo, através do sistema de consumo, das indústrias da cultura e dos media em geral (ESTEVES, 2000, p.15).

Esse paradoxo deve ser pensado em termos das conseqüências na vida das pessoas. A ansiedade crescente, – frente às possibilidades infindáveis de escolhas e aos contínuos apelos para a construção de identidade própria –, cria certo clima de magia e de poder, tornando tudo possível, sendo necessário tudo experimentar, mas ao mesmo tempo fragiliza o indivíduo, o qual, ao se deparar com a realidade concreta das limitações e dos obstáculos de ordens diversas (política, econômica, social), com fatores limitantes de mudança e de conhecimento de si, sente-se perplexo em face do que venha a se tornar, independentemente de sua vontade ou até mesmo contra a sua própria vontade.

A concepção pós-moderna entende o sujeito e a identidade de forma bastante fragilizada e limitada frente às constantes transformações sociais, concebendo-os instáveis e fugidios, em contraste com o sujeito e a identidade modernas, que se referem às concepções de sujeito do iluminismo e sociológico. De acordo com Esteves (2000), vários autores discutiram perspectivas da identidade pós-moderna, a exemplo de Foucault, Deleuze e Baudrillard, os quais voltam-se para a proposição do “fim do sujeito”, melhor dizendo, fim do sujeito forte, com poder emancipatório. Tal sujeito é considerado mito, ilusão, simples construção da linguagem ou do poder. Baudrillard foi um dos estudiosos que mais se deteve sobre a importância das mídias, principalmente da televisão, em relação às mudanças sociais e culturais e seu impacto na identidade pós-moderna. Para ele, os padrões estético e discursivo da televisão comercial estariam voltados para a lógica do entretenimento, seguindo formatos precisos e definidos a partir de gêneros como os noticiários, telenovelas, *talkshows*, *reality shows*, séries e mini-séries, com o objetivo específico de captar audiência e orientar interesses. A percepção em relação a esse contexto exalta o “triunfo da superficialidade, do vazio e do efêmero” (ESTEVES, 2000, p.21). O sujeito pós-moderno seria aquele sem poderes ou capacidade de decisão.

No entanto, segundo Esteves (2000) são justamente essas questões que devem ser analisadas com mais rigor, pois, embora as experiências relacionadas à televisão conduzam a certo esvaziamento da identidade, as possibilidades não se esgotam, devendo-se considerar as heterogeneidades de linguagens das mídias e de captação dos sujeitos, como discutido anteriormente. O que está em jogo, na verdade, é a relação entre as mudanças do mundo contemporâneo e seus efeitos na construção da identidade. Os indivíduos, inseridos no contexto social, buscam condições para o desenvolvimento da identidade, fato bastante complexo. É fato perceptível que agora as questões existenciais tornem-se cada vez mais fundamentais. A pluralidade de escolhas a que o indivíduo é submetido diariamente exige, por um lado, que tome decisões, e por outro, que suspeite de suas próprias escolhas. Questões como quem ser, o que fazer, como agir têm levado o sujeito a buscar respostas a partir de sua própria reflexividade, quer discursivamente quer pelas relações sociais cotidianas. De fato, tais questionamentos relacionam-se com a busca da auto-identidade, problema considerado tipicamente moderno.

3.3 Auto-identidade e mídia

Ao tratarmos de identidade, é necessário definir e distinguir termos, como *self* e auto-identidade. Musschenga (2000, p.25) traça, então, algumas distinções. Para ele, *self-concept* é a imagem que o indivíduo faz de si mesmo e que pode não coincidir com o que os outros pensam dele. *Core self*, por sua vez, está relacionado ao âmago da subjetividade. De forma dinâmica é aquilo que “[...] alguém pensa ser na realidade e que ele quer ser/ou chegar a ser [...]” Apresenta-se, pois, como algo ideal. Giddens (1997a, p.48) refere-se ao *core self* ou apenas *self* como fenômeno amorfo e de caráter genérico. Por compreendê-lo assim, discute o *self* a partir da auto-identidade, considerando-a a ‘identidade do *self*. Assim, “[...] auto-identidade não é um traço distintivo, ou sequer uma coleção de traços, possuídos pelo indivíduo. É o *self tal como reflexivamente compreendido pela pessoa em termos da sua biografia*”. Nesse sentido, auto-identidade é consciência reflexiva e autoconsciência. Deve ser vista não somente como “[...] algo que é apenas dado, como resultado das continuidades do sistema de ação do indivíduo, mas algo que tem de ser rotineiramente criado e sustentado nas suas atividades reflexivas.” O

autor diferencia auto-identidade de identidade pessoal afirmando que, embora esta pressuponha continuidade através do tempo e do espaço, a auto-identidade é essa continuidade tal como interpretada reflexivamente pelo indivíduo.

O sentimento normal de auto-identidade, de acordo com Giddens (1997a, p.51), se dá pela capacidade do indivíduo “de manter a continuidade de uma narrativa.” Pessoas com a auto-identidade razoavelmente estável apresentam sentido de continuidade biográfica e são capazes de relatá-lo a outros. São também capazes de filtrar os riscos a que estão submetidos continuamente na sociedade de modernidade tardia, substanciados pelo sentimento de confiança imprescindível à manutenção da integridade do *self*. Reconhecem a validade de tal integridade, demonstrando amor-próprio, de tal modo a manter o sentido de *self* vivo. Por outro lado, a ausência desses aspectos caracteriza o indivíduo com a noção de auto-identidade fragilizada e desestabilizada, isto é, aquele que apresenta descontinuidade da experiência vivida, atitude de insegurança ou de falta de ação frente aos obstáculos da vida cotidiana, sensação de vazio ou excesso de cobranças de si. Paradoxalmente, são justamente os traços de desajuste que permitem analisar, com mais clareza, a auto-identidade.

A auto-identidade consolida-se como “projeto reflexivo do *self*” e o conteúdo que fundamenta a narrativa do indivíduo, no sentido de organizar discursivamente sua trajetória de vida, sofre influências sociais e culturais, seja através de aspectos estáveis da própria individualidade – nome, relações de parentesco –, seja através das interações sociais e do valor simbólico atribuído às informações difundidas socialmente, as quais, por escolha seletiva, fundamentam a auto-identidade pós-moderna ou contemporânea. As opções efetivadas são vitais ao longo desse processo, tendo como consequência a definição do estilo de vida próprio de cada um.

A pluralidade de escolhas gera conflitos e questionamentos de ordem existencial frente à necessidade de decidir, aos quais o sujeito tenta responder reflexivamente e através de experiências cotidianas. A pluralidade de escolhas ocorre por conta de determinadas influências presentes na sociedade da modernidade tardia. *A priori*, pelo fato de vivermos na sociedade pós-industrial, com características específicas, aliadas à multiplicidade de ambientes de ação – no lazer, no trabalho, em família e/ou entre amigos – as possibilidades de escolhas se

ampliam bastante. Também é elemento interveniente o sentimento de incerteza e insegurança a que o sujeito é submetido na atualidade, sobretudo, em face dos desenvolvimentos científicos e tecnológicos, cuja pretensão inicial de oferecer respostas e segurança aos indivíduos vêm-se mostrando pouco efetiva. Por fim, merece menção a influência dos sistemas peritos, dos especialistas e das mídias nas experiências sociais, os quais orientam o sujeito nas múltiplas vivências e favorecem, através da informação disseminada, novas formas de narrativas pessoais, conforme seu maior ou menor engajamento (GIDDENS, 1997a).

Segundo Esteves (2000), é possível definir para a mídia posição determinante no processo de auto-identidade, levando-se em conta a idéia normativa de autonomia do sujeito sem, contudo, ignorar determinados limites estruturais presentes nessa proposição. Tal proposta está fundamentada na concepção intersubjetiva da identidade, na qual

[...] a formação da identidade é indissociável de um quadro simbólico de relações sociais: o sujeito individual só adquire consciência de sua identidade a partir do momento em que ele próprio se coloca numa perspectiva exterior a si mesmo, quando se olha a partir do lugar do outro simbolicamente representado [...]. (ESTEVES, 2000, p.36).

Com isso, o indivíduo, através do processo de identificação, se posiciona como participante da interação social, numa situação de interlocução que pode assumir para si o ponto de vista do outro. As diversas mídias, principalmente a televisão, participam ativamente desse processo ao assumirem importante papel, – antes designado ao mito –, de reprodução cultural, de integração e de socialização do indivíduos (MAFFESOLI, 1998; ESTEVES, 2000). Nos dizeres de Esteves (2000, p.24), essas funções sociais são atualmente amplamente promovidas pelas diversas mídias, “[...] através da ampla oferta que proporcionam modelos de pensamento e ação, quadros simbólicos difundidos e impostos socialmente por processo de imitação e através de formas ritualizadas [...]”

Nessa perspectiva, se há o esvaziamento do indivíduo, ele não ocorre conforme os pós-modernistas o concebem, mas sim através de novas estratégias de aprisionamento ou mesmo de neutralização do sujeito, visando à obediência e à subjugação desse sujeito aos apelos sociais. Não ocorre, na verdade, o

aniquilamento da identidade mas a sua saturação, através da produção de modelos e de inúmeras variações a serem consumidos, com vista à satisfação do indivíduo e outorgando a cada um posição específica na sociedade, seja como consumidor, usuário ou cidadão (ESTEVEES, 2000).

A identidade contemporânea admite a perspectiva construtivista ao considerar que o indivíduo seja responsável pela condução de sua auto-identidade. Como afirma Giddens (1997a, p.70): “Nós somos não o que somos, mas sim o que fazemos de nós”. Em linha similar de pensamento, Thompson (1999, p.181) argumenta que, “[...] com o desenvolvimento das sociedades modernas, o processo de formação do *self* se torna mais reflexivo e aberto, no sentido de que os indivíduos dependem cada vez mais dos próprios recursos para construir sua identidade coerente para si mesmos.” No entanto, tais assertivas levam-nos a especular sobre as condições sociais atuais para a construção reflexiva da auto-identidade. Para muitos faltam condições econômicas e culturais para o desenvolvimento de suas perspectivas pessoais. Para esses, as informações vindas da mídia representam a principal forma de atualização e participação social. E considerando-se as características daquelas, as limitações para a autoconstrução pessoal ficam bastante claras.

Corroborando as idéias de Esteves (2000), Thompson (1999) considera que a mídia conquista papel essencial ao propiciar material simbólico que amplia as percepções de mundo e as opções de escolha dos indivíduos, pois através delas as informações deixam de manter conexão estritamente local e se diversificam num âmbito mais global. A televisão tem grande importância devido ao seu significativo alcance junto aos diversos grupos sociais. No entanto, se considerarmos o acesso a outras mídias, como as digitais (internet, por exemplo), torna-se oportuna a crítica de Castells (1999, p.27), ao declarar que, “[...] exceto para a elite que ocupa o espaço atemporal de fluxos de redes globais e seus locais subsidiários, o planejamento reflexivo da vida torna-se impossível.”

Giddens relativiza tal problemática, afirmando que, em relação à construção da auto-identidade, o que está em jogo são as escolhas que fazemos, e quanto a isso não temos escolha senão escolher. A pluralidade de opções influencia dois aspectos centrais no desenvolvimento da auto-identidade: o estilo de vida e o planejamento de vida. Qualquer indivíduo, desde o mais desprovido de bens

materiais ao mais abastado, diariamente faz escolhas, que não estão limitadas ao simples ato de consumir mas aos vários aspectos da vida cotidiana. Tais escolhas constituem o seu estilo de vida, definido como “[...] um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo adota não só porque essas práticas satisfazem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade.” (GIDDENS, 1997a, p.75). Da mesma maneira, os planos de vida ocorrem através da reflexividade (não necessariamente de forma deliberada), como modo de organizar o tempo (passado, presente e futuro), seja na preparação de ações futuras, seja na reformulação de eventos passados. Afirma, então:

As escolhas de estilo de vida e o planejamento de vida não se localizam simplesmente “na” vida cotidiana dos agentes sociais nem são apenas constituintes desta, mas sim cenários institucionais que ajudam os agentes a dar forma às suas ações. Esta é uma das razões por que, nas circunstâncias da modernidade tardia, a sua influência é mais ou menos universal, independentemente de as situações sociais de indivíduos ou grupos particulares poderem ser objectivamente limitadoras (GIDDENS, 1997a, p. 80).

Significa dizer que as ações sociais são estabelecidas a partir de diferentes planos e escolhas, sendo que os diversos cenários de atuação conformam modos de mostrar-se e de agir. As limitações são reais mas as ações não deixam de acontecer, independentemente do grupo social a que o sujeito pertença. O autor fala de estilo de vida não no sentido de produzir distinções sociais, mas de fornecer material para a manutenção da coerência do sentido de auto-identidade. As múltiplas opções e escolhas efetivadas pelo indivíduo definem seu estilo de vida, mantendo certa unidade e coerência. Tal concepção de estilo de vida não se restringe à questão do consumo; no entanto, entendemos ser necessária a discussão sobre isso, pois de certa maneira, é também determinante na constituição da auto-identidade.

3.4 Estilo de vida e consumo

Featherstone (1995, p.119) discute estilo de vida no âmbito da cultura de consumo. Para ele, estilo de vida compreende “[...] individualidade, auto-expressão e

uma consciência de si estilizada [...]”, concepção mais ampla do que aquela que associa o termo à distinção de “grupos de *status* específicos”, delimitada em termos de nível de renda. As diversas escolhas, tais como preferências de lazer e de alimentação, o modo de vestir-se e de falar, passam a expressar a noção de gosto e de estilo do indivíduo-consumidor. Featherstone (1995) reconhece nessa mudança de concepção do termo um movimento rumo à ‘cultura pós-moderna’, baseada na avalanche de informações e na proliferação de produções imagéticas, tornando inviável a classificação dos indivíduos por grupos fixos. A segmentação do mercado, nos dias atuais, incrementa as possibilidades de escolha e, portanto, impõe maior dinamismo à formação dos grupos. Nas preferências de consumo, na maioria dos casos, a mercadoria/produto tem menor valor por sua utilidade e maior valor pelo efeito imaginário que provoca em direção à produção de signos. As duas dimensões de uso de produtos, instrumental e expressiva, no entanto, não devem ser vistas como excludentes, sendo possível o confronto entre elas na cultura de consumo. De acordo com Ortiz (1996), quando alguém de classe média decide-se em relação a determinado produto, sua escolha, além de indicar preferência individual, mesmo sem ter consciência disso, revela também sua condição de classe. Tal percepção nos remete ao conceito de *habitus*, de Bourdieu.

Bourdieu (1983, p.94) define o conceito de *habitus* como “sistema de esquemas geradores (...) de estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidos para este fim”. O *habitus* baliza as ações do sujeito sem que ele tenha consciência disso. Uma das funções do *habitus* é a de “dar conta da unidade de estilo que vincula as práticas e os bens de um agente singular ou de uma classe de agentes [...]” (BOURDIEU, 1996, p.21). O *habitus*, portanto, age como princípio gerador e unificador dos modos de ter, de ser e de agir dos indivíduos, determinando certo estilo de vida a partir das escolhas, dos bens e das práticas sociais. São esquemas classificatórios (predisposições e orientações) que caracterizam distinções numa rede de práticas e significados já existentes.

As pessoas fazem suas escolhas em função do seu gosto, o qual está extremamente relacionado ao *habitus*, como conjunto de disposições, dando origem aos estilos de vida. O gosto por praticar ou não determinada atividade física/esportiva, por exemplo, vai depender em graus diversos, do capital econômico

e secundariamente, do capital cultural do indivíduo. O uso do corpo, como dimensão privilegiada do *habitus*, é diferenciado a partir das classes sociais. Para Bourdieu (1983), as classes populares fazem uso instrumental do corpo, visto como meio de expressão de suas práticas sociais. Já as classes privilegiadas têm o corpo como um fim, voltado para o culto da aparência, do corpo-para-outrem.

Habitus e estilo de vida geram práticas sociais distintas e distintivas, relacionadas aos capitais cultural e econômico (BOURDIEU, 1996). Quanto a isso, Featherstone (1995, p.126) exemplifica que indivíduos que detenham alto capital econômico (empresários, por exemplo) “[...]têm preferência por refeições de negócios, carros estrangeiros, leilões, uma segunda residência, tênis, esqui aquático, galerias de artes [...]” Os de alto capital cultural (professores de ensino superior) “preferem galerias de arte [...] festivais de vanguarda, línguas estrangeiras, xadrez, [...] Bach, montanhas”. Os de baixo capital econômico e cultural (trabalhadores de modo geral) “[...] preferem futebol, batatas, vinho tinto comum, assistir esportes, danças populares.” Assim, podemos dizer que as escolhas e preferências estão diretamente associadas à posse de capital econômico e/ou cultural. No entanto, para que as distinções sejam perceptíveis, visíveis, faz-se necessário que os indivíduos sejam capazes de estabelecer a diferença, que sejam dotados de percepções, de gostos e de esquemas classificatórios que lhes possibilitem discernir sobre essas questões.

Por outro lado, os gostos, em última instância, são gerados na confluência entre oferta e consumo de produtos e objetos classificados e classificadores. O consumo está relacionado à constituição da identidade. Conforme Severiano (2001, p.60) consumo pode ser considerado como “[...] instância legitimadora de comportamentos, valores e estilos de vida”. Em relação à produção, sobressai o interesse mercadológico, enquanto que do lado do consumidor a motivação se prende à ordem do desejo, do insaciável. A publicidade surge, como instância simbólica, na intermediação entre produção e consumo, assumindo a função de socialização que antes cabia exclusivamente aos grupos primários (família, por exemplo).

Para Da Matta (1985, p.13) a produção é facilmente identificável com a forma de transformar matéria-prima em produtos humanos; já o consumo está ligado à inserção desses produtos na sociedade como objetos sociais. Este processo é

essencialmente simbólico e ajusta-se ao processo de construção das identidades sociais. Nesse universo de produção simbólica, um carro é muito mais que um carro, é o meu companheiro, o meu 'carango'. Na produção, a palavra de ordem é a utilidade, a adequação exata entre meios e fins. Conforme exemplifica, seria impensável o uso de um canhão para matar um passarinho. Ao contrário, no domínio do consumo, a intenção é “[...] recriar uma lógica de abundância e gozo” (DA MATTA, 1985, p.15), e nesse caso, o objeto perde seu valor de uso, sua utilidade, e assume função ampla de satisfação de desejos e sonhos.

A publicidade atua entre esses dois domínios. Sua função mais explícita, conforme Rocha (1985) seria a 'de vender um produto', 'aumentar o consumo' e 'abrir mercados'; no entanto, não pode ser reduzida a isso, pois se compararmos o consumo de produtos e o consumo de anúncios, este é infinitamente maior. A publicidade estaria mais preocupada com o consumo de anúncios, o qual está vinculado a estilos de vida, a desejos e emoções, a percepções de mundo, a classificações e hierarquias, que são absorvidos em maior número que os objetos/produtos em si. “Um produto vende-se para quem pode comprar, um anúncio distribui-se indistintamente” (ROCHA, 1985, p.27). A publicidade cria a imagem do produto, particulariza-o, dá-lhe uma identidade, lança-o no mundo das relações simbólicas. Para Da Matta (1985, p12), a publicidade:

[...] é, de fato, uma mediação profunda entre o universo selvagem e impessoal da produção: zona diabólica onde a lógica das utilidades opera a todo vapor; e o mundo muito mais complexo e próximo de nós dado [sic] no que denominamos de consumo. Aqui, em contraste com a esfera da produção, encontramos o sentido, a recordação, o gosto, o *it*, a qualidade, a sensibilidade, a beleza e a própria construção da identidade pessoal e social como centros de um drama que durante anos foi esquecido pelos estudiosos do capitalismo.

Segundo Severiano (2001) através das estratégias da publicidade impõem-se novos estilos de vida, sempre em conformidade com os códigos vigentes. Os mercados estão segmentados, os produtos estão diversificados, mas é possível falar de padronização no que se refere à “[...] *atitude* compulsiva e generalizada de *ter que* consumir para só assim constituir-se como indivíduo [...]” Nesse sentido, a construção da auto-identidade fica vinculada ao ato de consumir produtos, sendo

que, através da publicidade, há a “[...] impressão de atendimento das necessidades ‘específicas’ de cada indivíduo [...]” (SEVERIANO, 2001, p.95). A identidade passa a estar associada ao estilo de consumir.

Mesmo considerando tais questões, a preocupação com o estilo de vida (FEATHERSTONE, 1995, p.123) sugere que as práticas de consumo (planejamento, compra, exibição dos bens e experiências de consumo na vida cotidiana) devem ser vistas de forma ampla, pois geram possibilidades variadas de reflexão em que os indivíduos transformam o estilo num projeto de vida e manifestam sua individualidade e senso de estilo na especificidade do conjunto de bens, atitudes e disposições. No contexto da cultura de consumo, o indivíduo contemporâneo tem consciência de que emite informação, de que se comunica não apenas por meio de sua aparência mas também através de sua casa, dos móveis, da decoração, do carro que possui e de atividades diversas que serão vistas e classificadas em termos de presença ou falta de gosto. A preocupação em estabelecer um estilo de vida é abrangente a todos, independentemente de sexo, idade ou classe social.

Numa conotação mais ampla, o estilo de vida pode ser visto como expressão de uma época. Maffesoli (1995, p.29) entende que nos tempos pós-modernos as sociedades vêm adotando novo estilo. Deixam de ser essencialmente racionalistas para buscar, mesmo de forma desordenada, uma perspectiva holística, em que todas as dimensões estéticas (oníricas, lúdicas e simbólicas) são percebidas no cotidiano. A transmutação de estilo pode ser aplicada em diversos segmentos sociais, como, por exemplo, no campo das mídias, que favorecem, a partir do simbólico, novas formas de comunicação e novo estilo de vida, nas quais o lúdico e o sensível estão mais presentes do que antes. O estilo de vida contemporâneo, para Maffesoli (1995), segue a tendência hedonista, voltado para o prazer de estar junto em pequenos grupos ou tribos, ou seja, torna-se um estilo estético. O autor esclarece que,

[...] a estética em questão não é, de nenhuma forma, aquela que se pode situar no domínio das belas-artes: ela as engloba, mas também se estende ao conjunto da vida social. A vida, como obra de arte de algum tipo, ou ainda a estética, como maneira de sentir e de experimentar em comum. Empiricamente, isso nos remete a todas as formas de conjuntos, musicais, esportivos, de consumo ou religiosos, que, embora sempre tenham existido, em certas épocas (re)encontram uma amplitude que tinham perdido ou que tinha sido relativizada. (MAFFESOLI, 1995, p.53).

O estilo da sociedade contemporânea evidencia, portanto, o sensível e o hedonismo, e favorece, ainda, várias formas de socialidade e de estar junto. Antes de tudo, é o estilo do cotidiano, da emoção comum, das interações do dia-a-dia e da lógica da identificação com o outro. É uma noção ampliada do estilo de vida, mas voltada para as questões individuais no contexto social.

O estilo de vida é, portanto, bem mais complexo do que possa parecer à primeira vista. Denota tanto questões de gosto e preferência como pode expressar estilo de época; atua como suporte para a constituição coerente da auto-identidade. Constitui-se a partir de nossas escolhas, e quanto a isso, todos nós estamos submetidos, ou melhor, forçados a escolher. A escolha estabelece o nosso estilo de vida, embora determinado pelo *habitus* como unidade de sistemas de disposições. Implica escolher a partir de uma pluralidade de opções. O estilo de vida está relacionado ao nosso cotidiano, às nossas rotinas incorporadas em hábitos de vestir, comer, agir ou em modos de ser na relação com as outras pessoas. A idéia se complementa com a afirmação de Giddens segundo a qual essas escolhas são “[...] decisões não apenas sobre como agir, mas sobre quem ser.” (GIDDENS, 1997a, p.76).

Logicamente não podemos desprezar a influência da cultura do consumo na vida das pessoas, na constituição de seus estilos de vida e na própria construção da identidade. As diversas mídias, sobretudo através da publicidade e da propaganda, apresentam informações sobre estilos de vida e incentivam o desejo das pessoas em adotá-los. Telenovelas, revistas, *outdoors* estão sempre apontando os caminhos a serem seguidos. Em face do caráter fragmentário da identidade contemporânea, o consumo, orientado pela publicidade, vem a se constituir referência para o indivíduo. No entanto, o consumismo não se constitui comportamento acéfalo. Giddens (1997a, p.183) entende que

[...] a mercadorização não prossegue sem oposição quer por parte do nível individual, quer do coletivo. Mesmo o mais oprimido dos indivíduos – e talvez em especial o mais oprimido – reage criativa e interpretativamente aos processos de mercadorização que se intrometem nas suas vidas. Isto se aplica tanto no reino da experiência mediada como no consumo direto. A reação à experiência mediada não pode ser avaliada puramente em termos do

conteúdo do que é disseminado: os indivíduos discriminam activamente entre tipos de informação disponível, assim como a interpretam nos seus próprios termos.

Sob tal ótica, as práticas de consumo são interpretadas reflexivamente, nas quais os indivíduos são capazes de discernir os apelos emitidos pela publicidade. Nesse sentido, é fundamental planejar a própria vida. “Os planos de vida são o conteúdo substancial da trajectória reflexivamente organizada do *self*”, é o que afirma Giddens. O planeamento de vida é a forma de o indivíduo se preparar para ações futuras e de direccionar algumas escolhas. Os vários momentos desse curso de ação compõem “calendários de plano de vida”, que têm a vantagem de poderem ser revistos e reconstruídos conforme as circunstâncias ou interesse de cada um. O planeamento de vida é uma forma de organização do tempo, pois a construção reflexiva da auto-identidade está instruída [...] tanto da preparação futura, como da interpretação do passado, embora a ‘reformulação’ de eventos passados seja por certo mais importante nesse processo [...]” (GIDDENS, 1997a, p.79). As escolhas de estilo de vida e o planeamento de vida são, portanto, básicos no direccionamento das ações das pessoas e, conseqüentemente, na narrativa da auto-identidade. Na sociedade contemporânea, são de extrema importância, independentemente das limitações a que determinados indivíduos ou grupos sociais estejam submetidos.

3. 5 Reflexividade e auto-identidade

A reflexividade ocorre através da mediação de sistemas peritos no aumento de conhecimento disponibilizado socialmente. É vista como capaz de permitir a análise dos riscos e oportunidades constantes no meio social, de minimizar a insegurança e de, através da mediação das informações recebidas socialmente, permitir a construção do eu a partir de um projeto reflexivo. No entanto, como enfatiza Lash (1997), ao se pensarem as condições estruturais da reflexividade a partir da articulação de redes globais e locais de estruturas de informação e comunicação, tornam-se evidentes as desigualdades de acesso à informação, através de pólos distintos e antagônicos, similares aos do ‘modo de produção’ capitalista. Na perspectiva da modernidade reflexiva tal fato ocorreria através do ‘modo de

informação', permitindo visualizar o antagonismo entre 'os vencedores e os perdedores da reflexividade'. "Na modernidade reflexiva, as oportunidades de vida são uma questão de acesso, não ao capital produtivo ou às estruturas da produção, mas, em vez disso, do acesso e do lugar nas novas estruturas de informação e comunicação" (LASH, 1997, p.147). É necessário, antes de tudo, se pensar na imperiosa necessidade, já evidenciada, de democratização do acesso às informações, e de níveis ótimos de fluxo de informação, capazes de favorecer a reflexividade.

O conceito de reflexividade na perspectiva de Giddens (1991, 1997a), parece ser de natureza exclusivamente cognitiva, o que vem a se constituir fator de crítica para alguns estudiosos. Lash (1997), ao entendê-la na mediação da experiência cotidiana, considera que o fluxo de informação não ocorre apenas em relação a conhecimentos e questões conceituais, mas também a símbolos miméticos, o que abre possibilidades de a reflexividade ser, também, estética. Essa dimensão da reflexividade diz respeito à mediação da experiência do cotidiano, tendo a mídia papel importante. Está relacionada à questão da subjetividade, da individualidade, mas como estética alcança significado no compartilhamento, na formação de comunidades, as neotribos.

Nessa mesma perspectiva, Domingues (2002) critica a idéia de reflexividade em Giddens, tanto pela imprecisão conceitual como por estar associada basicamente ao racionalismo. Na perspectiva racional, a reflexividade é vista como a capacidade de o indivíduo refletir sobre si e sobre o mundo, de pôr constantemente em dúvida suas ações à luz de novos conhecimentos. As ações do indivíduo passam a depender de sistemas peritos e de especialistas, ou seja, dos conhecimentos institucionalizados, como forma de minimizar suas incertezas. O que se observa na vida cotidiana é que isso não acontece com tanta freqüência. As pessoas não estão conscientemente envolvidas em suas escolhas, de modo a estar sempre questionando, duvidando de suas ações. As escolhas ocorrem de maneira bastante "[...] fluida em seus elementos constituintes, na intencionalidade da conduta, na clareza de metas estabelecidas, na seleção de meios para chegar aos objetivos que o ator e as subjetividades coletivas se colocam [...]" (DOMINGUES, 2002, p.65). O autor reconhece uma reflexividade prática em oposição à reflexividade racionalizante, que, sem descartar a sua ocorrência em determinados momentos na vida do

indivíduo, é mais voltada para as ações no campo científico, principalmente das ciências sociais.

A exemplo disso, Domingues (2002) recorre aos estudos de Vaitsman sobre os projetos de vida de pessoas de classes sociais diferentes. No primeiro estudo com sujeitos de classe média do Rio de Janeiro deparou-se com mudanças e rupturas nas formas de perceber o mundo, a partir de questões como casamento, família, maternidade/paternidade, estudo e trabalho, as quais orientavam a construção de identidades flexíveis e plurais (VAITSMAN, 1994). No segundo estudo com mulheres de baixa renda, percebeu que as mesmas também mantinham projetos de vida para si e seus filhos, concebendo a educação como principal meio de ascensão social. Conscientes de suas condições sociais concretas, quando se viam sem o apoio de um companheiro, concebiam o trabalho tanto como necessidade quanto como forma de autonomização. Mas no caso de poder contar com a presença/ajuda masculina, o trabalho perdia tal sentido, deixando de ser obrigatório. Com isso, o estudo conclui que os discursos das mulheres são fragmentados entre o tradicional e o moderno, dependendo da situação de vida. Para Domingues (2002, p.66) fica evidente que nas vivências cotidianas diferentes estágios da modernidade se entrecruzam, que conceitos tradicionais convivem com outros (pós)modernos numa relação complexa. Com isso, “[...] maior e inevitável *plasticidade da identidade* se impõe.”

Com essa discussão fica evidente que individualismo e reflexividade não se restringem a grupos abastados, corroborando a perspectiva de Giddens de que identidade, vista como projeto reflexivo, relaciona-se com o fato de estarmos no mundo e termos que agir, decidir, planejar e adotar estilos de vida, quaisquer que sejam, quer queiramos quer não. Todavia, para Domingues (2002) a questão principal é que Giddens (1997a) considera a identidade como uma construção narrativa na qual o passado serve de orientação para o futuro através do planejamento de vida e de justificativas discursivas. Acontece porém que isso não ocorre de forma tão explícita e deliberada; as pessoas não estão constantemente questionando sobre si e projetando conscientemente suas vidas. As diversas situações cotidianas se organizam e se articulam através do que Domingues (2002) chama de reflexividade prática, organizada de forma mais simbólica, bastante limitada em termos de sua verbalização, ou seja, de ser compreendida racionalmente. A reflexividade prática ocorre de forma bastante difusa, entrecortada

por sentimentos e sensações, valores e medos, sem espaço para a ‘dúvida radical’, na qual essas pessoas buscariam sistematicamente possíveis respostas como forma de construir narrativa e coerentemente sua biografia. As mudanças na vida das pessoas ocorrem lentamente, não através de ‘projeto’ definido, mas num processo contínuo e inesperado, através da vivência cotidiana, na relação com o outro.

A mídia é apontada como fundamental nesse processo de construção da identidade. No entanto as informações podem chegar ao indivíduo através de outras fontes, ou seja, através do médico, da patroa, da personagem de uma novela, do conselho de algum artista, e muitas outras situações cotidianas. Essas informações podem ajudar, em graus diferenciados, na tomada de decisão, na definição de alguma direção a ser seguida, fornecendo materiais informativo e simbólico imprescindíveis para os tipos de reflexividade estética e prática. Domingues (2002) esclarece que a assimilação de novas informações não implica necessariamente o indivíduo seguir novo rumo, mudar o curso de sua vida. Pode ser que ele incorpore novos conceitos mas continue agindo de forma tradicional, ou ainda, que, mesmo preso a antigas idéias, mude sua vida. Embora na maioria das situações cotidianas o indivíduo mantenha o diálogo consigo mesmo (consciência reflexiva), nem sempre ele elabora discursivamente o fluxo de suas ações. A reflexividade não deve ser relacionada de forma estrita à linguagem (no sentido de ser autobiográfica), pois ela é, “cognição prática e produção simbólica”. Dessa maneira, a reflexividade, vista nos aspectos cognitivo, prático e estético, adquire *status* fundamental no processo de auto-identidade, através do uso da informação, que se processa na interação face a face e na interação mediada por sistemas peritos, especialistas e pelas diferentes mídias num processo de (re)significação das práticas sociais.

Considerando o exposto, percebe-se que a reflexividade é o motor da auto-identidade. A reflexividade dominou as ações dos sujeitos na sociedade contemporânea (ZIZEK, 2002). Age de forma paralela ao superego, dando a impressão de que podemos escolher, quando, na verdade, temos pouco poder de decisão. Com o fim da submissão do homem à tradição e à natureza, acreditamos numa total liberdade. Mas, ao contrário do que se pensa, a sociedade atual é impregnada de normas e regulamentos. O chamado libertador “você pode” – tão comum na publicidade – na verdade implica “você deve”. É como se se dissesse ao

indivíduo, “você deve agir e deve sentir prazer na ação”. Você deve fazer isso e aquilo porque pode fazê-lo, por isso, sintá-se feliz. Todo esforço será compensado.

Em relação ao uso do corpo, à autogestão corporal pela musculação, por exemplo, a reflexividade, mesclada em seus aspectos cognitivo, estético e prático, parece impor aos indivíduos que eles devem cuidar do próprio corpo, e devem fazê-lo com prazer, embora se saiba que tal gestão implica em altos investimentos. Você pode e deve ficar bonito. E a mensagem é ainda mais incisiva, pois faz a relação direta de beleza com saúde. Mulher ou homem com corpo firme, sem gordura aparente é o padrão estético valorizado socialmente e, ao mesmo tempo, parece implicar corpo saudável. As imagens nas mídias mostram essas pessoas felizes e realizadas.

Talvez por isso, muitos indivíduos adotem os cuidados com o corpo como meio de auto-realização. No entanto, por trás do apelo, “faça, mantenha seu autocontrole, realize-se”, a moral social é abafada. Beleza e saúde tomam a “linha de frente”. Os apelos de beleza e saúde de certa forma encobrem os conceitos morais de contenção e ascetismo do momento. Os indicadores estéticos, morais e de saúde se sobrepõem e se confundem (LOVISOLO, 1994). Seja belo e saudável! Mas, mantenha o autocontrole! Domine emoções e desejos! Evite vícios e vida desregrada! Seja dono(a) de você mesmo(a)! A construção da auto-identidade desses indivíduos passa a se constituir reflexivamente (cognitiva, estética e prática) tendo como ponto central a gestão corporal, através da informação.

O conteúdo deste capítulo buscou a compreensão da reflexividade como processo que permite, a partir do aumento de circularidade da informação, a tomada de decisão, de escolhas a serem feitas, favorecendo a construção da auto-identidade. A seguir, discutimos diferentes aspectos relacionados ao corpo humano, evidenciando formas de apropriação contemporânea, especialmente aquelas relacionadas à deliberação da autogestão corporal.

4 INFORMAÇÃO PARA A AUTOGESTÃO CORPORAL

Neste capítulo discutimos como a disseminação de informação sobre corpo e sua assimilação pelos indivíduos pode estar associada à tomada de decisão de autogerir o próprio corpo, não significando dizer que esse seja o único fator desencadeador da ação. Inicialmente, caracterizamos historicamente as concepções de corpo, evidenciando valores sociais atrelados, como beleza e sensualidade. Em seguida analisamos os diversos usos sociais do corpo e como, na atualidade, ao ser considerado propriedade particular, constitui-se projeto a ser (re)organizado reflexivamente. A decisão de autogestão corporal implica riscos e incertezas, a serem distinguidos pelos sujeitos através da reflexividade.

4.1 Concepções sociais do corpo

O corpo humano, como objeto de análise, é abordado por várias áreas de conhecimento sob diversas perspectivas, sendo infindáveis as possibilidades de se tentar conhecê-lo. Em diferentes épocas foi compreendido de maneira distinta e valorizado em conformidade com os códigos culturais vigentes. Como produto tanto da biologia quanto da cultura, a abordagem do corpo reflete a sociedade vigente, sendo sempre biocultural (GARCIA, 1997; SANT'ANNA, 2001). Garcia (1997, p.61) considera que a 'leitura' do corpo possibilita conceber certa história do homem, ou seja, sua evolução e a das mentalidades. Considerando a complexidade do tema e conscientes da impossibilidade de alcançarmos sua completude, discutimos alguns aspectos históricos e culturais do corpo, dentro do previsto por Sant'Anna (2001), quando afirma que estudar o corpo, em qualquer vertente, significa compreender as condições sociais de determinada época, os modos como certa cultura ou certo grupo social se apropriou do corpo, as suas formas de controle e de domínio, bem como considerar as reações do próprio corpo frente a tudo isso.

A percepção do corpo como produto cultural é defendida por vários teóricos. Para muitos, é difícil distinguir o que seja natural ou cultural no corpo. Mauss (1973),

pouco depois da Primeira Guerra Mundial, já defendia que os numerosos usos do corpo, expressos em ações como andar, saltar, correr, nadar, que nos parecem biológicos, possuem, na verdade, caráter cultural. As ‘técnicas do corpo’ dizem muito da sociedade em que o indivíduo vive. Com base em seu estudo, muitos outros vêm sendo apresentados, evidenciando que o corpo expressa aquilo que a sociedade deseja (DAOLIO, 1995; RODRIGUES, 2000; ALBERTINI, 2001; ALBUQUERQUE, 2001).

Berger e Luckmann (1990, p.72) consideram que haja forças sociais que determinam a natureza do homem; no entanto, devido à sua própria natureza e individualidade, muitos aspectos fogem ao controle social¹¹, principalmente em relação a questões sexuais. O homem na verdade (re)constrói sua natureza e se faz a si mesmo, mantendo-se em constante processo de formação, ao mesmo tempo em que se mostra bastante suscetível às influências sociais. O desenvolvimento do homem diz respeito à sua relação com o organismo e com o eu, numa relação bastante específica. O homem é um corpo e *possui* um corpo.

O corpo sempre esteve presente nos discursos sociais. Constitui forma de falar do homem em sua concretude, não apenas como ser social, mas “[...] como seres culturais em virtude de nossa natureza.” É necessário perceber o homem pelo seu corpo e pelo mundo que habita, numa inter-relação entre as duas instâncias, reconhecendo que o homem permanece no “[...] limiar entre natureza e cultura” (EAGLETON, 1998, p.75). O corpo é criativo, sendo a fonte concreta dessa intermediação entre natureza e cultura, fato que tem proporcionado variados discursos sobre o corpo ao longo da história.

Diversas expressões e metáforas foram e são utilizadas para designar concepções de corpo, as quais demonstram também a visão de mundo correspondente a cada período histórico. Na Antigüidade clássica, o corpo,

¹¹ Para Berger (1972), o controle social, inerente a toda sociedade, é visto como os vários modos de ‘enquadrar’ seus membros recalcitrantes. Mesmo em pequenos grupos – amigos, familiares, colegas de trabalho –, os mecanismos de controle são utilizados para manter a coesão do grupo. O sistema legal e político, referendado pelos integrantes da sociedade pode usar de meios que integrem desde a violência física até os meios de coerção mais brandos e não menos eficazes, como a advertência e a reprimenda, a pressão econômica através de multas ou mesmo perda do emprego, e de vários outros mecanismos de persuasão os quais impõem formas de comportamento social adequado aos seus membros. Assim, os indivíduos agem socialmente conforme regras pré-estabelecidas, dentro de limites muito estreitos, submetidos a e ao mesmo tempo protegidos por sistemas de controles e sanções.

vislumbrado como 'corpo morada', foi compreendido como "[...] obstáculo, prisão e túmulo da verdadeira essência do ser: a alma." (GUEDES, 1995, p. 9). Na Idade Média passou a ser evidenciado em sua formação material. A carne denotaria tanto "[...] a estrutura muscular ou a natureza animal" como "[...] os conceitos cristãos de sensualidade e concupiscência." Essa visão relaciona o corpo à sexualidade, fator inquietante à época, preocupada com os conceitos de moral e de fé dos cristãos. O 'corpo medieval', representado pela imagem de 'claustro da perfeição' (GUEDES, 1995, p.18), era considerado espaço para purificação através de sofrimentos resultantes do flagelo, da autopunição, da castração dos desejos e da castidade. O corpo guardava em si a oportunidade de atingir o divino, não obstante ter sido considerado, simultaneamente, fonte tentadora que afasta o homem do caminho da perfeição.

O Renascimento, época de forte otimismo no poder da razão em reorganizar o mundo humano, amplia a divisão entre corpo e mente e a primazia desta em relação àquele. Descartes figura como o pioneiro no sentido de perceber o homem como pessoa singular na sociedade, enfatizando a concepção do homem como ser pensante, que alimenta dúvidas e questionamentos e que tem no pensamento a garantia maior de sua existência. Apesar de não descartar a importância de se alcançar o conhecimento através dos sentidos, considera-os passíveis de ilusão. Para Descartes a verdade é alcançada pela razão, e sendo o conhecimento inquestionável em sua existência, argumentava que a mente pode ser mais bem conhecida que o corpo. O homem, como ser pensante, tem sua existência concretizada a partir da razão. Ao privilegiar a razão, o dualismo cartesiano atribui às práticas corpóreas conotação inferior. Os exercícios físicos e tudo que estivesse relacionado ao cuidados de si eram vistos e considerados menos relevantes do que o exercício da racionalidade (GUEDES, 1995).

O homem, portanto, ao longo da história, é apresentado como ser dividido, e tal dualismo geralmente subordina o corpo à outra instância (alma, espírito, mente). De acordo com Carvalho (1995, p.29) "estar subordinado hierarquicamente à mente é uma forma de degradar o corpo [...]", e quando este se rebela, o culpado é a alma/espírito/mente. Os aspectos expostos evidenciam a necessidade de nova filosofia corpórea do homem contemporâneo, na qual esse tenha maior domínio e controle sobre seu próprio corpo. Considerando-se todas as acusações impostas ao

corpo, julga-se necessário atitude positiva em relação a ele, enterrando de vez o negativo das “filosofias da suspeita” (ONFREY, 1999).

A redescoberta do corpo deveria reorientar a percepção corporal voltada para valores verdadeiramente humanos, tornando possível encontrar o ponto de referência que reconduza o indivíduo a sentir seu corpo. Mas o que acontece, segundo Carmo Júnior (1996, p.74), é que a concepção de corpo exposta na cultura contemporânea, projetada principalmente na mídia, de certa maneira (re)descobriu o corpo, mas encarcerou o ser. Instalou-se a corporeidade relacionada à possibilidade de se ter um corpo, porém, privado de sua humanidade – o ser corpo. Aspectos como afetos e, de certo modo, movimentos são excluídos¹², e quando não, são potencializados a ponto de desestabilizar o equilíbrio psíquico e corpóreo. Pensamos o corpo como fenômeno perceptivo, porém com resíduos da visão dualista do corpo de épocas anteriores.

Baudrillard já chamava a atenção para o recente interesse sobre o corpo, considerado, sobretudo, como objeto de consumo. O corpo é “[...] o mais belo, precioso e resplandecente de todos os objetos [...]” (BAUDRILLARD, 1975, p.157). O estatuto do corpo é questão de cultura, negá-lo ou evidenciá-lo reflete os modos sociais de organização e de relação. Na sociedade capitalista, o corpo adquire valor de propriedade privada, ao contrário de outros períodos e tipos de organizações sociais. Apresenta-se como capital e fetiche, ou seja, como objeto de consumo, sendo necessário nele investir, econômica e psiquicamente. Beleza e erotismo instituem a nova ética do corpo. A beleza torna-se elemento fundamental pelo fato de integrar a lógica do capital, deixando o corpo de ter valor concreto de uso (energético, gestual e sexual) para ter valor funcional de troca, o qual, em sua abstração, sintetiza a idéia, algumas vezes implícita de um “[...] corpo glorioso e realizado, [...] do desejo e do prazer.” (BAUDRILLARD, 1975, p.162). Nesse processo de negação, a beleza funciona como valor-signo, modalidade do imperativo funcional, válido tanto para objetos como para o ser humano em geral, independentemente do sexo. Dessa maneira, o erotismo associado à beleza propicia a redescoberta do corpo ao mesmo tempo em que favorece o seu consumo.

¹² Devido, principalmente, às comodidades resultantes da tecnologia que praticamente anulam a necessidade de esforço físico do homem contemporâneo (GONÇALVES, 1994).

A mulher é o principal alvo dessa nova perspectiva corporal, mas não exclusivo, pois o homem é cada vez mais atingido pelos apelos de beleza (ANZAI, 2000). Há agora, em relação ao corpo, um terrorismo moral equivalente ao anteriormente atribuído a Deus. Os apelos afirmam que se a pessoa não seguir tais procedimentos, se não agir em conformidade com as orientações em vigor, tornar-se-á feia, envelhecerá muito rapidamente e enfrentará a tão detestável obesidade. Enfim, os apelos sugerem que a mulher, mas não apenas ela, deva cuidar de si. Não como opção ou maneira de autoconhecimento, mas como imposição social, numa “[...] lógica inteiramente feiticista e espectacular, para o constituir [o corpo], na dimensão exterior, como objeto mais polido, mais perfeito e mais funcional.” (BAUDRILLARD, 1975, p. 159). Os meios de comunicação fazem crer que cada indivíduo tenha o corpo que merece, levando-o a incorporar novo sentido de responsabilidade e de cuidados com o próprio corpo (SILVA, 1996).

Nessa linha, Goellner (1999) cita três imperativos que, em conjunto, direcionam e limitam as formas de ser e de se comportar da mulher. São valores sociais que admitem pouca contestação: ser bela, ser mãe e ser feminina. A beleza na sociedade contemporânea é vista como algo a se conquistar, havendo disponibilizados vários mecanismos para isso; no entanto, tais atributos de beleza estão estreitamente vinculados a conceitos morais. Mulher bela é aquela sedutora e capaz de atrair a atenção para si; todavia, os artifícios e recursos para isso devem ser usados na medida certa, em consonância com os valores morais da sociedade, mediante os quais o corpo é posto em censura. É preciso ser bela e sedutora mas dentro do limite que não atinja a vulgaridade. A mulher é ainda identificada com a maternidade, o que requer corpo forte e apto, mas, dentro também de limites impostos tradicionalmente para cada sexo, uma vez que o corpo feminino deva ser “[...] forte sim, mas sem deixar de ser frágil; sem invadir territórios que são construídos e vivenciados a partir de olhares e parâmetros próprios do corpo masculino.” (GOELLNER, 1999, p.41). Isso significa, em última instância, que os cuidados de si por parte da mulher devem estar vinculados ao controle e à vigilância no sentido de manter a feminilidade. Há o limite entre o feio e o bonito, entre o aceitável e o condenável e a mulher deve estar atenta a isso.

As concepções sociais dos corpos masculino e feminino, como podemos perceber, são polarizadas. Qualidades e atributos que caracterizam distinções e

complementaridades entre gêneros são bastante claras e presentes na sociedade: homem e mulher, masculino e feminino, vício e virtude, potência e fragilidade, virilidade e fecundidade, produção e reprodução, público e privado, cultura e natureza (GOELLNER, 1999). Para o modelo masculino, prevalece a polarização entre forma física e sucesso social, enquanto que, no caso da mulher, permanece central a questão da beleza e do erotismo (BAUDRILLARD, 1975; ANZAI, 2000). O processo de redução do corpo ao valor de troca atinge homens e mulheres, mas privilegia a estas, e, por conseguinte, o antigo recalçamento e a exploração atual estão situados sob o mesmo signo, assumindo definições erótica e sexual. A aparente libertação da mulher confunde-se com a aparente libertação do corpo feminino. Aparente porque instituída por sistemas de valores que induzem, na verdade, ao consumo e à rejeição social. Assim, os apelos sociais para os cuidados com o corpo apresentam especificidades culturais, observando-se que ao mesmo tempo em que buscam romper certos determinismos, os evidenciam ainda mais, o que se reflete nas formas de uso do corpo.

4.2 Condições sociais do uso do corpo

O mundo e o ser humano não são mais os mesmos. As exigências a que os indivíduos estão submetidos são bastante complexas. A participação social requer adequação aos modos de ser e de agir. Em relação ao corpo, o que se observa é que ele é visto como objeto a ser manipulado, transformado em conformidade com determinados valores sociais. Assim sendo, os usos do corpo estão condicionados socialmente. Na sociedade atual, se considerarmos as contingências do ambiente da informação e da comunicação, podemos indicar três perspectivas de uso/desuso do corpo: seu progressivo afastamento/negação nas interações sociais, sua superexposição nas diversas mídias e sua intensiva transformação através de intervenções técnicas (CARDOSO, 1999).

A negação/afastamento do corpo está relacionada a questões já discutidas na quase-interação, em que a mediação das tecnologias de informação e de comunicação estaria promovendo o isolamento dos indivíduos entre si e potencializando a interação desses com a máquina. As interações face a face, nas

quais o corpo tem importante papel, estariam sendo suplantadas pelas interações mediadas, nas quais a troca de informação ocorre de forma descontextualizada (no espaço e às vezes, no tempo), excluindo o papel do corpo. Consideramos que isso de fato não aconteça, pois nenhum tipo de comunicação prescinde do corpo e, mesmo levando em conta a comunicação via internet, embora haja a sensação de anulação do corpo, os internautas procuram superá-la, por exemplo, através de estratégias como o uso de códigos e símbolos que expressem emoções, os *emoticons* (CARDOSO, 1999). Além disso, conforme considerado anteriormente, na sociedade contemporânea, diferentes formas de interação social coexistem, seja em presença ou em ausência dos interlocutores. Achados recentes mostram que os sujeitos contemporâneos, mesmo incorporando novas possibilidades de interação, desenvolvem estratégias de conservação das relações presenciais (BRETAS, 2000).

Outra perspectiva atual de uso do corpo relaciona-se à sua (hiper)exposição. Esse fenômeno não tem igual em nenhum outro momento histórico. Na sociedade ocidental contemporânea imagens do corpo, de homens e de mulheres, estão em jornais, revistas, televisão, *outdoors*, cinema, internet, sem contar as infindáveis informações sobre práticas e usos do corpo; além disso, discursos sobre moda, dietas, atividades físicas, cirurgias plásticas, massagens, cosméticos, *piercing* e outros educam os consumidores. Essas imagens e réplicas do corpo humano proliferam nos espaços sociais das grandes e médias cidades, retratando ideais de juventude, saúde e beleza dos corpos. São usadas para vender produtos e serviços; seus discursos apresentam esses ideais como algo que todos devem buscar, algo a ser atingido (BRUHNS, 2000). A essa hiperexposição 'virtual' do corpo somam-se novos espaços de integração social presencial para as diversas tribos exporem seus corpos: em *shoppings*, academias de ginástica, boates, praias, e tantos outros (CARDOSO, 1999). O corpo está na ordem do dia, devendo ser usado conforme os apelos sociais vigentes.

A transformação do corpo é outro aspecto que o contexto da sociedade contemporânea nos permite pensar. Vivemos uma espécie de explosão tecnológica que invade os espaços sociais e modifica o cotidiano das pessoas, quer queiramos quer não. A antiga noção de oposição entre homem e máquina perde força; cada vez mais ocorre cooperação e porque não dizer integração entre essas duas instâncias. Em relação aos usos do corpo, os avanços tecnológicos têm permitido aos indivíduos

possibilidades antes inimagináveis de (re)modelá-lo e (re)construí-lo. Filmes de ficção como *Blade Runner*, *Gattaca*, *Inteligência Artificial*, *Matrix* estimulam as projeções humanas para o futuro. A imagem-símbolo da simbiose homem-máquina é o *Cyborg* (CARDOSO, 1999; COUTO, 1998; FRAGA, 2001; SOARES, 2001).

Todavia, a transformação do corpo, composta por elementos biológicos e artificiais, deixa de ser ficção para integrar a vida das pessoas, tornando difícil estabelecer, com rigidez e precisão, os limites éticos e estéticos. Próteses, implantes, intervenções cirúrgicas e uso de substâncias diversas fazem parte do cotidiano, alterando a conformação dos corpos. Tais mutações são motivadas, principalmente, pela promessa e pelo desejo de saúde e juventude eternas, de aumento da *performance* e de prolongamento da vida (SANT'ANNA, 2001). Diante das possibilidades de nova corporeidade na sociedade atual, é patente a ambição do homem de controlar o corpo, aumentar sua potência, modificar sua composição e eliminar suas fragilidades (COUTO, 1998).

Sant'Anna (2001) enuncia algumas prováveis razões para explicar o que vem ocorrendo em relação ao corpo. São tentativas de compreender as ambições do homem de, em associação com a ciência e a tecnologia, buscar conhecer, controlar e ultrapassar os limites e fragilidades do corpo. A primeira hipótese, a do corpo como último território a ser explorado, é explicada pela necessidade que o homem tem de controlar e dominar. Aparentemente, depois de conquistar terras, céus e mares, vivencia a sensação de nada mais ter a conquistar, salvo o próprio corpo. Nessa perspectiva, o Projeto Genoma ganha dimensão ampla, podendo ser considerado o novo mapa capaz de conduzir o homem a novas e inusitadas aventuras. A segunda hipótese, a do corpo como única posse e como território do exercício da liberdade individual, considera que possuir um corpo é uma das poucas certezas que o indivíduo pode manter. E, na cultura em que o ser humano vale pelo que possui, ter um corpo, poder utilizá-lo como quiser, exibi-lo quando e como desejar, representa certa riqueza e poder. No entanto, a distância entre o que se quer do corpo e o que ele é, ou até onde é possível chegar-se, vem a ser fonte de angústia e sofrimento. A insatisfação está, frequentemente, presente. A terceira hipótese, a de que pelo corpo o indivíduo mostra o melhor de si, tem estreita relação com as anteriores, e sugere que o corpo pode ser visto como aquilo que mais se aproxima da identidade do indivíduo. Mesmo considerando-se que a sociedade atual veja o corpo como objeto

de consumo, é através do corpo, do uso da tecnologia para modificar a aparência, do uso de adornos para estar na moda e/ou para se sentir bem consigo, dos regimes corporais e de diversas práticas corporais, que o indivíduo participa do mundo da forma mais autêntica.

O atual movimento de libertação do corpo difere muito dos ocorridos em períodos anteriores. Nas décadas de 1960 e 1970 tinha caráter político, de busca da autenticidade, da verdadeira essência do corpo. Entre 1980 e 1990, o objetivo buscava libertar o corpo dessa suposta autenticidade e tratá-lo como instância que pode e deve ser reconfigurada. A partir de então, tal busca tem-se acentuado. Do halterofilismo a anabolizantes, dos adornos ao uso da ciência e da biotecnologia através da lipoaspiração, das cirurgias plásticas diversas, do uso de silicone, tais experiências revelam o desejo de libertar o corpo sob a perspectiva da expansão global do “totalitarismo fotogênico” (SANT’ANNA, 2001, p.21), em que tudo do corpo é reduzido à imagem. Tudo tem que ser mostrado e visto. Diante das possíveis metamorfoses do corpo divulgadas na mídia e incorporadas ao cotidiano fica o questionamento sobre as fronteiras do corpo. Por um lado, pode-se considerar que o homem, ao romper com antigas referências morais e políticas, em vez de emancipar os corpos, tende a emancipar-se do corpo. O corpo torna-se obsoleto, não mais por ser inferior à alma, mas por apresentar limites e ser incapaz de acompanhar a evolução científica e tecnológica da atualidade. Por outro lado, a associação entre natureza e cultura favorece certo hibridismo, diminuindo a fronteira entre o natural e o artificial. Corpos ‘esculpidos’ são reverenciados pela mídia como símbolo de beleza, não importando quantas plásticas ou implantes de silicone tenham sido feitos. Tudo parece reduzido ao fascínio da imagem, embora, ao mesmo tempo, perceba-se a tendência crescente em mostrar, exibir o corpo em locais onde possa ser visto e apreciado.

Considerando todas essas questões e reconhecendo que vivemos numa sociedade complexa, repleta de oportunidades e riscos, percebemos que o corpo deixa de ser um aspecto da natureza, algo fixo e definido, que muitas vezes se nos apresenta como inconveniente e inadequado, para tornar-se projeto a ser organizado, reflexivamente, tendo os sistemas peritos e as diversas mídias como suporte para tal empreendimento. Para Giddens (1997a), a emancipação do corpo é condição indispensável para sua reestruturação reflexiva, considerando-se,

entretanto, que tal emancipação não significa dizer que o corpo seja, agora, uma entidade inerte, subordinado exclusivamente à cultura do consumo (BAUDRILLARD, 1975) ou à disciplinarização (FOUCAULT, 1987) ou que se tenha perdido em si mesmo (SANT'ANNA, 2001). Na verdade, ele é bem menos dócil do que em outras épocas. Representa rica fonte de informação, e ao ser mobilizado cotidianamente, de alguma forma, vem-se constituindo caminho para a construção da individualidade.

4.3 Corpo e reflexividade

Na sociedade contemporânea, “[...] o corpo torna-se cada vez mais socializado e puxado para a organização reflexiva da vida social” (GIDDENS, 1997a, p.92). No que se refere à reflexividade, aquilo que se aplica às interações sociais é também aplicável ao corpo. Segundo afirma o autor:

O corpo é um objeto no qual todos temos o privilégio, ou a condenação, de habitar, é a fonte de sensações de bem-estar e prazer, mas também o local de doenças e pressões. Todavia, como tem sido sublinhado, o corpo não é apenas uma entidade física que nós “possuímos”, ele é um sistema-acção, um modo de *práxis*, e a sua imersão prática nas interacções da vida do dia-a-dia é uma parte essencial da manutenção de um sentido coerente de auto-identidade.

O corpo é a materialidade do sujeito, a instância objetiva; é o que identifica e diferencia um indivíduo do outro. É vetor de individualização, estabelecendo fronteiras nítidas de identidade pessoal. “Eu sou meu corpo” (LE BRETON, 1995, p.64). Mas é também um modo de ser, de (inter)agir no mundo, de usar o corpo. Modo de *práxis* socialmente determinado. O corpo no contexto atual sofre novas e diferentes formas de (re)apropriações individual e coletiva. Ele participa ativamente das ações sociais e dá sentido àquilo que somos ou queremos ser. Assim, as categorias ‘corpo’ e ‘reflexividade’ nos parecem complementares para a percepção dessa dinâmica de controle, domínio e transformação subjetiva, visto que estão relacionadas a aspectos mais amplos da vida social. O corpo pode ser considerado instância fundamental no processo de reflexividade, seja como objeto, produto de

inúmeras informações disseminadas socialmente, seja como sujeito, produtor de informação interna para o indivíduo e externa para o interlocutor da interação.

O sujeito contemporâneo tornou-se gestor de seu próprio corpo. De certo modo é persuadido a fazê-lo diante dos inúmeros apelos sociais. É instado constantemente a agir, a escolher entre inúmeras possibilidades. Em relação ao corpo, Giddens (1997a) discute quatro aspectos inter-relacionados e importantes na autogestão corporal, que têm a reflexividade como ponto chave para o engajamento do sujeito. São eles: aparência, postura, sensualidade e regimes.

A aparência está relacionada às características superficiais do corpo – o modo de vestir e os adornos, visíveis tanto para o indivíduo como para os outros – e fornece indícios para interpretação de ações sociais desse indivíduo. A postura diz respeito à forma como a aparência é usada pelo indivíduo em seu cotidiano; reiterando as palavras de Giddens (1997a, p. 92): “[...] é o modo como o corpo é mobilizado em relação a convenções constitutivas da vida diária.” Tais aspectos são analisados também por Goffman (2001) ao tratar das interações sociais presenciais. Para este, a aparência e a postura ou maneira estão relacionadas à forma como o indivíduo se expressa através do corpo, refere-se ao modo mais íntimo e próprio de ser. Alguns aspectos são relativamente fixos, como os caracteres raciais, outros relativamente móveis e transitórios: gestos corporais, expressões faciais, vestuário, adornos. O corpo como emissor de informação, tem na aparência indicadores do *status* social, do estado ritual temporário, do estilo de vida de cada um. A postura envolve estímulos que caracterizam o papel de interação a ser desempenhado em dada situação, e de certa forma determina o curso da interação social: a maneira agressiva e arrogante pode dar a impressão de que o indivíduo pretenda comandar a interação; a maneira humilde pode indicar o contrário. Espera-se coerência entre aparência e postura, embora muitas vezes as mesmas possam contradizer-se, como no caso de pessoa de alto nível social vestir-se com trajes simples e agir de maneira igualitária, íntima ou humilde.

Em sociedades tradicionais, a aparência corporal e a postura eram, de acordo com Giddens (1997a), fortemente padronizadas, ao contrário do que ocorre, na atualidade, pois sofrem significativa intervenção da pluralidade de meios. A aparência, nas sociedades de outrora, sinalizava muito mais para a identidade social do que para a identidade pessoal. Hoje, a aparência ainda se mantém relacionada ao

grupo social ao qual o indivíduo pertença, é ainda influenciada por fatores, como pressões de grupos, força da propaganda e dos recursos econômicos. Mesmo assim, ocorre enorme variedade de escolha de vestuário, por exemplo, sendo o poder de escolha o ponto central. Diante da variedade de opções e dos diversos cenários de atuação e adequação do indivíduo, a aparência ou os modos de se vestir e se adornar, bem como a postura ou os modos de ser e de se expressar revelam-se fatores importantes na autogestão corporal, estando relacionados ao projeto mais amplo de construção de si (projeto reflexivo do self). O indivíduo deve estar preparado para atuar em espaços públicos, apresentando e mantendo a aparência e o comportamento apropriados. Aparência e postura são fundamentais nas interações sociais, na determinação da coerência do desempenho dos indivíduos. Devido a essa necessidade de adaptação aos diversos cenários é que se poderia pensar que o indivíduo tende a desenvolver diversos 'se/ves', sem um núcleo interno de identidade. No entanto, "[...] a manutenção de constantes da postura através de vários cenários de interação é um dos principais meios através dos quais é normalmente preservada a coerência da auto-identidade [...]" (GIDDENS, 1997a, p.93). Naturalmente, o ajuste da aparência e da postura do indivíduo ocorre nos diversos cenários ou locais, mas sem perder a coerência com a identidade própria de cada indivíduo.

A sensualidade expressa o manejo individual e personalizado do prazer e também da dor. A relação entre corpo e sensualidade é bastante explorada na mídia, sendo objeto de estudo de vários pesquisadores (BAUDRILLARD, 1975; ANZAI, 2000) conforme discutido acima. Os regimes a que as pessoas se submetem estão vinculados à aparência e à postura, e ainda à sensualidade. Os regimes relacionam-se a padrões de sensualidade, que "[...] são os principais meios através dos quais a reflexividade institucional da vida social moderna é direcionada para o cultivo do corpo – se não mesmo para a sua criação [...]" (GIDDENS, 1997a, p.94). O corpo torna-se parte da reflexividade da contemporaneidade por meio dos regimes e da organização da sensualidade e também da aparência e da postura, estando, constantemente, submetido à atenção reflexiva, tendo como "*pano de fundo*" a pluralidade de opções. Para isso os sistemas peritos e os especialistas como médicos, terapeutas, nutricionistas, dentre outros, são fundamentais no sentido de oferecer métodos que orientem a condução de hábitos corporais, sendo que as

diversas mídias, cada vez mais utilizam tais sistemas peritos e especialistas para legitimar, dar credibilidade às informações difundidas. Para Cheida (2000, p.76) “a mídia adota o conceito de verdade da informação veiculada como instrumento de busca da legitimação de seus atos [...]”, mesmo que em muitos casos, a informação apresente caráter descontextualizado e superficial e até mesmo contraditório na orientação do planejamento de vida dos indivíduos.

As interações midiáticas atualmente criam e recriam estilos de vida. A maioria associa aos cuidados de si com o caminho para a auto-realização. O corpo está no centro do processo de manutenção coerente do eu, sendo que, dentre as muitas opções, os cuidados do corpo através de atividades físicas têm ganhado destaque. Tais cuidados, como meio de construção corporal, envolvem o universo não apenas dos exercícios físicos, mas também dos alimentos, dos suplementos, dos *diets* e *lights*, das cirurgias plásticas e tudo o mais, objetivando manter a forma do corpo e a beleza corporal (SOARES, 2001). A busca por resultados estéticos através da prática de atividade física pode orientar a aparência, a postura, a sensualidade e os regimes dos corpos. Em conjunto, tais aspectos constituem delimitações e direcionamentos da vida cotidiana do indivíduo que estão além do simples consumo de produtos, pois relacionam-se reflexivamente ao planejamento e à adoção de certo estilo de vida. Giddens, ao referir-se aos regimes corporais, enfatiza:

Seria uma grande limitação ver este fenômeno apenas em termos de mudança de ideais de aparência corporal (tais como a elegância ou a juventude), ou como tendo surgido apenas graças à influência mercadorizadora da publicidade. Tornamo-nos responsáveis pelo *design* dos nossos próprios corpos e, em certo sentido, somos forçados a fazê-lo quanto mais pós-tradicionais forem os contextos sociais em que nos movemos. (GIDDENS, 1997a, p. 95-96).

Embora concordando com o autor, quando considera que a autogestão corporal esteja mais relacionada ao fato de que somos responsáveis pelo nosso próprio corpo, e que portanto devemos e podemos defini-lo como queremos, consideramos que algumas questões são bastante determinantes, dentre elas, a definição de certo padrão corpóreo divulgado pela mídia. O padrão de beleza feminino proposto é o da figura longilínea, magra e de seios fartos, associado a modelos famosas, enquanto que em relação ao público masculino, a imagem é a do

jovem com músculos delineados, desportista e bem sucedido (BAUDRILLARD, 1975; ANZAI, 2000). A autogestão corporal, como processo de busca da individualidade, de desejo desenfreado pela distinção, pode resultar em processo inverso de massificação, visto que os cânones de beleza atuais são implacáveis e inconfundíveis: ser esbelto, alto, forte, desportista, saudável, bem sucedido e feliz.

Para muitos, em relação à autogestão corporal, o que ocorre é o puro e simples 'culto ao corpo', que, reforçado pelas informações divulgadas na mídia, está criando novos valores sociais. O que antes era questão própria das mulheres jovens, vem atingindo as pessoas de modo geral, sejam mulheres ou homens de qualquer idade, de crianças a idosos. A busca incessante pelo padrão corpóreo mitificado na mídia é sustentada por técnicas e práticas de gerenciamento do corpo que levam a situações extremas de obsessão e evidente negação do envelhecimento e da morte. São os "condenados da aparência" (COURTINE, 1995). O conceito de corpo 'malhado', e até mesmo hipertrofiado está sendo incorporado à sociedade. Além das academias de ginástica, é visto no cinema, nos jogos de *videogame*, nas novelas, nos comerciais de televisão, nos espaços públicos mais diversos. Na próxima olimpíada estará representado sob nova e estranha modalidade esportiva, muito próxima dos concursos de mister universo, denominada *body building*, que se configura apenas na "[...] exposição estática e fragmentada do corpo musculoso [...]" (FRAGA, 2001, p.69). Nesse sentido, Soares (2001, p.120) questiona: "[...] para onde vão esses seres feitos de montanhas de músculos senão exibir-se numa sociedade que cada vez mais prescinde da força muscular?"

Assim, a autogestão corporal apoiada pela reflexividade, que favorece a busca da auto-identidade, traz consigo os riscos de, frente aos apelos sociais veiculados, principalmente, pela mídia, tornar-se procura desenfreada de conquista do padrão corpóreo dominante, numa atitude sem sentido de diferenciação que pode levar a danos ao indivíduo.

4.4 Oportunidades e riscos

Diante das possibilidades de apropriação, social e individual, do corpo, o homem contemporâneo vive em constante busca. Se, durante séculos de história o

corpo foi preterido, atualmente parece ter-se tornado o caminho para a auto-realização. Ter um corpo e ser corpo. Libertá-lo das amarras que tanto o prenderam para, paradoxalmente, possuí-lo e dominá-lo conforme objetivos próprios. No entanto, os riscos estão sempre presentes nas ações sociais contemporâneas. Em relação ao corpo, o indivíduo pode perder o controle da situação, pode apresentar atitudes compulsivas e deixar de agir reflexivamente. Preocupar-se habitualmente com o corpo pode ser razoável, mas muitos indivíduos ultrapassam esse limite e a autogestão corporal passa a ser um vício. Segundo Giddens (1993, p.83), o vício está expresso nas atitudes comportamentais compulsivas, podendo ser avaliadas “[...] em termos das conseqüências do hábito para o controle de um indivíduo sobre a sua vida e mais as dificuldades de se abandonar aquele vício.” De fato, o dia a dia se transforma em rotina, em função de atividades regulares, repetidas constantemente, que podem ser alteradas sempre que necessário. O hábito já é uma forma de comportamento mais repetitivo, que exige maior esforço para alterá-lo. A compulsão, por sua vez, constitui comportamento praticamente impossível de se romper. Sua realização, através de rituais estereotipados, libera tensão e proporciona conforto. O vício é narcotizante. De fato, “[...] os vícios são compulsivos, mas não são rituais sem importância; atingem grandes áreas da vida de um indivíduo” (GIDDENS, 1993, p.84).

Algumas questões relacionadas aos cuidados de si podem ser analisadas em termos de excesso, representando sérios riscos ao processo de autogestão corporal. A anorexia, a dismorfia muscular, o uso de anabolizantes e o narcisismo patológico podem ser vistos a partir dessa perspectiva. A anorexia se constitui a forma mais extrema de se compreenderem os riscos subjacentes da gestão corporal. É algo mais do que pura obsessão com a aparência corporal e a elegância. Pode ser considerada uma “[...] patologia do autocontrole reflexivo, funcionando em torno de um eixo de auto-identidade e de aparência corporal, no qual a ansiedade da vergonha joga um papel preponderante [...]” (GIDDENS, 1997a, p.98). A preocupação com a aparência, sua adequação e aceitação nos cenários, faz com que as mulheres, principalmente, mas não exclusivamente, pouco a pouco, entrem em estado de apatia em relação à comida. Não ocorre de repente. Até por isso, significa que a pessoa tenha dedicado bastante atenção aos e consumido todas as informações sobre os cuidados do corpo e, mais especificamente, atenção à dieta. A

pessoa anoréxica percebe a necessidade de manter estilo de vida diferente daquele que a identifica, entra em estranha busca, num contraste entre vergonha e orgulho diante da aparência que procura constituir.

O fato de a anorexia nervosa estar mais relacionada a mulheres jovens explica-se, em princípio, pela importância maior atribuída à aparência e à atração física (sensualidade), além do fato de as jovens estarem na fase de formação de sua identidade. No entanto, como amplamente noticiado na imprensa nacional já há registro de rapazes anoréxicos entre 13 a 18 anos, embora em pequena proporção¹³. Para Giddens (1997a), a explicação para a anorexia está em desacordo com a psicanálise, que a considera a recusa do indivíduo em se tornar adulto. Para o autor, as razões decorrem da pluralidade de opções que a sociedade oferece e que gera ansiedades e incertezas, e, ao mesmo tempo, da contínua exclusão das mulheres na participação plena nas atividades sociais que tais opções favorecem. Em outras palavras, seria a cultura machista impedindo a realização da mulher. A partir dessa premissa, surge o questionamento: o que vem ocorrendo, então, com os homens anoréxicos ou com a anorexia reversa, que corresponde à incapacidade de alguns se perceberem suficientemente musculosos?

Esse é outro ponto relacionado aos riscos da autogestão corporal. Pope Jr., Phillips e Olivardia (2000) chamam a atenção para o fato de que a preocupação com a aparência, antes considerada inerente ao “sexo frágil”, atinja, agora, a todos de modo geral, mulheres ou homens de qualquer idade. Apontam, então, para o fenômeno que denominam de “Complexo de Adônis” – a obsessão de homens jovens e adultos com a aparência de seus corpos, tendo como consequência mais grave a dismorfia muscular, síndrome que faz com que os homens não se sintam suficientemente fortes e musculosos. É uma espécie de anorexia nervosa reversa, isto é, síndrome contrária ao que ocorre com as mulheres que, sem jamais admitirem estar magras demais, sofrem de problemas, como anorexia e bulimia, resultado da busca desenfreada e irracional de atingir o padrão do corpo magérrimo de modelos e atrizes famosas.

¹³ Revista Veja, edição número 1.672, de 25 de outubro de 2000, intitulada *Novas vítimas – anorexia é coisa de menina, certo? Errado. A doença agora também ameaça os meninos.*

Para os autores, uma das explicações para tal problemática é a relativa igualdade de direitos e de condições que as mulheres vêm atingindo nos últimos anos, o que pode justificar a insegurança dos homens e sua concentração maior com os cuidados do corpo. Ultimamente “[...] as mulheres atingiram cada vez mais a igualdade com os homens em muitos aspectos da vida, deixando os homens basicamente com seus corpos como uma forma de definir a masculinidade.” (POPE, JR.; PHILLIPS; OLIVARDIA, 2000, p.72). Assim, acreditam que a ânsia por um corpo hipermasculino possa ter sua origem na crescente e contínua ameaça dos privilégios do mundo masculino em face da ascendência gradativa das mulheres na sociedade.

As explicações para a problemática feminina e masculina estão em consonância com o fato de que, pela autogestão corporal buscam colocar-se à frente das transformações sociais. Por um lado, os regimes corporais femininos encaminham-se para a falta ou ausência de alimento; por outro, os dos homens pecam pelo excesso de ‘malhação’. Para estes, é preciso ser cada vez mais músculos e com isso, novos riscos se manifestam. Para adquirir músculos, ou melhor, para potencializá-los, muitas vezes, os anabolizantes se fazem presentes. E como nos casos anteriores, o uso de anabolizantes não parece ser uma prática cega, “[...] não se trata de uma postura ingênua dos(as) praticantes de musculação frente aos anabolizantes, a grande maioria sabe que efeitos pode ter o que estão ingerindo [...]” (FRAGA, 2001, p.71). O pressuposto é o de que o indivíduo, ao fazer uso de substâncias ou drogas para aumentar a musculatura, possua bastante informação sobre o assunto e saiba muito bem o que está fazendo, corroborando a concepção de Giddens (1997a) em relação à anorexia. Como afirma Fraga (2001), mesmo aqueles que possuem conhecimento científico sobre o assunto, como os estudantes do curso de educação física, têm experimentado anabolizantes em seus próprios corpos. Assim, a possível justificativa para o uso de anabolizantes como sendo a falta de informação sobre seus efeitos colaterais estaria descartada. A concepção de que o risco à saúde diminua à medida que o indivíduo saiba o que está fazendo perde força, podendo-se considerar outra possibilidade, a de que os praticantes “[...] fazem parte de um processo de ajustamento social a um discurso que movimenta complexa indústria do corpo ‘malhado’ [...]” (FRAGA, 2001, p.71). Na verdade, as informações e as imagens dos efeitos positivos dos anabolizantes, ou seja, de sua eficácia no ganho de massa muscular tão freqüentes na mídia, se sobrepõem aos

seus efeitos negativos. A hipertrofia muscular é ad, quirida muito rapidamente, enquanto que os perigos decorrentes do uso de anabolizantes, tais como, problemas ataques cardíacos e câncer, ocorrem em longo prazo (POPE, JR.; PHILLIPS; OLIVARDIA, 2000).

Outra característica relacionada aos riscos do culto ao corpo diz respeito ao narcisismo. É necessário considerá-lo dentro de um *continuum* que vá do estado normal ao patológico. O termo narcisismo apresenta imprecisões e refere-se a fenômenos diversos, tais como: perversão, estágio libidinal, estado regressivo e ainda, “[...] um modo relacional e uma escolha de objeto [...]” (SODRÉ, 1994, p.15). Toda relação amorosa implica escolha de objeto, mas quando o indivíduo sofre alguma perturbação durante o desenvolvimento da libido elege como objeto erótico (libidinal) o próprio eu. Freud entendia a libido do ego como uma fase do desenvolvimento normal do ser, denominado narcisismo primário, próprio nos recém-nascidos, que não distinguem entre si mesmos e o corpo materno. Depois, há uma evolução para o estágio do ‘ideal do eu’, em que o sujeito se reconhece como distinto do outro, sendo esse estágio definido como narcisismo secundário. Neste estágio “[...] os estímulos para a formação do eu ideal partem de forças educativas, pais, professores, contexto social (modernamente, a mídia) o que dá uma medida da importância da dimensão social [...]” É no narcisismo secundário que ocorre o narcisismo patológico, como tentativa de reaver “[...] um ‘passado’ grandioso e aplacar a ansiedade provocada por impulsos agressivos dirigidos contra a fonte (o objeto) atual de frustrações [...]” (SODRÉ, 1994, p.16).

Essa noção de narcisismo, de busca de individuação vem sendo discutida por alguns estudiosos, dentre eles Lasch (1983), quase sempre numa perspectiva patológica. O narcisismo é considerado por Lasch como estratégia de sobrevivência diante dos riscos e adversidades da sociedade contemporânea, os quais geram nos indivíduos a noção de fim e de vazio e a conseqüente necessidade de fortalecimento do eu. De acordo com Severiano (2001), as estratégias de sobrevivência a que Lasch se refere vinculam-se às práticas de enaltecimento individual, as quais se caracterizam pela busca do autodesenvolvimento, em viver intensamente o momento presente, de preocupar-se em extremo com o desempenho pessoal, atitudes essas estimuladas, sobremaneira, pela mídia. Há, portanto, valorização exacerbada do eu e desvalorização de projetos coletivos. Lasch (1983, p.43) considera que,

Os meios de comunicação de massa, com seu culto da celebridade e sua tentativa de cercá-la de encantamento e excitação, fizeram dos americanos uma nação de fãs, de freqüentadores de cinema. A “mídia” dá substância e, por conseguinte, intensifica os sonhos narcisistas de fama e glória, encoraja o homem comum a identificar-se com as estrelas e a odiar o “rebanho”, e torna cada vez mais difícil para ele aceitar a banalidade da existência cotidiana.

Isso não ocorre apenas nos EUA, sendo bastante notório no Brasil. Assim, podemos afirmar que a mídia, ao mesmo tempo em que sugere a diferenciação do indivíduo em relação à coletividade e à massa, incentiva a identificação com o estilo de vida de famosos. O narcisismo passa a ser considerado quando o indivíduo busca satisfação imediata e vive a ansiedade da busca incessante. As neuroses do tempo de Freud dão lugar às depressões moderadas e crônicas dos tempos atuais. Na sociedade contemporânea, as pessoas são reiteradamente solicitadas a escolher entre diferentes possibilidades, e a pluralidade de opções, muitas vezes contraditórias e conflitantes, resulta em incertezas. Como Giddens (1997a, p.167) sugere, “[...] viver numa cultura do risco secular é inerentemente perturbador [...]” Consideramos, portanto, que na atual conjuntura é necessário que o homem busque seu encontro consigo, interagindo com o mundo (e não fugindo dele) através das relações interpessoais, da relação consigo mesmo, com seu corpo, tentando alcançar reflexivamente o autoconhecimento, a auto-realização, necessidades superiores do ser humano.

Tomando por base as considerações acima, entendemos que, na sociedade contemporânea, reflexiva e competitiva, além dos valores intelectuais, a aparência corporal é bastante valorizada, estando todos submetidos a ela, quer seja homem ou mulher, jovem ou velho. Estão todos na luta pela sobrevivência e para vencer, vale tudo. Provavelmente por isso, muitos indivíduos procuram incansavelmente, através de diferentes meios, alcançar os valores sociais em destaque no momento. Conseqüentemente, alguns distúrbios se manifestam. Quando se trata da anorexia ou da dismorfia muscular, do uso de anabolizantes ou do narcisismo patológico, essas ameaças começam com persistente e excessiva reflexividade do desenvolvimento corporal para fins determinados. Sob controle, as atividades planejadas para alcançar tais objetivos podem levar à sensação de conquista e de

poder pelo domínio e controle do corpo. No entanto, o controle ascético e compulsivo acarreta o descontrole e o desequilíbrio. Os distúrbios significam cuidados excessivos em relação a si e ao corpo. O indivíduo “[...] transporta consigo a marca de uma impiedosa dedicação interior, de cujas origens no projecto da auto-identidade o indivíduo tem apenas consciência parcial [...]” Assim sendo, a anorexia, por exemplo, representa “[...] a luta pela segurança no mundo de opções plurais mas ambíguas [...]” (GIDDENS, 1997a, p.100). Nesse sentido, ninguém está a salvo quanto a decidir o caminho a ser tomado e a seus possíveis desdobramentos.

Diante das diversas abordagens sobre o corpo, percebemos que sua representação social na sociedade contemporânea está relacionada à questão da beleza, que por sua vez torna-se valor social relacionado a sucesso, felicidade e bem-estar. Desse modo, a aspiração por atingir certo padrão de beleza física se apresenta como fator determinante na condução das diversas práticas de cuidados com o corpo. Entendemos, pois, ser oportuno breve análise sobre a concepção de beleza, mais especificamente a beleza corporal.

4.5 Beleza corporal

É notória a importância atribuída à beleza como objeto de desejo e de consumo na sociedade contemporânea. A beleza constitui-se um dos valores norteadores da cultura e das relações sociais. Está intrinsecamente relacionada ao conceito de estética. A estética como área de estudo, conforme Novaes (2001), surgiu a partir da exigência de se sentir e de se interpretar filosoficamente o belo. Para Souriau (1973) a estética é uma forma de pensamento reflexivo; é a mente refletindo sobre sua sensibilidade e se emocionando diante de algo belo. Assim considerada, a estética, como ato, surgiu bem antes da palavra que a designa. No entanto, o sentido atual do termo é relativamente recente, tendo surgido em 1750, com a publicação de *Aesthetica*, do filósofo alemão Alexander Baumgarten. Eagleton (1993) evidencia a inexactidão do termo, podendo o mesmo ser utilizado tanto em seu sentido mais amplo, relacionado às artes quanto no mais específico, voltado à idéia de beleza corporal. É possível que, em razão de expressar um fenômeno contraditório, com certa indeterminação de definição, a estética permaneça viva nos

debates. Na verdade, a estética emergiu, a princípio, como um discurso acerca do corpo, ocupando o espaço vazio existente desde os clássicos, que admitiam apenas o poder absoluto da razão e relegavam a segundo plano o que estava além da racionalidade, ou seja, a paixão e a percepção (EAGLETON, 1993). Essa postura é percebida em Kant (1997), que vê na estética a possibilidade do terceiro caminho, como apaziguadora entre a errância dos sentimentos subjetivos e a rigidez do entendimento. Contudo, o desvio em direção ao sujeito não se encaminha ao corpo, cujos desejos e necessidades afastam-se do desinteresse pelo gosto estético. Kant admite a estética subjetiva, mas não a sensualista.

Posteriormente o termo ampliou sua abrangência, atingindo tudo aquilo que é belo, visto como algo perfeito, percebido e aceito de forma consensual. Recorrendo a Schopenhauer, EAGLETON (1993, p.20) afirma:

No denso remoinho de nossa vida material, com todo o seu fluxo amorfo, certos objetos sobressaem, numa espécie de perfeição que lembra, de certo modo, a da razão: a eles chamamos de belos. Uma espécie de idealidade parece informar sua existência sensual a partir de dentro, e não flutuando acima deles em algum espaço platônico (...) Já que há objetos sobre cuja beleza podemos concordar, não a partir de argumentações e análises, mas bastando olhar para ver, um consenso espontâneo nasce em nossa vida corpórea, trazendo consigo a promessa de que essa vida, apesar de toda a sua obscuridade e arbitrariedade aparentes, possa funcionar, de algum modo, muito semelhante a uma lei racional.

A percepção de beleza em Kant (1997), ao considerá-la algo consensual, corrobora essa afirmação. Para ele, o belo é a representação não do objeto a partir do conhecimento, mas da capacidade de imaginação do sujeito e do seu sentimento de prazer ou desprazer. “O juízo de gosto não é, pois, nenhum juízo de conhecimento, por conseguinte, não é lógico e sim estético, pelo qual se entende aquilo cujo fundamento de determinação não pode ser senão subjetivo.” (KANT, 1997, p.93). O juízo de gosto é, pois, independente de todo interesse¹⁴. Assim, dizer que algo é belo independe de admitir que nos agrada, uma vez que agradável é

¹⁴ Kant define interesse como a “complacência que ligamos à representação da existência de um objeto” (KANT, 1997, p.95). Duarte (1997) esclarece que complacência (*wohlgefallen*) para Kant tem o significado de com prazer, no sentido de agradar a muito.

aquilo que causa prazer aos sentidos. A sensação é subjetiva e não constitui a representação do objeto, considerada como o sentimento resultante, que é objetivo.

Na concepção de Kant, o juízo estético, ao mesmo tempo subjetivo e universal, não contém conceitos determinados e/ou nenhum conhecimento em si, mas revela algo de profundo, que é a consciência de estarmos no mundo, de nos sentirmos bem por esse mundo ser misteriosamente arranjado em conformidade com nossas capacidades. Se isso é verdade ou não, não nos é dado conhecer a realidade nela mesma. “Quando o sujeito do juízo estético kantiano encontra um objeto belo, ele descobre nele uma unidade e harmonia que são de fato o efeito do livre jogo de suas faculdades.” (EAGLETON, 1993, p.67-8)

Ao considerar o juízo estético como subjetivo e universal, Kant invoca o paradoxo, pois compreende, simultaneamente, uma lei e um sentimento. Os juízos de gosto são, na verdade, declarações emotivas. Admitir que alguém ou algo seja belo não significa afirmar que se goste disso, pois os juízos estéticos são desinteressados. São juízos subjetivos, pura e simplesmente, não sofrendo outras influências ou condicionamentos. É o que Kant chama de subjetividade universal. Julgar esteticamente, de forma implícita, equivale a admitir que uma resposta inteiramente subjetiva seja aquela que qualquer um pode experimentar ou que pode produzir um acordo espontâneo entre os sujeitos. Vista dessa maneira, beleza é algo consensual, percebida de dentro para fora, que inspira sentimentos e percepções que alcançam a todos, criando, de alguma forma, uma lei.

Tudo isso nos estimula à reflexão sobre a concepção de beleza corpórea na atualidade, como forma de compreender a partir de que se estabelecem e se fortalecem os padrões de beleza, como se forma o consenso e por que as pessoas acatam e procuram atingir tais padrões.

A beleza física, masculina e feminina, sempre foi valorizada (ETCOFF, 1999; POPE JR., PHILLIPS, OLIVARDIA, 2000). É parte das reflexões filosóficas ao longo da história humana, e revela o desejo de ver e imaginar a forma humana ideal. Os discursos sobre beleza física, desde os tempos pré-socráticos revelam a estética baseada em proporção e número. Etcoff (1999, p.25) considera que os elementos comuns são: clareza, simetria, harmonia e cor intensa. Recorrendo a considerações de filósofos, afirma que, para Platão, “[...] a beleza residia na medida e tamanho apropriados das partes que se ajustam harmoniosamente em um todo [...]” No caso

de Santo Agostinho, a beleza é “[...] sinônimo de forma geométrica e equilíbrio.” Em sua opinião, os triângulos equiláteros são mais belos do que os escalenos, os quadrados ainda mais belos do que aqueles, os círculos mais do que estes e o ponto, indivisível e puro, é visto como o mais belo de todos. Então, a beleza do corpo expressa uma harmonia entre suas partes com uma cor agradável. Aristóteles considera a beleza presente na ordem, simetria e definição. Plotino, por sua vez, valoriza a simetria, afirmando que a coisa bela é, necessariamente, simétrica. Diante de tantas concepções de beleza, atribuem-se propriedades comuns tanto a uma mulher, como a uma rosa, a uma paisagem ou mesmo a um círculo.

Com o advento do cristianismo, a beleza física é vista de forma ambivalente. Tanto representa a tentação sensual e a vaidade mundana que deve ser contida, quanto representa a imagem de Deus. Portanto, quanto mais belo, mais divino. Os conflitos em relação à carne e ao espírito devem ser visualizados no entendimento da beleza da época. Na Renascença, mais do que a proporção do corpo, a face humana ideal recebe significativa atenção. A exemplo disto, Etoff (1999) esclarece que alguns propunham que a face fosse dividida em quatro partes iguais, e outros, em três, devendo conter espaços iguais, indo do contorno do couro cabeludo à sobrancelha e desta ao extremo inferior do nariz e dali ao queixo. Muitos outros aspectos são, então, evidenciados, tais como: o tamanho das orelhas, a distância entre os olhos, a largura do nariz e da boca. Nada escapa aos ideais de beleza na arte ocidental durante séculos e, decerto, é uma atitude que influencia, ainda hoje, cirurgiões plásticos que buscam resculpir e reconstruir rostos. Todavia, os cânones reverenciados por séculos não passaram pelo teste do antropometrista Leslie Farkas, que mediu proporções faciais de 200 pessoas, algumas consideradas muito belas. Os resultados de suas medidas, quando comparados com os índices ideais do cânone clássico, não apresentaram uma correspondência exata. Assim, determinar fórmulas para aferir a beleza parece não ser cabível.

Para Etoff (1999), a busca apaixonada e desenfreada pela beleza reflete ação atrelada a instintos primários e elementares do ser humano. Seu argumento central é o de que, no reino animal, na perspectiva evolucionária, só o mais belo sobrevive. Estamos sempre ligados à beleza, e, portanto, somos capazes de detectá-la, mesmo que a contemplemos por apenas frações de segundos. É difícil definir a beleza mas é muito fácil reconhecê-la. Podemos senti-la mais do que vê-la. Isso

porque experimentamos a beleza não como contemplação de caráter racional, mas sobretudo, como resposta inevitável à urgência física, sensível.

Assim sendo, a beleza física, nos dias de hoje, possui algo mais do que o valor financeiro que lhe é atribuído, pois “[...] fora da esfera das idéias [e das cifras], a beleza governa [...]” (ETCOFF, 1999, p.12). Não é fácil resistir a ela. A autora afirma que os homens, e sobretudo a mídia, podem ditar o senso de moda, mas não o senso de beleza. A beleza traz conseqüências que não podemos ignorar com a mera negação, porque ela prosseguirá a causar seus efeitos. Com esse argumento, a autora busca perceber o lugar da beleza na vida humana, tomando como suporte a ciência cognitiva e a psicologia evolucionária, recorrendo a argumentos fortes e visíveis desde o título do seu livro, *A lei do mais belo*.

Para Etcoff (1999) as reações estéticas das pessoas são algo intrínseco a elas, embora não sejam percebidas, conscientemente, como tal, devido ao importante papel da cultura nos julgamentos estéticos. De fato, a beleza se compõe de um elemento eterno invariável e um elemento circunstancial relativo. Quer dizer, existem aspectos biológicos e culturais influenciando o gosto pelo belo. O argumento de que a beleza seja uma adaptação biológica pode ser assim expressa:

[...] beleza é parte universal da experiência humana, e provoca prazer, fixa a atenção e impele ações que ajudam a assegurar a sobrevivência de nossos genes. A nossa extrema sensibilidade à beleza é *hardwired*, isto é, conectada fisicamente, governada por circuitos no cérebro conformados pela seleção natural. Gostamos de olhar uma pele macia, cabelo espesso e lustroso, cinturas marcadas e corpos simétricos, pois durante a evolução as pessoas que notaram esses sinais e desejaram seus donos tiveram mais êxito reprodutivo. Nós somos seus descendentes. (ETCOFF, 1999, p. 34-35).

Muitos desses sinais são manipulados por empresas de cosméticos, cirurgias plásticas e empresários da moda, três segmentos gigantescos, aos quais acrescentamos o campo da atividade física e esportiva que, associado à nutrição, conjugam forças na divulgação de sonhos e ilusões de corpos belos e saudáveis. A atração sexual entre homens e mulheres parece ser o grande mote (BAUDRILLARD, 1975) e não deixa de ser paradoxal que nos sintamos, nos dias atuais, atraídos por pessoas jovens, mais dotadas, mais belas, mais fortes, mais altas, de pele lisa e viva

e que estejam mais aptas à reprodução, quando a norma tem sido evitar a gravidez. Para Etcoff (1999) a disputa no mundo do acasalamento por pessoas mais jovens, bonitas e desejáveis tem pouco a ver com o mundo inteligível, isto é, o processo atrativo não é consciente. Representa vestígio biológico da busca pelo reprodutor. Daí ser possível dizer que a reação em face da beleza é automática, embora, ao mesmo tempo, nossos comportamentos e maneiras de pensar estejam sob controle, frente à influência da cultura.

De maneira similar, Pope Jr., Phillips e Olivardia (2000, p.75) em seus estudos sobre a beleza física masculina, entendem que certas características do corpo do homem, bem como sua idade (quanto mais jovem, mais atraente), são essenciais como atrativos para a parceira. Considerar alguns traços corporais ou faciais como belos é de certa forma natural, pois estão conformadas “[...] em nossos cérebros coletivos durante milhões de anos [...]” Sendo assim, traços simétricos e pele lisa são considerados belos. Representam saúde e capacidade reprodutiva. O tamanho do corpo também traz vantagens, pois no reino animal, o maior é, quase sempre, o dominante. Em se tratando do homem primitivo, o corpo mais avantajado significava mais força e vigor, além de capacidade acentuada de lutar para proteger a si, sua prole e sua fêmea. Como decorrência, até os dias atuais, a aparência do corpo do homem é valorizada e contribui para atrair as fêmeas.

Na verdade, o ideal de beleza existe na mente humana. Quando criticamos alguém ou algo, evidenciando aspectos que não nos agradam, estamos, de forma inconsciente, revelando nosso ideal de beleza física. Esse ideal é, com frequência, utilizado, comparativamente, para avaliarmos tudo o que vemos e, em geral, identificamos alguma imperfeição, por menor que seja. E é partindo desse princípio que o mundo da moda atua: utiliza modelos ideais de partes específicas, como mãos, pés, boca, no intuito de encobrir possíveis “falhas” de suas *top models*, e assim, estimular a imagem da perfeição. Exemplificando:

Hollywood usa dublês de corpos para ações arriscadas, que requerem uma graça e atletismo que os atores talvez não possuam. Mas na maioria das vezes fazem isso porque o outro corpo fantástico parece condizer melhor com o fantástico rosto do ator ou atriz. (ETCOFF, 1999, p.21).

De fato, constantemente tentamos modificar nossa imagem a fim de agradar e seduzir. Vários artifícios são utilizados para tornar a aparência humana agradável. No entanto, é difícil definir o padrão de beleza, embora alguns traços sejam considerados belos e outros, não. A simetria e a proporção parecem ser bastante aceitos, mesmo que de modos diferentes para homem e mulher. Cintura e quadril podem ser determinantes da beleza feminina, enquanto que ombros e músculos estão atrelados à beleza masculina, características definidas por Baudrillard (1975), como frineísmo e atletismo, respectivamente.

A busca por esses padrões de beleza tem aumentado a insatisfação corporal da grande maioria das pessoas, fazendo com que recorram a diferentes estratégias em busca do corpo ideal, dentre essas, a prática de atividade física. Em se tratando da autogestão corporal através da prática de atividades físicas, as academias de ginásticas têm-se constituído espaços privilegiados. O capítulo seguinte discorre sobre a academia de ginástica como instituição social contemporânea e descreve a abordagem metodológica utilizada na coleta dos dados da pesquisa.

5 METODOLOGIA

Esta pesquisa investigou a busca e o uso da informação sobre o corpo junto a indivíduos que desenvolvem práticas de autogestão corporal através da musculação, em uma academia de ginástica, na cidade de Teresina (Piauí). Este capítulo discute aspectos relacionados ao âmbito da academia de ginástica aqui considerada local de confronto entre teoria e prática, ou seja, de busca e de assimilação de significado das informações que os praticantes de musculação têm acesso, seja através de fontes formais, seja na interação face a face a face e no diálogo com o próprio corpo. Apresenta ainda os procedimentos metodológicos que nortearam a coleta dos dados empíricos.

5.1 A academia de ginástica como espaço social para a autogestão corporal

A academia de ginástica como instituição social contemporânea, incorpora características inerentes ao dinamismo da nossa época. É um espaço social privilegiado para a prática de atividades físicas e esportivas. Além de oferecer grande variedade de atividades corporais, seus serviços se ampliaram no sentido de satisfazer outras necessidades do aluno-cliente, como aquelas relativas à orientação nutricional, à oferta de produtos alimentícios, roupas e acessórios, à promoção de eventos sociais e esportivos. Avellar (1998) entende academia de ginástica como toda e qualquer instituição particular voltada para a prática de atividades físicas, o que pressupõe considerar tanto instituições de estrutura simples como as mais requintadas. Rufino, Soares e Santos (2000) evidenciam sua relevância social, fazendo alusão ao número crescente de academias e à adesão, cada vez maior, de usuários.

Foi a partir da década de 1980 que essas instituições proliferaram no Brasil, criando novo mercado para os profissionais de educação física. A concorrência sistemática e ostensiva, passou a ditar novas demandas e reformulações, mormente a ampliação e a diversificação das atividades oferecidas; a sofisticação tecnológica

de equipamentos; a adoção de novas e eficientes técnicas de avaliação funcional e a expansão do horário de atendimento. Todo esse contexto, conforme Courtine (1995, p.85), está associado à “indústria do músculo”, referindo-se às mudanças tecnológicas incorporadas às academias de ginástica, mais especificamente, à musculação, a fim de amenizar os rigores dos programas e proporcionar atividade física mais atrativa, menos centrada no esforço despendido e mais voltada ao prazer da prática, fato que constitui verdadeira “[...] injunção paradoxal [em que] é preciso sofrer se distraindo” (grifos de Courtine). Essa tecnologia, ao mesmo tempo em que desenvolve máquinas mais eficazes na obtenção de melhores resultados, torna-as mais ‘convivais’ e ‘dialogáveis’. Tudo com a preocupação de propiciar ambiente mais agradável, de disfarçar os esforços empreendidos sob a forma de alegria obrigatória (SOARES, 2001) de modo a atrair mais clientes, proporcionar a satisfação e conseqüentemente, a permanência dos mesmos no âmbito da instituição.

A adesão à atividade física é um fenômeno mundial. No Brasil é facilmente comprovado, bastando observar em praças e avenidas e em muitos outros locais públicos, a grande quantidade de pessoas exercitando-se, andando, correndo, pedalando, jogando. Mas é na academia de ginástica que melhor percebemos a concentração de praticantes de atividades físicas, preocupados em manter a forma física, a estética corporal, a saúde e o bem-estar. Embora o objetivo estético seja em grande parte predominante, a satisfação de pertencer a grupos ou tribos com objetivos comuns de cuidados com o corpo, propiciando a aquisição de novas amizades, também motiva as pessoas a permanecerem na academia de ginástica (COSTA, 1998; RUFINO, SOARES, SANTOS, 2000). A decisão de freqüentar uma academia é voluntária, mas exige dispêndios de tempo e de dinheiro.

Os praticantes de atividade física, em geral, têm bons níveis de informação sobre temas relacionados à cultura corporal. Rufino, Soares e Santos (2000) consideram que os freqüentadores de academias estão mais bem informados que em tempos anteriores, têm seus objetivos mais claramente definidos, são mais exigentes e críticos. A explicação para isso pode estar relacionada ao perfil dos usuários, que na sua maioria são jovens com formação universitária e com longa vivência prática em diferentes atividades físicas e esportivas. Paralelamente, a contribuição das mídias não pode ser descartada. Diversas informações sobre atividades físicas, musculação e temas correlatos são divulgadas constantemente

nos meios de comunicação, muitas vezes apoiadas em pesquisas científicas e voltadas para as práticas do consumo. Tais informações são superficiais e por vezes contraditórias, mas em geral, apontam para os benefícios e a necessidade atual de se praticar atividade física. O professor de educação física vem assumindo papel importante de interlocutor entre as mídias e os alunos, procurando posicionar-se criticamente frente a essas. Betti (2001) entende que a postura do professor deve ser a de estimular o debate e a reflexão crítica dos alunos, de maneira que estes possam compreender o sentido explícito e implícito das informações e possam estabelecer relação coerente entre o que é publicado e a realidade concreta.

A clientela de academia pode ser dividida em dois grupos – um permanente e outro flutuante. Este último, em maior percentual, frequenta a academia por até seis meses e a abandona, em face da insatisfação com os resultados, com a própria academia ou com a dificuldade de incorporar a musculação ao seu cotidiano. No entanto, o número de praticantes contumazes em academias cresce mais e mais, exercendo as mídias função precípua em relação a esse fenômeno (ANZAI, 2000; SILVA, 1996). Estudo sobre os motivos de adesão à e permanência na prática de atividade física, como o empreendido por Nunomura (1998), incluindo dois grupos de sujeitos, revelou que independentemente de idade, sexo, grau de instrução e tempo de prática, o pertencimento ao grupo é o motivo prevaemente, seguido do condicionamento físico, da saúde e da manutenção da forma física/estética. Os indivíduos sentem-se, portanto, motivados para a continuidade da ação devido ao incentivo de outros com os mesmos interesses. Os laços de ‘amizade’ construídos no grupo favorecem a socialidade, reduzem os índices de rotatividade de alunos e contribuem para a manutenção da atividade física como prática permanente.

Diferentes modalidades de ginástica foram, até os anos 1980, as principais atividades nas academias e, conseqüentemente, as que mais absorviam alunos (NOVAES, 1991). Atualmente, o foco principal é a musculação. Pesquisas recentes mostram que o número de praticantes de musculação atinge média superior a 70% dos usuários das academias de ginástica (RUFINO, SOARES, SANTOS, 2000; MENEZES, 2001). Musculação é o termo utilizado para denominar o treinamento com pesos. O princípio básico da musculação estabelece que “[...] na medida em que se aumentam os pesos levantados e a frequência do levantamento desses pesos, ocorre também um aumento progressivo da musculatura corporal [...]

(MENEZES, 2001, p.3). Na atualidade, é considerada a atividade física mais eficiente para desenvolver os músculos e modelar o corpo. Corpo 'sarado', com pouca gordura e músculos definidos é visto como padrão de beleza e pode, ainda, ser associado à saúde (LOVISOLO, 1994; MENEZES, 2001; NOVAES, 2001). Conforme Lovisolo (1994, p.19) ressalta, “[...] um abdômen de homem sem gorduras parece haver-se tornado hoje tanto um padrão estético quanto um indicador, presente ou futuro, de saúde [...]” Saliente-se, no entanto, que saúde não se restringe a aspectos externos do corpo. Boa forma física nem sempre representa saúde e harmonia, embora, talvez possa justificar a grande procura pela musculação e a incorporação de sua prática à vida cotidiana.

A prática da musculação se desenvolve através de rotinas, que permitem ao usuário certo nível de autonomia. Quase sempre o praticante de musculação, ao chegar à academia, recebe sua ficha individual de treinamento, elaborada e sistematizada de acordo com o seu perfil e objetivo, na qual estão descritas as séries de exercícios, as repetições e a intensidade do treino. O usuário exercita-se seguindo essas orientações. A descrição de uma “seção ideal” de musculação, concordando com Menezes (2001), é apenas aproximativa e mais geral do que realmente acontece. Tem início com a realização de exercícios de alongamento para o condicionamento do organismo à exercitação; em seguida o aluno dirige-se a alguma máquina, como bicicleta, esteira, *step* ou *transport* e realiza o treino cardiorrespiratório que contribui para preparar o corpo para o treinamento propriamente dito em máquinas e aparelhos de musculação. Ao término de cada sessão é indicada, novamente, a realização de exercícios de alongamentos.

O aluno tem trânsito livre para se exercitar sob a supervisão do professor. Em alguns momentos, este interfere, orienta, ajuda e corrige. A atenção maior é dada ao praticante novato, pela menor familiaridade com as máquinas e com o desenvolvimento da sessão. Em termos gerais, os indivíduos são bastante independentes, fazendo com que, em muitos casos, não sigam as orientações de suas fichas, ou mesmo que o façam, atendam apenas a orientação em nível macro, modificando sua execução na intensidade, no número de repetições e/ou no ritmo. Para Menezes (2001), uma das causas das modificações da prescrição do treino é a disputa pelos aparelhos nos horários de maior concorrência, nos “horários nobres”, aqueles delimitados entre 6 às 8 horas da manhã, que antecede a ida ao trabalho, e

entre 18 e 20 horas, após o seu término. No entanto, outras possibilidades podem ser apontadas, tais como a ânsia de atingir resultados mais rápidos ou mesmo a curiosidade própria de cada indivíduo em testar e avaliar diferentes formas de se exercitarem e se potencializarem os efeitos do treinamento.

A utilização de fichas personalizadas viabiliza a veiculação de informações de treinamento a cada usuário de musculação, permitindo reunir, na mesma sala, alunos com objetivos e necessidades diferenciadas. A definição e o desempenho freqüentes dos praticantes de musculação proporcionam ações ensaiadas e coordenadas, sem muitos transtornos ou contratemplos. A sala de musculação apresenta-se como ambiente bem organizado e estruturado, onde cada um sabe o que fazer e como fazer. Os atores sociais, ao desempenhar papéis, influenciam e são influenciados pelos outros, que constituem a platéia. Os parágrafos que se seguem refletem a perspectiva de análise das interações sociais estudadas por Goffman (2001).

Na sala de musculação a distribuição de máquinas e equipamentos forma espaços segmentados, – área de esteiras, *steps* e *transports*, área de peso livre, área para exercícios abdominais, para alongamentos, dentre outras –, permitindo a livre movimentação dos atores sociais (professores e alunos) entre máquinas, aparelhos e acessórios, e facilitando o acompanhamento individualizado do aluno pelo professor. A sala é repleta de espelhos, que segundo Meneses (2001, p.135) servem como instrumentos de vigilância e controle eficiente sobre os corpos. A segmentação do espaço e as formas de observar e ser observado na sala de musculação lembra em muito os dispositivos de “vigilância disciplinar” descritos por Foucault (1987), ao estudar instituições sociais como fábrica, hospital e prisão.

Os espelhos permitem a observação recíproca dos atores, e, por conseguinte, favorece que as interações sejam percebidas por todos. Quem entra, quem sai, os deslocamentos dentro da sala, as informações emitidas através da aparência e do desempenho dos atores sociais, tudo é nitidamente evidenciado, a cada instante. Por intermédio dos espelhos, o aluno observa a si e aos outros, e é também observado. Certamente, esse processo de observação atua como fator interveniente no processo de autogestão corporal. Por outro lado, os professores encontram-se em local privilegiado. Assumem o controle do espaço, observam indiretamente as cenas e interferem, quando que necessário. A organização da sala, através da

distribuição das máquinas e equipamentos e dos espelhos, permite que poucos professores mantenham a condução da aula, possibilitando também o controle de muitos alunos pela vigilância recíproca: olhar e ser olhado.

Sodré (1994, p.11), ao tratar o fenômeno do olhar, recorre aos mitos de Narciso e Eros: “Olhando-se, Narciso foi arrebatado por sua própria imagem; o grande receio de Eros era de ser visto por sua mulher [Psyché]”. O autor evidencia as contradições dos fenômenos de se ver e de ser visto pelo outro; o olhar tem o poder de nos objetivar e como tal é preciso evitar o poder excessivo da visão, pois quando em equilíbrio, é capaz de dominar. Narciso entregou-se, incestuosamente, à sua própria imagem. Eros olhava, mas não permitia ser olhado. Deve-se ressaltar que a relação do olhar deve ser recíproca e equilibrada.

Ampliando o seu escopo, pode-se associar esse fenômeno ao conceito de “vigilância social” desenvolvido por Giddens (1991) quando sugere que a mesma extrapola as instituições sociais e o controle das ações individuais, adquirindo forma indireta e abrangente, relacionada, principalmente, ao controle através da informação. Assim, no caso da instituição social academia de ginástica, a vigilância entre os sujeitos (professor e alunos), ocorre de forma a se tentar controlar não apenas a prática da musculação, mas também, o intercâmbio de informações entre os envolvidos.

Na sala de musculação ocorrem, simultaneamente, situações envolvendo a fachada e os bastidores (GOFFMAN, 2001). O ambiente em si, a sala de musculação, define o desempenho dos atores sociais, professores e alunos, ou seja, a fachada pessoal referente a cada um. O aluno de musculação, por exemplo, deve agir conforme o esperado e assume simultaneamente papéis de ator e de platéia. Ao mesmo tempo em que age, é observado pelos outros, principalmente pelo professor, mas também observa, coloca-se frente ao outro na condição de platéia. A atuação na sala de musculação proporciona a formação de pequenos grupos de alunos que desenvolvem atitudes de cumplicidade, de troca informações relacionadas, essencialmente, aos resultados estéticos alcançados pelos colegas. Aqui o fluxo de informação ocorre pelo contato face a face, sem desconsiderar a importância das informações obtidas por diferentes fontes de informação. Os professores reconhecem que, em alguns casos, a curiosidade atinja questões e temas controversos, – com destaque para o uso de esteróides anabolizantes –, que

acontecem nos bastidores. Nesse particular, a estratégia dos professores é o diálogo e a informação mais correta possível dentro dos preceitos científicos, no sentido de que os alunos procurem redirecionar seus objetivos, adotar atitudes adequadas e abandonar procedimentos prejudiciais à saúde.

Todo o conjunto de ações que remete à funcionalidade da musculação em academia de ginástica tem forte componente de sentimentos vividos em comum. A ambiência da academia de ginástica e o desempenho dos seus atores evidenciam o seu papel de socialidade, ou seja, de instituição social que serve de suporte para a vivência de experiências corporais, partilhamento do mesmo território, troca e atualização de informações. O culto ao corpo, em conformidade com as idéias de Maffesoli (1996, 1998), é visto muito mais como um mecanismo coletivo do que como uma tendência narcisista individualista e exacerbada.

As mudanças observadas na instituição social academia de ginástica tornam essencial a ampliação dos horizontes de atuação do professor de educação física (COSTA, 1998). Se as diferentes demandas do alunado devem ser contempladas, o professor, como especialista e portador de conhecimento técnico, facilitador de uso da informação em consonância com a necessidade de cada um, deve atuar no sentido de estimular o prazer pela prática da atividade física permanente, buscando melhoria da qualidade de vida e da saúde, objetivo maior da área, que se contrapõe ao sedentarismo, decorrente, principalmente do desenvolvimento tecnológico, que tem favorecido maior comodidade aos indivíduos, e é apontado como responsável por várias doenças da atualidade – obesidade, hipertensão, osteoporose, diabetes e cardiopatias – e ao interesse puramente estético (GONÇALVES, 1994).

De fato, a prática de atividades físicas está fortemente associada à aquisição de beleza e saúde. Todavia, os conceitos de beleza e saúde, disseminados socialmente, especialmente pelas diversas mídias, não são muito claros, de maneira que um conceito parece complementar o outro. Um corpo bonito, malhado, com músculos definidos é visto como saudável. Alguns estudiosos apontam essa questão, afirmando que o conceito de estética corporal contemporâneo não é um conceito puro. É um conceito híbrido, sendo na verdade, estética-saúde (LOVISOLO, 1994; MENEZES, 2001; NOVAES, 2001).

A academia de ginástica é o espaço privilegiado do corpo belo e saudável. Com isso, fica evidente o seu oposto: o gordo geralmente não tem acesso à academia ou pelo menos não se sente à vontade para se exercitar. A característica da atualidade parece ser a lipofobia, expressa na obsessão pela magreza e na significativa rejeição à obesidade. Ao mesmo tempo em que as representações sociais de corpo bonito e saudável estejam associadas a corpo magro, com músculos bem definidos, a obesidade está diretamente relacionada à feiúra e à doença. Não deixa de ser um paradoxo que na sociedade de consumo, de abundância e diversidade de produtos, incluindo os alimentícios, a sociedade pareça não tolerar a pessoa gorda. E como se não bastasse, as representações sociais de gordo e de magro mudaram bastante, pois “[...] era preciso sem dúvida, no passado, ser mais gordo do que hoje para ser julgado obeso e bem menos magro para ser considerado magro [...]” (FISCHLER, 1995, p.79). Vivemos, atualmente, a ditadura da magreza (ANZAI, 2000).

A academia de ginástica, como instituição social, apresenta dinamismos próprios da contemporaneidade. As interações sociais ocorrem de forma complexa e o ‘corpo em forma’ passa a ser a referência, tornando evidente a exclusão do outro, daquele que não se enquadra aos preceitos corporais vigentes.

5.2 Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa, de natureza qualitativa, desenvolveu-se através de estudo de caso, em uma academia de ginástica, na cidade de Teresina (PI), junto a praticantes de musculação. Em termos metodológicos, a investigação ocorreu a partir de duas estratégias ou técnicas. A primeira, a ‘observação participante’, através da nossa inserção no cenário como praticante de musculação e ao mesmo tempo como pesquisadora. Isso decorreu da necessidade de observar eventos importantes que ocorrem na academia de ginástica, mormente na sala de musculação, sem que nossa presença resultasse na perda da espontaneidade dos investigados. Frequentamos a academia durante três meses – março, abril e maio de 2002 – e praticamos musculação nos dois primeiros meses, no total de 16 aulas, duas a cada semana. O registro das observações e reflexões realizadas nos

diversos momentos em que estivemos presentes na academia de ginástica constituiu o que Trivinões (1987) denomina de “anotações de campo” que serviram de suporte para a análise dos discursos dos informantes. Tais observações tomaram como base o roteiro de entrevista e ainda as proposições apontadas por Goffman (2001) acerca das interações sociais, tendo o corpo como emissor de informação.

A segunda estratégia foi a aplicação de ‘entrevista semi-estruturada’ a 14 alunos de musculação, de ambos os sexos, em qualquer faixa etária, envolvidos no processo de autogestão corporal. Os contatos foram efetivados entre 14 de março e 20 de maio de 2002. A opção por esse tipo de técnica justificou-se pela possibilidade de utilização de um roteiro, contendo questionamentos básicos, fundamentados em teorias e pressupostos, mas com certa maleabilidade no seu encaminhamento, fato essencial para a consecução dos objetivos propostos. Trivinões (1987, p.146) reforça a relevância dessa técnica na pesquisa qualitativa ao afirmar que “[...] ao mesmo tempo em que valoriza a presença do entrevistador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação [...]”

Foram realizadas, ainda, três “entrevistas de elite” (NOVAES, 1991), versando sobre o mesmo tema, com professores de musculação da academia de ginástica em foco, aqueles mais citados pelos alunos. Essa técnica tem caráter mais fluido, sendo utilizada em virtude desses informantes possuírem percepções singulares e especialistas em relação ao fenômeno investigado, vindo a contribuir para a análise e interpretação dos dados.

Visando à seleção da academia de ginástica e à adequação do instrumento de coleta, realizamos pré-teste em fevereiro de 2002, envolvendo três praticantes de musculação, em outra academia da cidade. Constatamos à época que o perfil dos usuários entrevistados era bastante homogêneo, o que se refletia na convergência dos discursos. Percebemos que o principal motivo dessa homogeneidade era a localização, aspecto determinante da composição da clientela, porquanto a melhor academia de ginástica é, quase sempre, aquela mais próxima de casa ou do trabalho. Próxima a uma universidade, essa academia de ginástica mantém convênio com a mesma, refletindo na composição dos alunos, os quais são basicamente estudantes e professores universitários. A partir dessa constatação, procuramos, para a execução da pesquisa de campo definitiva, uma academia de

grande porte, localizada em bairro central que pudesse favorecer a freqüência de público heterogêneo.

Para a determinação do porte, adaptamos a categorização de Pereira (1996) referente às academias de ginástica de São Paulo, as quais, conforme o número de alunos matriculados foram classificadas em pequenas (até 300 alunos), médias (de 300 a 2.000 alunos) e grandes (mais de 2.000 alunos). Adotando e adaptando esses parâmetros ao caso da capital piauiense, qualificamos as academias em pequenas (até 100 alunos), médias (acima de 100 até 400 alunos) e grandes (acima de 400 alunos).

A seleção academia de ginástica para esta pesquisa, à qual demos o nome fictício de academia “malhação”, levou em conta, portanto, os critérios de localização, porte e usuários. Está localizada em bairro central, é de grande porte e os seus usuários são compostos de estudantes, comerciários, profissionais liberais, empresários, que realizam suas atividades nas proximidades da academia de ginástica, e de moradores locais.

A academia “malhação” funciona numa residência adaptada para os fins próprios a uma academia, contando com vasto espaço à sua volta e muito verde. À frente da casa, logo na entrada, estão várias bicicletas ergométricas e máquinas de *step*. No interior da casa, funciona a recepção, sala para atividades de alongamento, sala para aulas de luta (jiu-jitsu, karatê e judô), sala da administração, sala destinada ao *personal training*, sala de avaliação física e banheiros. Na área externa, estão a piscina (onde acontecem aulas de natação e hidroginástica), a sala para aulas de exercícios localizados, dança e ginástica e, ainda, o campo de futebol e a quadra de tênis. A sala de musculação situa-se junto às imediações centrais da casa, num galpão, localizado à direita. Embora várias modalidades de práticas corporais sejam oferecidas por essa academia, como ginásticas, danças, atividades aquáticas (natação e hidroginástica), lutas, desportos individuais e coletivos, e musculação, esta vem ganhando cada vez mais adeptos, incluindo mais de 70% dos alunos da academia, conforme dados da administração. A musculação apresenta efeitos rápidos e perceptíveis de desenvolvimento da musculatura corporal, estando a imagem dos músculos desenvolvidos bastante associada à beleza física. Isso talvez explique o interesse e o enorme engajamento das pessoas nessa modalidade,

empreendendo esforços na busca de melhores resultados. Essas questões justificam nossa escolha pela musculação.

A seleção dos sujeitos entrevistados considerou a categoria de autogestão corporal como sendo a prática contumaz de musculação, segundo os parâmetros de frequência semanal, duração da sessão e tempo de treino na musculação. Consideramos o tipo ideal aquele(a) praticante com frequência semanal igual ou superior a três vezes por semana, sessão de uma ou mais hora de duração e com treino contínuo em musculação há pelo menos um ano. De acordo com os professores de musculação da academia em foco, nos três primeiros meses, os alunos se mostram bastante vulneráveis a abandonar o treinamento; após esse período e até 06 meses, o praticante de musculação ainda é propenso a abandonar a atividade. Somente a partir de um ano, ele sente-se mais seguro, adaptado e estimulado a permanecer na atividade, tanto pelos resultados obtidos como pela adequação da atividade à sua vida cotidiana. A definição da frequência e duração mínimas de treino considerou a clássica determinação de efetividade do treinamento na área de educação física e esportes: no mínimo três vezes por semana, 60 minutos cada sessão. Dentre os entrevistados, todos ultrapassaram tais indicações. A seleção do aluno a ser entrevistado partiu de indicação dos professores de musculação da academia “malhação”, levando-se em conta os critérios descritos de tempo de prática, frequência e duração do treino e o consentimento espontâneo dos mesmos.

As entrevistas ocorreram na própria academia de ginástica, com exceção de uma, feita no local de trabalho do entrevistado. O informante era conduzido a uma sala previamente reservada, sendo a entrevista realizada apenas na presença do pesquisador, gravada em fita k-7 com o auxílio de gravador portátil, para posterior transcrição na íntegra, visando à análise e à interpretação dos dados. Em geral, as perguntas eram feitas após breve apresentação do pesquisador e esclarecimento sobre os objetivos da pesquisa. Em média, as entrevistas tiveram duração de 20 minutos.

O número de informantes foi delimitado pelo critério de saturação dos discursos, ou seja, as entrevistas foram encerradas quando a recorrência de respostas às perguntas e questionamentos ficou evidente ao pesquisador. Ao todo, foram entrevistados 14 alunos de musculação, sete homens e sete mulheres, com

idade entre 16 e 48 anos, com a preocupação em manter a diversidade dos perfis. A frequência na musculação ficou de cinco a sete dias por semana, em média uma hora e meia de treino diário. O tempo mínimo de prática foi de um ano e o máximo de 17. Dentre eles, quatro, na faixa etária de 16 a 20 anos, são estudantes, dois de nível médio e dois de nível superior. Os outros são profissionais de áreas bem distintas, como: advogado, professor, bancário, técnico em informática, músico, empresário. Dois desses possuem apenas nível médio de escolaridade; um, nível superior incompleto e os demais, possuem formação universitária. Optamos por atribuir pseudônimos aos informantes a fim de assegurar o anonimato e, ao mesmo tempo, fugirmos à impessoalidade do uso de número ou código (conforme quadro a seguir).

Quadro
Caracterização dos informantes

INFORMANTE	SEXO	IDADE	TEMPO PRÁTICA (ANO)	FREQ. SEMAN	ESCOLA -RIDADE	PROFISSÃO
André	M	16	1,5	06	EM	Estudante Ensino Médio
Beatriz	F	17	06	05	EM	Estudante Ensino Médio
Célia	F	19	1,5	05	UNI	Estudante Universitário
Daniela	F	20	05	05	UNI	Estudante Universitário
Eduardo	M	24	06	07	SUP	Advogado
Fernando	M	28	06	06	SUP	Professor
Goreth	F	29	01	05	SUP	Funcionário Público
Hermano	M	33	01	05	SUP	Oficial de Justiça
Igor	M	34	02	05	SUP INC	Músico
João	M	37	10	07	EM	Técnico
Kátia	F	38	12	05	SUP	Funcionário Público
Lílian	F	40	17	05	SUP	Bancária
Marta	F	44	1,5	05	SUP	Educadora Ambiental
Nilson	M	48	06	05	EM	Empresário

Fonte: Elaborada pela autora com base em informações prestadas pelos alunos.

No que concerne ao conteúdo, o roteiro de entrevista incorporou 10 questões contendo, quase todas, desdobramentos, adaptados à realidade particular de cada aluno, sempre que necessário (APÊNDICE 1). *Grosso modo*, as perguntas versaram sobre os tópicos: (1) história pessoal sobre a decisão de autogestão corporal; (2) tomada de decisão em praticar musculação, percurso da ação, interrupções e retomadas; (3) busca de informação, principais fontes, periodicidade de acesso e nível de atualização; (4) mudanças de atitude em relação aos cuidados do corpo. Identificação das razões das mudanças; (5) percepção (ou não) da convergência de comportamento entre os praticantes. Percepção das expectativas de outros praticantes – fachada social (posturas, gestos, atitudes). Nível de enquadramento do próprio respondente nesse perfil conforme sua visão; (6) possibilidade de novas amizades: o local favorece ou não; formas de (ou não) seu favorecimento; ida à academia sozinho e/ou com amigos(as); permanência na academia sozinho e/ou com amigos(as) durante a prática da musculação; (7) reconhecimento do papel do professor de musculação; (8) identificação (processo de identidade) e padrão de corpo; (9) motivos que o conduzem à prática da musculação – moda, beleza, socialização, outros; (10) reconhecimento da prática da musculação como elemento que favorece sua relação consigo. Identificação de como isto ocorre, se for o caso. Por último, incluíram-se comentários livres.

Os capítulos seguintes, 6 e 7, incluem análise e discussão dos dados da pesquisa, relacionadas aos conceitos ‘informação’ e ‘corpo’ na compreensão da autogestão corporal em academia de ginástica.

6 INFORMAÇÃO SOBRE O CORPO NA PERCEPÇÃO DOS PRATICANTES DE MUSCULAÇÃO

Esta pesquisa investigou o processo de assimilação e uso das informações sobre o corpo pelos sujeitos, procurando compreender a relação entre discursos e práticas sociais, ou seja, como os indivíduos buscam e assimilam as informações disseminadas socialmente sobre o corpo e as usam em suas práticas de autogestão corporal. Para tanto, este capítulo examina, na perspectiva dos sujeitos investigados: (a) as principais fontes de informações sobre corpo e níveis de confiabilidade; principais temas discutidos ou atualizados na interação social, bem como as estratégias utilizadas na busca da informação; e ainda (b) as representações sociais de corpo dos praticantes contumazes de musculação, o corpo como fonte de informação, a assimilação de padrão de beleza corporal; a percepção ou não da busca desse padrão corpóreo e como ele aglutina ou discrimina os sujeitos.

6.1 Busca de informação

O corpo está em pauta. Ele é mostrado e discutido constantemente em revistas, jornais, televisão, internet e outros meios de comunicação. O enfoque nos cuidados do corpo é visivelmente variado e condiciona a adoção de certo estilo de vida, sendo a prática de atividade física bastante incentivada como forma de manter a beleza e a saúde. A cada dia, por assim dizer, um novo periódico sobre boa forma física chega às bancas de revista, e não são poucos os já existentes. A televisão disponibiliza programas sobre o tema, relatando as novas descobertas da ciência sobre os benefícios da prática do exercício físico. *Grosso modo*, todos os *sites* na internet tratam do assunto. As informações estão à mão sob diferentes modalidades e em diversos veículos. No entanto, quando questionados sobre a possibilidade de obter informações sobre o corpo, os entrevistados, ao mesmo tempo em que admitem tal variedade e possibilidade, deixam transparecer que não há busca deliberada de informação sobre a prática da musculação. As informações que lhes

chegam são eventuais ou casuais. Parece-nos até mesmo que a disponibilidade e a diversidade de fontes favorecem certa atitude passiva de busca de informação, uma vez que esperam que ela chegue até eles, como expresso a seguir:

Eu me mantenho atualizada somente em relação às revistas a que tenho acesso e às informações que a televisão fornece. Mas eu não vou atrás da informação para checar se aquilo vai ser benéfico ou não. Eu espero que as informações cheguem a mim, caso não cheguem, eu não vou procurar saber. (CÉLIA).

Eu nunca parei pra pegar uma revista assim, sobre musculação. Eu sempre lia quando em alguma revista que eu estava olhando tinha falando [sobre o assunto] (BEATRIZ).

Claro, se tiver assim, uma revista de bobeira, é lógico que eu vou dar uma lida pra ver o que está acontecendo por aí. Mas não [...] como se isto fosse assim, uma coisa rígida que eu tenha que seguir [...] (FERNANDO).

Verificou-se que as estratégias de busca da informação ocorrem mais no sentido de satisfazer curiosidades eventuais ou algum conhecimento mais específico. Um dos depoentes confessa que, ao iniciar na musculação, preocupava-se em adquirir informações, mas à medida que foi-se habituando com o dia-a-dia dos exercícios reduziu sua ânsia informacional, acreditando ser suficiente o conhecimento que já possuía. É um exemplo que mostra que a busca de informação, quando ocorre, objetiva a satisfação imediata de certa carência informacional (BELKIN, 1978). A motivação para a demanda de informação pode ocorrer diante de problemas estabelecidos na própria prática, atribuídos à falta de informação específica (LE COADIC, 1996), segundo transcrições abaixo:

[...] Hoje eu não busco tanto, porque eu já li muito e tudo, praticamente, eu já sei. Mas antes, eu lia sobre dieta, quais os exercícios que eram bons, por exemplo, pra barriga, pra perna, qual [exercício] que eu fizesse com mais intensidade eu iria ter o resultado mais rápido [...] No começo, assim, quando a gente tá toda empolgada procura ler tudo. (DANIELA).

Eu comecei a sentir necessidade de informações sobre os benefícios e malefícios porque já estava fazendo [musculação] com certa

freqüência. Então, eu comecei a ficar com medo, estava começando a levantar muito peso. Passei a fazer alguns exercícios errados. Tive distensão no braço, na perna, sentia dor no joelho. Aí, eu procurei me informar mais [...] (EDUARDO).

A busca por informação ocorre em função da ação social. No caso específico dos sujeitos entrevistados gira em torno de questões específicas da prática da musculação. As diversas fontes de informação, pessoais/informais e impessoais/formais, passam a ser necessárias para satisfazer, de forma imediata, as dúvidas e carências informacionais dos praticantes.

6.2 Fontes formais de informação e confiabilidade

No que concerne às principais fontes formais para obtenção de informações os alunos citam a televisão e as revistas (de interesse geral e especializadas). Dentre estas, os títulos *Veja*, *IstoÉ*, *Boa Forma* e *Saúde* são os mais lembrados. Jornais e a internet são apontados por apenas dois. Embora haja certa diversidade nas formas de aquisição de informação, os praticantes de musculação, ao discutirem essa temática, referem-se, primordialmente, à televisão.

Como registramos, não há busca sistemática de informações, haja vista que essa se dá, sempre, de forma contingencial. Ao mesmo tempo, paradoxalmente, reconhecem a necessidade de informações mais aprofundadas na esfera midiática, principalmente sobre a musculação, segundo palavras literais de Eduardo: “[...] a informação é importante. Mas eu acho que ainda é pouco. Está sendo veiculado só o básico e eu acho que as pessoas precisam saber mais [...]”

A mídia, como formadora de opinião, veicula informações que orientam as representações sociais. As mídias impressas e eletrônicas mostram corpos bonitos, estimulando as pessoas a buscá-los através de diversos métodos. De fato, alguns entrevistados reconhecem sua influência na formação de conceitos e idéias, mostrando-se receptivos até mesmo a agir conforme os apelos da mídia, seguindo suas indicações e ratificando seus resultados, como podemos observar nas respostas que se seguem:

[...] Muitas vezes, acho que me deixo levar, assim como eu acho que a maioria das pessoas se deixa levar, de achar que aquilo ali é o jeito certo, que vai ficar bonito, não sei o quê [...] Eu acho que é porque a mídia passa a visão de que essa visão é a correta e que nós temos que seguir. Eu acho que depende da consciência da pessoa, né? [...] Mas é que a mídia exerce influência no nosso pensamento. Eu acho que é isso. (ANDRÉ).

[...] Eu acredito quando, às vezes, eles dizem: olhe, se você fizer dieta tal, se você continuar fazendo exercício assim, assado, você vai, sem dúvida, ter resultado. Eu acredito e de vez em quando eu até faço [...] Teve um tempo que houve as dicas da Carla Perez, da Feiticeira e tudo. Eu sempre gostei [...] Dá [resultado], sim. É só saber fazer. Eu sigo a proposta da revista, pergunto ao professor. Hoje é que eu estou mais paradinha [...] (DANIELA).

Outros, porém, são mais críticos em relação ao papel da mídia. Procuram perceber suas verdadeiras intenções, ou seja, o que se encontra por trás das informações divulgadas. Demonstram não receber passivamente as informações veiculadas, numa postura questionadora que nega a passividade total do receptor ante o poder das diversas mídias, como reconhecem Fausto Neto (1995) e Thompson (1999). Como a maioria dos entrevistados possui bons níveis de escolaridade e de condição social, a sua capacidade crítica parece mais evidente. Mesmo sendo influenciáveis em situações específicas, concordam, consensualmente, com a necessidade da crítica constante, o que significa não assimilar todas as matérias divulgadas nos meios de comunicação como verdadeiras. Os informantes reconhecem a ação redutora da mídia em retratar a realidade, mostrando apenas um lado, bem como o seu poder de persuasão, como observamos nesta crítica sobre o reforço de certo padrão de corpo, o qual cria uma concepção que não retrata a realidade.

[...] Eu acho que a mídia tem contribuído na medida em que ela faz programas voltados para o que é bom [...] Mas ao mesmo tempo ela inverte o papel quando bota novela que só traz mulheres e homens perfeitos, lindos e maravilhosos, e não uma pessoa normal, um brasileiro normal. Porque a gente sabe que o brasileiro não é só aquele esbelto, bem definido, não. A gente sabe que o brasileiro também tem aquele que é um pouco mais, não digo obeso, mas um pouco mais gordo, por que não? Por que não colocar? E sempre só colocar beldades? (CÉLIA)

E mais, os informantes apontam a nítida intenção de motivar o consumo de produtos mascarada em imagens e mensagens que prometem sucesso e felicidade, fato que requer bastante atenção para não se deixar envolver por tais apelos, conforme estes depoimentos:

[...] tem umas [emissoras de televisão] que ficam falando não do benefício em si, mas querem vender uma imagem, um produto que ela [a modelo] está sendo paga pr'aquilo [...] mostra um resultado muito... aquela coisa utópica, aquele modelo pronto, bonito, bota uma mulher linda e maravilhosa em cima de um aparelho e vai dizer que aquilo foi resultado do aparelho, e é a questão, às vezes, de propaganda enganosa. (MARTA).

[...] Muita coisa a gente acredita. Mas outras, não. A gente também tem que fazer uma crítica a respeito disso, porque nem sempre tudo que sai na mídia é verídico. Muitas vezes, é mais *marketing* de uma empresa. Então, a gente tem que estar sempre com um pouco de visão crítica. (CÉLIA).

[...] Na televisão só o que tem é venda de produtos, de aparelhos pra você ficar mais forte, ficar mais magro, entendeu? A mídia tem investido muito nisso [...] Eu não sou adepto, não! Nunca comprei nenhum tipo daqueles [...] (IGOR).

[...] Tem muitas coisas que a gente vê que é correto, mas tem muitas que é só mais propaganda. É que nem o caso de produto. Eles querem só é vender, aparelhos e tudo mais [...] (JOÃO).

É muita propaganda, muita reportagem falha, né? De pessoas que querem direcionar seu pensamento para isso ou aquilo. (LÍLIAN).

Os informantes reconhecem o interesse da mídia na venda de produtos, no uso de artifícios para convencer o receptor da informação a aderir a ou adquirir o produto, e afirmam não se deixar levar por esses apelos. E embora de alguma forma os consumam, como no caso dos produtos diretamente relacionados à prática de musculação, tais como roupas, calçados, relógios, alimentos, não o fazem, entretanto, de forma irrefletida, como bem concebe Giddens (1997a). Assim como o produtor da informação seleciona aquilo que considera importante e o direciona aos seus interesses, o receptor/ usuário da informação também o faz, fato que está em conformidade com as afirmações de Demo (2000).

O usuário mostra-se cético e desenvolve estratégias de confiabilidade em relação às informações divulgadas pela maioria dos veículos de comunicação. Considera, por exemplo, que a informação possa ser confiável ou não, dependendo da fonte e se está ou não fundamentada em conhecimento perito. O caráter de verdade da ciência é incontestável, pois, quando a informação resulta de pesquisas de caráter científico, em geral merece crédito (CHEIDA, 2000), como esclarecem os informantes abaixo:

Lá [na revista *Boa Forma*] tem aqueles exercícios. Mostra aquelas dietas, aquelas coisas. Eu, sinceramente, não sei, porque sou leiga no assunto, até que ponto aquilo ali é uma coisa verdadeira, uma coisa falsa, uma coisa que é só pra vender a revista, para manipular o leitor. Não sei! [...] Nessa daí [*Boa Forma*], eu tenho [desconfiança]. Agora quando sai reportagem que é uma pesquisa, é uma coisa mais de *Veja* ou *IstoÉ*, eu tenho uma segurança maior. (GORETH).

Na verdade, eu acredito, porque essas reportagens são feitas por pessoas especialistas no assunto. (HERMANO)

Os informantes percebem a legitimidade da informação oriunda de determinada fonte respaldada em sistema perito e desenvolvem a desconfiança em relação à outra, sem essa característica. Essa postura crítica em relação às informações veiculadas na mídia, de certo modo, gera neles incerteza e ansiedade. O conhecimento, na realidade atual, é sempre provisório, e mais que a certeza, a ciência institucionaliza a dúvida (FRIDMAN, 2000). O depoimento abaixo revela esses sentimentos.

Na verdade, atualmente, eu tenho problema de acreditar nas informações, porque elas são confirmadas e negadas numa rapidez tão grande que quando você vê uma verdade na revista, uma afirmação, você já fica pensando: será? Quando é que vão dizer o contrário? Eu acho que nessa hora entra o seu senso [crítico], para você ver se a coisa tem lógica, entendeu? E você tem que dosar as coisas, sabe? [...] (LÍLIAN).

Outro mecanismo de busca da confiabilidade é, sobretudo, na relação face a face, no diálogo com o especialista, o que cria níveis favoráveis de reciprocidade, constituindo formas de 'reencaixe' (GIDDENS, 1991). A informação adquirida através

da mídia, na quase-interação mediada, adquire sentido na troca de experiência com o outro, através do contato direto com o outro.

6.3 Fontes informais de informação

Devido à necessidade, segundo os sujeitos entrevistados, de a informação estar relacionada a questões práticas do fazer cotidiano, na musculação, as fontes informais ou pessoais de informação adquirem grande importância. Essas, pelo caráter presencial, dialógico, permitem a relação recíproca de troca de informações, tal como discutido por Thompson (1999), tornando-as fontes de informação mais confiáveis, embora, conforme afirmam, procurem apoio no conhecimento especialista do professor e/ou na longa vivência de alguns colegas. É o que garante Kátia: “Eu confio nos professores e nos colegas. [...] Há um ou dois [colegas], porque já foram professores de academia antes e eu já os conhecia há muito tempo, ainda como professor de academia, com que eu gosto de conversar [...]”

Nesse sentido, o aluno apela para a perícia em condições de relação face a face. Os colegas são lembrados, quando reconhecidos como professores. Assim sendo, o professor, como especialista da área, figura como ‘ponto de acesso’ para checagem, pelos alunos, das informações adquiridas nas relações desencaixadas através dos sistemas peritos e da mídia (GIDDENS, 1991, 1997a). Afinal, ele é um profissional que está à disposição do aluno; representa a perícia técnica, disponibiliza a informação do ‘que fazer’, ‘para que fazer’. Eis o que diz Igor a este respeito:

[...] Eu sempre estou perguntando ao professor se estou fazendo correto, para que serve determinado exercício, se posso fazer determinado exercício [...] Eu acho que tem algum exercício que certas pessoas não podem fazer [...] Então, eu estou sempre perguntando, me informando.

[...] Sempre que eu vejo uma coisa interessante na revista, gosto de perguntar ao professor o que ele acha daquilo ali. Eu pergunto porque acho que o professor é uma pessoa que está com você diariamente, um cara que está estudando [...] A maioria dos professores é formado. Então, eu acho que eles... porque, às vezes, na revista tem muito sensacionalismo, né?

Em face do perfil dos sujeitos entrevistados, as demandas informacionais relacionam-se, com freqüência, à prática de musculação. Devido ao longo tempo de vivência (de um a dezessete anos) e da freqüência diária dessa atividade, muitos apoiam-se nos conhecimentos adquiridos na prática, a partir de sua própria ação e somente quando notam alguma diferença ou dificuldade buscam a informação do professor, o qual, conforme observamos, está sempre atento e disponível.

[...] Algumas dúvidas, quando eu tenho, eu procuro o professor para tirar, para solucionar. (HERMANO).

[...] De vez em quando, quando surge um aparelho novo, a gente fica na dúvida e então a gente pergunta. Às vezes, faço um exercício, por exemplo, que há muito tempo eu já faço e sinto alguma coisa diferente, eu pergunto a ele [ao professor] o porquê. E ele sempre orienta [...] (KÁTIA).

A troca de informação na relação professor-aluno parece não se dar apenas numa única direção. Alguns alunos fazem alusão à interação de aprendizagem, a partir, sobretudo, da percepção dos resultados corporais obtidos, ou seja, da reflexividade ocasionada pela emissão de informações do próprio corpo, que, algumas vezes, podem até mesmo estar em contradição com a teoria. Assim sendo, o intercâmbio de informações ocorre a partir da experiência concreta do informante, como presente nesta fala:

[...] Sempre que eu descubro alguma coisa, que eu observo, porque eu sou muito de observar o que eu estou fazendo e o resultado que eu estou obtendo [...], eu fico discutindo [com o professor] inclusive a discordância do meu ponto de vista. Eu digo: não, mas isso não é essa a função. Em mim é isso. E eu mostro porque que é isso. Porque cada exercício, cada aparelho que eu vou usar, eu tenho uma observação muito aguçada do que eu estou fazendo. Não é só fazer por fazer, ou fazer só porque o professor está mandando, não! (MARTA).

Embora reconheça o papel do professor como representante do conhecimento perito, o que garante, de certa forma, sua credibilidade, o aluno usa a

informação do próprio corpo para o confronto de conhecimentos. Isso o faz agir como especialista, fortalecendo a concepção de que a reflexividade tenha dominado nosso modo de pensar (ZIZEK, 2002) e que não ocorre apenas no sentido cognitivo, mas também prático e estético (DOMINGUES, 2000; LASH, 1997). Com isso, o destaque na posição do professor, como especialista, diminui, pois o aluno também se percebe possuidor de conhecimento sobre aquilo que faz, resultando numa relação de compartilhamento. Para Marta, “[...] O profissional de educação física, hoje, que está em academia, tem que estar muito bem informado. Tem que ser uma pessoa muito aberta para que haja essa troca [...]” Os próprios professores reconhecem que os alunos atualmente estão bem mais informados, e que a mídia pode estar contribuindo para isso. Reforçam a necessidade de atualização e preparação profissionais constantes, para responder aos questionamentos e dúvidas do alunado. Nos dizeres de um professor de musculação da academia:

O aluno é mais bem informado do que antigamente. O pessoal está vendo que há muita revista na área, tem *Boa Forma*, tem *Corpo...* toda hora sai no jornal, então eles estão se informando. [...] E eles querem troca, essa troca de informação com o professor. Se nós não podemos dar o retorno, se ficarmos... ah, não sei, eu vou pesquisar... então, ele já fica com o pé atrás: ah, esse cara não conhece [...] (PROF. 3).

Segundo os sujeitos entrevistados, a interação com os colegas consiste em outra opção de manter-se informado. A academia de ginástica, e em especial, a sala de musculação, representa também um espaço de troca de experiências entre sujeitos com interesses comuns. É o palco onde os desempenhos dos sujeitos ocorrem, onde cada um age sob a influência do outro. Os atores representam seus papéis sob a influência da platéia, conforme descrito por Goffman (2001). Nesse sentido, um apresenta-se ao(s) outro(s) com vistas a conferir e comparar os ganhos resultantes do envolvimento na ação, como evidenciado nas falas que se seguem:

[...] Os homens gostam mais de conversar, ver quem definiu mais, mostrar o corpo, mostrar em que está evoluindo, mas a gente também percebe um pouco nas mulheres. (CÉLIA).

[...] Assim que eu comecei a malhar, eu sempre conversava [...] Por exemplo, eu tenho o bumbum um pouco mais empinado. Eu tenho uma colega que chegava e perguntava o que eu estava fazendo. Aí eu dizia para ela qual exercício era melhor. Por exemplo, você fazer exercício para glúteo deitado é melhor do que fazer no aparelho. Eu sempre tinha, dava uma dica diferente. E eu pedia dica de alimentação para uma que era um pouco mais gordinha e que estava ficando magra [...] (DANIELA).

Percebemos que a troca de informação passa pela vivência prática. Conforme distinguimos nos depoimentos, as experiências são repassadas uns aos outros e, em alguns casos, geram desempenhos que confundem os papéis sociais, – de alunos passam a orientar os colegas –, ultrapassando aquilo que se espera deles. Esse fato, de certa forma contradiz a percepção de Goffman (2001) quando afirma que os desempenhos estão em consonância com os papéis sociais, com aquilo que se espera de cada um. Alguns informantes, como podemos perceber, admitem que devido à longa experiência em musculação passam a orientar e corrigir outros praticantes, novatos ou não. Assumem o papel de ‘instrutor’ e até adquirem a credibilidade por parte do outro, mesmo que a autoridade do professor seja mantida. Há, ainda, aquele, que ao perceber a prática incorreta de algum exercício por parte de um colega, prefere chamar a atenção do professor quanto a isso, mas de qualquer modo, assume papel técnico em relação ao ‘saber fazer’. É o que eles dizem:

[...] A gente fala: “Oh! Eu queria trabalhar mais glúteo.” Aí o colega diz, não, o exercício pra glúteo é o agachamento. Só existe esse. Esses outros aí são mais [...] Assim, alguns exercícios específicos [...] porque, às vezes, a gente está fazendo e os meninos dão a informação. Eles dizem: olha, se eu fosse você [...] para determinada área esse exercício aqui é melhor. (KÁTIA).

[...] Às vezes eu conversando com você, você pode ter mais experiência de que eu ou eu ter mais experiência do que você. Então você me pergunta: Esse exercício aqui está certo? Será que eu posso fazer assim? Então, o que eu sei eu tento passar para você, agora o que eu não sei, eu pergunto ao professor [...] (JOÃO).

[...] Sempre a gente está conversando [com os colegas]. Todo mundo está se informando um com o outro. Sempre a gente presta atenção se o outro está fazendo o exercício correto. Até pra gente dar um

toque para o professor [...] É até melhor dizer para o professor porque, às vezes, a pessoa não acha bom. (IGOR).

A informação circulante entre os usuários de musculação parece acontecer muito mais em relação aos exercícios, às posturas corretas, à efetividade e à especificidade dos treinamentos. No entanto outros temas podem surgir, tais como o uso de suplementos alimentares e até mesmo de esteróides anabolizantes. Este último, por apresentar-se como tema tabu, é tratado nos bastidores, local em que o estranho não tem acesso, e que exige do participante do grupo certa atitude de cumplicidade e sigilo, conforme Goffman (2001) preconiza. Quanto a isso, muitos preferem silenciar, negar ou mesmo relativizar, embora um dos depoentes afirme que é um dos assuntos mais discutidos na academia de ginástica.

A gente troca muito informação, mas particularmente com relação a anabolizante eu... não sei... porque eu tenho uma idéia muito formada quanto a isso [...]. (LÍLIAN)

Não, não concordo. E nem circula aqui, porque a gente realmente é totalmente contra [...]. (KÁTIA)

Aqui o assunto [anabolizante] é ainda muito... restrito. (FERNANDO).

[...] É só o que a gente discute aqui na academia [sobre anabolizantes]. É principalmente no colégio com alguns colegas que praticam [musculação]. (ANDRÉ).

Como se observa, em relação à estratégia de busca e uso da informação sobre o corpo e sobre a prática da musculação, os informantes admitem as várias mídias como importantes fontes formais de informação, sendo que, embora reconheçam a forte influência na condução de valores sociais, evidenciam a necessidade de senso crítico para não se deixar levar por seus apelos consumistas.

A confiabilidade na informação midiática está sujeita ao critério de cientificidade; deve apoiar-se em sistemas peritos e em especialistas. Mesmo assim a informação é checada através da interação face a face. O professor serve de suporte informacional para questões do fazer técnico. Quando surgem dúvidas sobre algum aparelho de musculação, alguns exercícios ou mesmo sobre informações

obtidas através da mídia, o professor é geralmente solicitado. Da mesma forma, os praticantes de musculação trocam informação entre si sobre diversas questões, até mesmo sobre temas socialmente censurados. A troca de informação, nesse caso, acontece no contexto dos bastidores da sala de musculação, junto a pequenos grupos. Assim, as estratégias de atualização sobre a prática da musculação passam pela crítica do conteúdo e dos objetivos das informações veiculadas na mídia, pela troca de informação com os colegas, e principalmente com o professor, fonte confiável, considerado o especialista da área.

Outra forma de atualização da informação é através do próprio corpo, das percepções que ele permite, do reflexo social que ele representa. É o corpo visto como fonte de informação.

6.4 Corpo como fonte de informação

O corpo emite informações, seja para o outro, seja para si próprio. O indivíduo, através da musculação, desenvolve práticas de autogestão do corpo. O envolvimento na prática de musculação resulta em mudanças no corpo, emitindo diversas simbologias que podem ser interpretadas na interação social face a face. Na verdade, o corpo, ao se apresentar socialmente, emite informações que são amplamente captadas pela platéia. Nesse processo de interação, a metáfora do espelho é essencial. Corpo refletido socialmente no outro é também refletido nos espelhos da academia de ginástica. O espelho tem o poder de nos mostrar exatamente como somos. Eco (1989) sintetiza essa questão, quando afirma que a magia dos espelhos pode ser explicada pela sua capacidade de nos permitir olhar melhor o mundo e também de ver-nos como os outros nos vêem.

Teórica e didaticamente, o espelho na sala de musculação visa à realização correta dos movimentos. Porém, como o espelho favorece observar-se e observar o outro na realização dos movimentos, ele passa a ter efeitos inegáveis no culto ao corpo, como alguns praticantes de musculação confessam:

Eu acho que todo praticante gosta de se olhar no espelho. (IGOR).

[...] Tem uma coisa assim, de musculação, que você identifica quem malha, que é o espelho. Quem faz musculação muito tempo, geralmente, quando pára no espelho, olha o braço, olha a perna, tá entendendo? Se olha, olha o tórax [...] (EDUARDO).

Aqui, pelo fato de haver tantos espelhos, você começa até mesmo a se comparar com o outro, vendo a sua evolução. Porque a gente olha para o outro e vê, “ah! Eu acho que eu estou diferente. Não sei o quê [...]” E vai vendo. Vai olhando para ele e vai vendo pelo espelho, porque muitas vezes, você não vai ficar olhando para as pessoas. Você vai olhar para o espelho e ver o outro. (CÉLIA).

É como se fosse uma motivação. Eu gosto. Eu adoro. Ele [o espelho] te dá essa dica de que teu corpo está modificando, entendeu? Aí tu te animas mais [...] (DANIELA).

O corpo refletido no espelho está em busca de sua própria imagem. E de como ele é visto pelo outro. É Narciso sendo encantado pela sua própria imagem, conforme discutido por Sodré (1994). De acordo com os depoentes, todos gostam de ver a sua imagem refletida, que, em geral, é comparada à imagem do outro. No jogo entre o real e a imagem, é possível ler e perceber o outro. Afinal, o corpo é aquilo que nos identifica e diferencia do outro, conforme nos lembra Le Breton (1995). É comum, ao olharmos para um desconhecido, tentarmos perceber quem ele é a partir do seu corpo. O praticante contumaz de musculação parece ser facilmente identificado, tanto pela definição corporal, dos músculos trabalhados, quanto pelas postura e maneira de mostrar-se. É claro que existem exceções. Mas, decerto, o corpo fala, “[...] pela linguagem do corpo, você diz muitas coisas aos outros. E eles têm muitas coisas a dizer pra você. Também nosso corpo é antes de tudo um centro de informações para nós mesmos [...]” (WEIL, 1975, p.5). O corpo informa sobre si mesmo. A fala dos informantes confirma esta premissa:

[...] O que vai identificar? O seu corpo! Quem não sabe que aquele corpo ali [...] Você olha para um corpo e você já vê que ele está malhado! Você vai perceber. (NILSON).

Se ele [praticante] for constante, eu acho que dá para perceber sim, até porque reflete no corpo dele, né? Pelo menos, a gente tem uma idéia de quando você olha para uma pessoa, que aquela pessoa faz realmente uma atividade física. (KÁTIA).

A musculação garante a transformação na postura e na aparência do praticante. À proporção que desenvolve a musculatura, a auto-estima se eleva. É como um renascer. Na opinião de um dos professores da academia, na fase inicial, “[...] ele é tímido e curvado; depois, eleva-se, torna-se elegante. Passa a se olhar mais no espelho e a se mostrar aos outros [...]” (PROF. 3) Uma pessoa com o tórax encolhido é alguém cujo eu está diminuído. Em geral, trata-se de uma pessoa tímida, submissa, retraída ou, pelo menos, está assim naquele momento de sua vida. Em contraposição, o homem forte, *grosso modo*, sente necessidade de manter o peito estufado, a cabeça erguida e exibir o seu eu hipertrofiado (WEIL, 1975, p.31). Por conseguinte, passa a vestir roupas que evidenciem os músculos.

O homem, assim que começa a fazer academia costuma andar com blusas regatas para mostrar os músculos, os braços [...] Gosta, quando vai à praia, de andar sem camisa, apenas com o short ou de sunga [...] Algo do gênero. [...] E as mulheres, eu acho bem menos. Mas elas também começam a usar roupas mais ousadas que antes elas não teriam tanta evidência, porque você percebe a diferença no corpo. Fica mais delineado. Então, elas também [...] ousam, né? (CÉLIA).

[...] O homem, quando começa a malhar, que começa a ter os braços definidos, ele passa, às vezes, a usar camiseta para mostrar que está malhado. A mulher, quando está mais definida, adora vestir biquíni [...] (DANIELA).

O corpo emite informações que são captadas com facilidade. Sabendo disso, alguns mobilizam o corpo de modo a exprimir posturas que evidenciem a sensualidade do corpo, como afirmam acima os depoentes. Ao expor socialmente o corpo, o praticante de musculação busca ver o seu corpo refletido no espelho social. Ao mesmo tempo em que imagens do corpo são expostas incessantemente na mídia, espaços de interação presencial proliferam, como evidenciado por alguns estudiosos (CARDOSO, 1999; BRUHNS, 2000), onde o corpo desfila e se expõe. O corpo quer ser visto; deseja que outras pessoas o veja, elogie e inveje. Segundo os informantes, essa é uma forma de seguir em frente, e saber que está no caminho certo. Na verdade, o culto ao corpo tem muito a ver com sua exibição social, como os depoimentos reiteram:

Em toda academia, a gente vê pessoas que ficam [...] assim, fazem três repetições com peso, que para ele está sendo um sacrifício. Você está vendo que ele está ali cultuando o corpo. Então, esse povo você vê se vestir de um modo diferente. Ele está numa roda, socialmente, de um modo diferente, porque ele tá ali exibindo o corpo dele, tá adquirindo massa muscular para exibir. (GORETH).

[...] Eu acho que quando você começa a malhar, você tem, assim [...] Se exhibe mais, como eu te falei. Tem gente que tem um modo de vestir e passa a vestir roupas diferentes para mostrar que realmente está malhado [...] Tem gente que malha por vaidade. Somente para mostrar para os outros, para aparecer. Outros, realmente pela saúde, porque acham que devem fazer algum exercício [...] (DANIELA).

Na crítica, os entrevistados referem-se ao outro. Mas Daniela também se inclui, embora o faça em relação ao passado, deixando claro que no momento não o faça porque não está em condições físicas ideais para isso.

Eu adorava! Quando eu estava bem mais malhada, eu fazia questão de vestir uma blusinha menor, uma calça bem *saint-tropez*, para mostrar que estava bem definida, uma calça *jeans* apertada para evidenciar o bumbum. Sempre tive isso [...] (DANIELA).

Para alguns dos entrevistados da academia “malhação”, a opinião da platéia, mesmo de indivíduos que estejam fora do processo de construção corporal, é imprescindível a fim de confirmar os resultados. O ator admite a necessidade do outro como contraponto para a continuidade do seu desempenho. Para Marta, por exemplo, o praticante contumaz de musculação perde a noção exata de sua forma física. Assim, precisa conferir com os demais. Nesse caso, o espelho não é suficiente. Ao mostrar-se, exibir-se, ele tenta confrontar sua imagem refletida nos outros com sua auto-imagem, segundo sua fala:

[...] É uma questão da convivência, de cada milésimo de segundo da sua vida com seu corpo. Então, qualquer alteração que vai surgindo é tão [...] A interação é tão grande que você não percebe a mudança que outra pessoa vê. Se você passa um mês sem me ver, quando você me vê depois, ou emagrecendo ou engordando, você vai notar. Mas eu, realmente, eu sei que estou melhorando, porque eu me observo, eu me pego, eu me sinto, eu vejo a roupa, eu vejo como está o meu corpo, meus movimentos [...] Mas não tanto quando eu sou observada por quem está fora do processo. (MARTA).

É na interação face a face que os corpos se expõem, se mostram um ao outro e se descortinam pela simples presença. Nela, o corpo fala incessantemente (WEIL, 1975; GOFFMAN, 2001). Essa experiência é de fundamental importância, uma vez que contribui para elevar a auto-estima do praticante de musculação. Ele quer ser notado e percebido para se sentir compensado de todo o esforço desenvolvido. Como afirma um dos entrevistados, “[...] vaidade é o que me faz vir fazer isso. Não para agradar as pessoas, mas primeiramente a mim; agora, se as pessoas me elogiam é lógico que eu vou achar bom, porque é um sacrifício o que estou fazendo [...]” (FERNANDO). Na busca de ficar em forma, bonito, as informações recebidas do meio social atuam como *feedback* para a manutenção ou até mesmo para a revisão das metas traçadas. Assim, informação é a palavra-chave, seja através do corpo, da opinião do outro, do professor ou da mídia, na busca do padrão de beleza corporal legitimado socialmente.

6.5 Padrão de beleza corporal

Quando solicitados a descrever o padrão de corpo considerado ideal, os depoentes enfatizam a presença de músculos e conseqüentemente, a ausência de gordura corporal. Em outras palavras, pernas e braços com musculatura desenvolvida, abdome sem gordura, tudo em completa harmonia, conforme dizeres do informante abaixo:

O corpo ideal [...] Você ter as pernas bonitas, braços fortes, mas sem ser exagerado. Ter um tórax que fique à mostra [...] mas não muito. O abdome relativamente médio. Não ter barriga. Eu acho que ser proporcional, tanto os braços como as pernas e o corpo em si [...] Não precisa ser muito forte, não. Tem que está em harmonia [...] (HERMANO).

O padrão ideal de corpo definido pelos informantes apresenta aspectos comuns, consensuais, que têm relação com os cânones de beleza física discutidos na filosofia desde os gregos e detalhados por Etcoff (1999). Tem a ver ainda com o que Baudrillard (1970) chama de atletismo, relacionado ao homem, e frineísmo,

relacionado à mulher. Para esta, o padrão de corpo é definido como tendo o mínimo de gordura, braços e pernas com musculatura definida, mas sem exagero, quadril e ombros na mesma medida e cintura definida; para o homem, ombros largos, braços e pernas fortes e abdome definido são características essenciais. A relação entre esse padrão ideal e a beleza física está presente nos depoimentos coletados na pesquisa, os quais enfatizam a harmonia e a proporcionalidade nas formas.

[...] Eu gosto, até para mim mesmo, do corpo proporcional. Eu nunca deixei de malhar as pernas. Sou muito preocupado com essa parte ligada ao corpo. Eu não gosto de malhar só braço. Ficar com o braço e as perninhas dessa finura [...] Eu tenho problema de aumentar a panturrilha, mas eu malho bastante para compensar. Eu acho bonito o corpo proporcional [...] Eu acho que a beleza física não dá para definir, não, mas o corpo definido, malhado, com certeza, eu acho bonito. Se fosse para escolher entre uma mulher gordinha e uma malhada, eu escolheria a mulher malhada. (EDUARDO).

Eu acho assim [...] Eu gosto muito é de harmonizar minha altura com meu corpo. Eu sou baixa, então eu quero manter um padrão, em que minha altura sempre corresponda ao meu peso. (CÉLIA).

Como Eduardo afirma, a beleza física, embora envolva elementos objetivos, como harmonia e proporcionalidade, dificilmente pode ser definida. Ela tem relação com a sensação, com a percepção e não com a racionalidade. É mais fácil apreciá-la, distinguí-la, mostrar aquilo de que gostamos e o que não apreciamos. O senso de beleza pertence, portanto, ao reino do sensível. A mídia dita o senso de moda, cria modelos a serem imitados, sempre mutáveis, construídos a cada época e conforme o tipo de sociedade; mas jamais o senso de beleza (ETCOFF, 1999). Assim considerando, há, dentre os informantes, certa convergência em reconhecer modelos de beleza, que estejam em evidência em determinado tempo e lugar. Corpos que estejam na moda, porque comportam os elementos objetivos a seguir mencionados:

Uma que eu acho bonita: a Sheila Carvalho. Um homem que eu acho bonito: o Paulo Zulu. Sheila Carvalho tem um defeito: é baixa. Se fosse mais alta [...] Eu acho a mulher alta bonita. E o Paulo Zulu para mim é perfeito em tudo. O corpo é bonito, ele é alto, a cor é morena [...] Mas não tem assim, se eu disser que eu acho a Sheila Carvalho bonita é por que eu acho o corpo dela em harmonia. É todo perfeito

para mim. Mas não que eu queira chegar lá. Para mim é o padrão de Sheila Carvalho. (GORETH).

Aquele cara agora, o Kleber, do *Big Brother*, tem o corpo lindo. Eu acho lindo homem daquele jeito. Acho que é mais ou menos aquilo ali. Nem muito fortão demais, mas também [...] É só malhado, que nem o [corpo] dele, bem malhado. Acho lindo. Mulher eu não sei. Tem tantas que têm o corpo lindo. Aquela Sheila Carvalho tem o corpo lindo, eu acho. Toda malhada também [...] (BEATRIZ).

[...] Eu acho muito bonito o William Bonner. Pessoas assim, que você vê que fazem alguma atividade física, mas não exteriorizam. (CÉLIA).

O Reynaldo Gianecchinni, eu gosto da altura dele, do corpo dele. [...] A Luma de Oliveira [...] Eu acho o corpo dela lindo, para a idade dela principalmente. (DANIELA).

Ter pele morena, ser alto, ter o corpo forte são traços físicos objetivos que representam a beleza e talvez por isso, sejam tão explorados na mídia através de seus heróis modelos. A dupla natureza, humana e divina, dos olímpicos é evidenciada e entrecruzada, num movimento permanente de busca de projeção e identificação, discutido por Morin (1977) e Lasch (1983). Ao mesmo tempo em que a vida privada de cada um dos modelos é posta à vista, o caráter sublime dos traços físicos perfeitos é reverenciado de tal forma, que muitos receptores da mensagem desejam o mesmo. Mas na maioria dos casos, os esforços ou os métodos utilizados para se atingir esse padrão de beleza, tal como as cirurgias plásticas, são omitidos dando a impressão de que basta esforçar-se bastante, seguir as 'dicas' de um ou de outro para conseguir manter o corpo nos mesmos parâmetros desses modelos (SANT'ANNA, 2001; SOARES, 2001).

Sheila Carvalho e Paulo Zulu, embora não estivessem em evidência no momento da pesquisa, são presenças constantes na mídia. Ela já foi eleita a mulher mais sexy do Brasil, e ele figura como referência de beleza masculina. Por sua vez, naquele momento Kléber, até então um anônimo, se tornara conhecido ao participar do *reality show* Big Brother Brasil; Gianecchinni, fazia papel de galã em uma telenovela, e Bonner, como apresentador de telejornal tem sua imagem diariamente na televisão. Nota-se que as referências dos depoentes, em sua maioria, têm origem nessa mídia, sendo que a sua influência fica ainda mais evidente quando se

considera que a indicação dos modelos de beleza pelos sujeitos entrevistados está muito bem datada. No momento da pesquisa essas pessoas se achavam em exposição. Em outra ocasião, outras poderão ser lembradas, o que mostra a efemeridade dos eventos midiáticos. É perceptível a predominância da cultura audiovisual, e mais que isso, a supremacia de informações e imagens de grandes centros, como Rio de Janeiro e São Paulo, locais por onde circulam os nossos ídolos ou heróis modelos, como discutido por Zarur (2001).

Muitos depoentes admitem a influência da mídia na busca do padrão corporal, embora, em alguns casos, sintam vergonha de reconhecê-lo. “[...] Acontece comigo... eu olho para a revista, vejo aquela mulher com o corpão lindo, aí eu digo: Pô, vou malhar pra ficar igual àquela ali. Acontece com todo mundo [...]”, afirma Beatriz. Nessa mesma perspectiva, Daniela considera que “[...] as mulheres se baseiam muito em artistas, em mulheres bonitas [...]” Ela mesma reconhece que fazia isso e considera que a maioria das mulheres o faça. Mas esse fato não se restringe às mulheres, pois como Eduardo afirma, ele também segue o padrão disseminado na mídia. Segundo ele, embora sinta vergonha em admitir, pois é bastante criticado pelos amigos, seu padrão corporal ideal é Vítor Belfort¹⁵. “[...] Queria muito ficar com aquele corpo ali.”

Seguindo a perspectiva de que o ideal de beleza seja de difícil conceituação, ele torna-se mais bem delimitado quando criticamos alguém ou apontamos algum aspecto físico que nos desagrade, que consideramos feio. Revela-se aí o nosso ideal de beleza (ETCOFF, 1999). É o que observamos junto a alguns praticantes de musculação entrevistados:

Eu não gosto de mulher com muito músculo. Eu acho que perde um pouco da feminilidade. [...] Eu não gosto, por exemplo, da Joana Prado. Eu acho ela muito musculosa, excessivamente. Eu acho feio, sabe? (LÍLIAN).

[...] Eu não gosto da mulher muito musculosa não. Gosto dela mais magra e feminina. Vou dar um exemplo: a Feiticeira, eu acho horrível [...] Ela ultrapassou, ficou muito estranha, né? [...] Não precisa exagerar. O próprio homem muito musculoso é feio. O Arnold Schwarzenegger, eu acho horrível. (IGOR).

¹⁵ Vítor Belfort era também desconhecido do público até participar do *reality show* Casa dos Artistas, em outra emissora de televisão.

Para mim, [a mulher que malha] quando chega num certo momento, eu acho 10. Mas depois que ela começa a exagerar [...] A primeira coisa que ela muda é a voz. Se ela tomar anabolizante é a primeira coisa. Inclusive a gente está vendo o caso da Feiticeira. Uma mulher daquela não precisava daquilo [...] Mais na frente ela vai se arrepender, porque a mulher, até a voz já mudou. (JOÃO).

A inspiração na mídia continua, mesmo na comparação negativa. E a televisão continua sendo a influência principal, mesmo considerando que os depoentes, em sua maioria sejam de nível superior, possuam capitais econômico e cultural que lhes permitam escolhas e preferências diversificadas (BOURDIEU, 1996). Percebe-se na resposta dos depoentes certo consenso no limite entre o bonito e o feio. A referência está relacionada ao excesso de músculos, seja para o sexo masculino, mas principalmente para o feminino. Fato que nos remete ao que Goellner (1999) chama de imperativos sociais nos modos de ser mulher, os quais, por se apresentarem polarizados, determinam também os modos de ser homem. Os limites de um e de outro estão estreitamente relacionados a conceitos morais. A mulher deve ser bela, mas sem perder a feminilidade e a fragilidade atribuídas ao gênero. O exemplo aqui apontado é o de Joana Prado, a Feiticeira, que à época das entrevistas participava do *reality show* Casa dos Artistas. Anos antes se havia consagrado em programas de auditório como símbolo de beleza e sensualidade ao incorporar a personagem Feiticeira. Após intenso treinamento físico com vistas ao desenvolvimento muscular, desencadeou o debate na mídia sobre sua forma física, e talvez por isso, tenha sido a lembrança mais vívida de alguém que tenha ultrapassado as fronteiras do belo.

A percepção dos informantes em torno de certo padrão de corpo corresponde ao corpo desejado e ideal, diretamente associado ao corpo belo. É um corpo com músculos bem definidos, mas sem exagero, um corpo ‘malhado’, ‘sarado’, na gíria das academias de ginástica. O corpo hipertrofiado, muito musculoso é o oposto da beleza. É um corpo estigmatizado, geralmente relacionado a comportamento violento ou visto como anomalia. João, que tem o corpo bastante musculoso, diz evitar sair da academia com roupas que o exponham a fim de evitar reações desse gênero nas pessoas. “As pessoas quando olham, já pensam que a gente é

‘porradeiro’, é violento, aí depois que eles conversam com a gente eles vêem que não é nada disso [...] Eu não gosto de violência” (JOÃO).

Da mesma forma que músculos muito desenvolvidos são rejeitados, a presença de gordura também o é. A definição de beleza corporal enfatizada em padrões ideais de proporcionalidade, harmonia, pele lisa e morena, músculos firmes e ausência de gordura, não admite, portanto, o gordo, que representa o oposto do que está em forma. A gordura não dá forma; o gordo é, portanto, deformado pela gordura, está fora dos padrões de beleza. Isso mostra atitude social de lipofobia, ou seja, de rejeição da gordura e de obsessão pela magreza. Ser magro está associado à beleza e à saúde, enquanto ser gordo invoca feiúra e doença, refletindo, possivelmente, na busca incessante por esse padrão de corpo da mídia, com o agravamento de que atualmente seja necessário ser muito mais magro que antes para ser considerado bonito e bem menos gordo para ser considerado feio, como nos adverte Fischler (1995). A associação do corpo sem gordura com corpo belo e saudável tem levado ao conceito híbrido de estética corporal contemporâneo de estética-saúde (LOVISOLO, 1994; MENEZES, 2001; NOVAES, 2001).

Talvez tudo isso justifique o fato de, na academia de ginástica, e na sala de musculação, em especial, não se ter encontrado o indivíduo considerado gordo; lá seria o local apropriado para a perda de gordura e aquisição de boa forma física. A ausência do indivíduo gordo é fato. Para frequentar uma academia de ginástica é preciso estar com o corpo mais ou menos em forma. Para alguns sujeitos da pesquisa, o que ocorre é a auto-exclusão, ressaltando-se que, conforme uma das transcrições abaixo, um deles vivenciou experiência similar:

Eu tiro por amigos que eu tenho. Muitos têm vergonha de começar a malhar. Porque tem peso a mais, porque é muito gordo, ou porque é muito magro. (EDUARDO).

E com relação a uma pessoa gorda fazer academia, realmente eu acho que a pessoa se sente assim [...] Eu vou falar por mim. Eu me sentiria, não digo discriminada, mas eu me sentiria meio fora do normal, do padrão normal da Academia. Porque qual é o padrão normal quando você vai para uma academia? Uma pessoa que tem o corpo mais ou menos. Você usa uma roupa que modela o seu corpo, não vem para a Academia com uma roupa toda folgadona [...] Eu tenho um primo que é gordo. Já foi para spa várias vezes. E é louco

para freqüentar uma academia, mas não faz isso porque tem vergonha dos colegas. (GORETH).

Se você fosse gorda você ia ver como é horrível. As pessoas têm preconceito. As pessoas te olham diferente [...] Eu era gordo, tinha 102 quilos. Já pensou um negócio deste? Então eu tive que me informar, eu tinha necessidade de ficar magro e para ficar magro não é de qualquer forma. Tinha que ter, vamos dizer, um trabalho médico, um conhecimento da coisa para não fazer errado, né? (NILSON).

É preciso perder peso antes de freqüentar uma academia de ginástica. É mais adequado freqüentar um *spa*, lugar apropriado para quem quer emagrecer. Essa constatação está atrelada à disseminação social do padrão de beleza corporal, resultante das informações veiculadas principalmente nas diversas mídias e atualizadas constantemente através das interações sociais. A representação social do corpo belo – corpo jovem e malhado – é disseminada nos veículos de comunicação em associação a modelos, atores e atrizes. São pessoas famosas, de sucesso, aparentemente saudáveis e felizes, as quais servem de parâmetro para definir conceitos socialmente aceitos. A mídia reforça a exclusão do gordo e de outros indivíduos, como o idoso, por exemplo, da academia de ginástica. Como afirma Eduardo: “Meu pai, por exemplo, morre de vontade de malhar, mas ele tem vergonha de vir, porque ele diz que é velho, porque aqui tem muita gente nova que vai ficar [...] olhando para ele assim ‘dobrado’, não sei o quê.” No entanto, o idoso não é de todo excluído da academia, ele pode ser encontrado fazendo hidrogenástica, embora já se discuta amplamente os benefícios da musculação na terceira idade. Segundo um dos professores da academia isso ocorre por influência da mídia. “[...] A mídia bate muito em cima de que local de idoso é dentro de piscina, fazendo hidrogenástica, não diz que musculação faz bem” (PROF. 3).

A opinião dos professores corrobora a tese de que as academias de ginástica reproduzam o padrão de corpo criado pela mídia. O gordo somente é retratado na mídia em propaganda de comida; ao mesmo tempo, corpos malhados são freqüentemente relacionados a atividades físicas e à academia de ginástica. Sobre este tópico, os professores da academia “malhação” afirmam:

[...] Tudo que você vê em televisão, *outdoors*, revistas, fazendo propaganda ou expondo alguma coisa, são pessoas magras. Ninguém bota um gordinho para vestir uma roupa, para aparecer em *outdoor*. Ninguém põe um gordinho para vender produto *light*. Coloca a Feiticeira, que já é *light*, para vender um produto *light* que ela nunca usou. Então começa por aí. Se ele [o gordo] nunca se vê numa revista, ele nunca vai chegar numa academia e se vê lá dentro [...] (PROF. 2).

[...] Você não vê gordo fazendo propaganda [...] entrando na sala de musculação, assim, sendo filmado, sendo entrevistado [...] A gente só vê as pessoas gordas fazendo propaganda de comida, sendo filmado num McDonald's desses ou num Bob's [...] Em academia mesmo, nada! (PROF. 3).

Por outro lado, eles reconhecem que a mídia tem grande influência na busca crescente pela prática de atividades físicas. Várias revistas, a televisão, os jornais veiculam constantemente informação sobre seus benefícios, os quais vão além da beleza, tais como saúde, bem-estar e qualidade de vida, fato que tem, possivelmente, motivado muitas pessoas a praticar musculação. Nesse sentido, reforçam a necessidade de acesso a várias fontes de informação, o que caracterizaria o receptor ideal, conforme expresso por Santaella (1992) e Demo (2000).

[...] quando qualquer coisa sai na *IstoÉ*, *Veja* ou *Jornal Nacional*, falando, por exemplo, de terceira idade fazendo musculação você percebe imediatamente que entra um, dois, três alunos na musculação. Acho que se tivesse um trabalho de informação da mídia em cima da terceira idade ou de qualquer outro lado assim, essas pessoas iam procurar bem mais a Academia. (PROF.1).

[...] na *Veja* mesmo, eles falam muito da atividade física voltada para o bem-estar, para a postura, para evitar dor na coluna, evitar as tensões e o stress. (PROF. 3).

Tudo isso mostra que a academia de ginástica, e especialmente sala de musculação – palco onde o corpo é mobilizado para o desempenho do indivíduo – seja, na verdade, o reduto do corpo em forma, representação social reforçada pelas informações divulgadas nas diversas mídias. Os sujeitos investigados possuem essa concepção, e procuram incorporar a prática da musculação em sua vida como forma

de atingir tal padrão de corpo. Corpo malhado com músculos definidos e pouca gordura é o ideal a ser alcançado. As interações face a face e o próprio corpo como fonte de informação são também essenciais no reforço desse ideal. O contato entre professor e aluno, e entre colegas, dissemina informações que incluem desde questões práticas, relacionadas a formas corretas de executar o exercício até temas proibidos, discutidos nos bastidores, e que têm forte influência na condução da autogestão corporal. O corpo, ao ser exibido socialmente, exprime muito do que o indivíduo seja. Na verdade, a prática da musculação para os sujeitos desta pesquisa se revela muito mais que simples cuidado com o corpo, constitui-se uma forma de vida, de ação social de busca da auto-identidade, em que o corpo desempenha papel central.

7 A AUTOGESTÃO CORPORAL NA CONSTRUÇÃO DA AUTO-IDENTIDADE E SUAS INTERPRETAÇÕES

Neste capítulo analisamos a academia de ginástica como espaço social mediador de informações sobre o corpo e de práticas corporais que favorecem a interação social (reencaixe) e a construção da auto-identidade. Partindo da percepção dos informantes, focalizamos os seguintes pontos: (a) trajetória de autogestão corporal, os objetivos e as concepções em relação à prática da musculação; (b) possibilidades ou não de novas amizades na academia de ginástica; (c) o reconhecimento ou não da prática da musculação como elemento que favoreça a construção de estilo de vida próprio e da auto-identidade, considerada como a interpretação reflexiva daquilo que o indivíduo percebe de si mesmo.

7.1 A autogestão corporal através da musculação

A prática da musculação em academia de ginástica, mesmo considerada atividade física individualizada, em que cada um segue programa específico definido em ficha individual, não é uma prática solitária. Ocorre em espaço comum que permite o contato corporal próximo, a colaboração mútua, o bate-papo, a troca de experiências. Permite a dinâmica cadenciada de desempenhos durante a realização do esforço físico através da permuta de aparelhos numa sequência de ritmos e procedimentos habituais. Fica evidente o caráter ambíguo da musculação: ao mesmo tempo em que é individual favorece o coletivo, como bem esclarece Eduardo: “Eu malho uma hora e meia [...] passo mais tempo porque fico conversando [...]”; ao mesmo tempo que em exige esforço e disciplina também proporciona prazer e satisfação, dentro de extremos de ascetismo e de hedonismo. Segundo Nilson, para obter resultados na musculação “[...] tem que ter força de vontade, tem que ter autodomínio mesmo [...] Agora, isso para mim não é sacrifício [...] já passou a ser prazer. Eu faço isso com prazer”. Tudo isso confirma a

concepção de que, em muitos aspectos, a prática de atividade física nos dias atuais misture sacrifício e prazer, ou seja, ascetismo e hedonismo, conforme evidenciado por Courtine (1995) e Soares (2001).

A autogestão corporal através da prática da musculação não acontece de súbito, mas sim, através de longo processo de ajustes, em que o indivíduo vai progressivamente adequando interesses, desejos e possibilidades. Todos os sujeitos entrevistados relatam vasta experiência anterior em diferentes esportes (voleibol, handebol, basquetebol, natação, futebol, capoeira) e em outras atividades físicas dentro ou fora da academia (caminhada, corrida, dança, ginástica). Na verdade, a familiaridade com o esporte precede o hábito de freqüentar uma academia de ginástica, estando associada à educação física escolar. No entanto, a motivação para o engajamento inicial na musculação é bastante variada. Três entrevistados a escolheram para melhorar o desempenho em outros esportes; quatro buscavam a melhoria da saúde; três confirmaram interesse puramente estético; os quatro restantes apontaram para o misto de estética e saúde. O fato comum e mais evidente em suas falas é que, com o passar do tempo, com a percepção dos resultados estéticos distinguidos no corpo, todos mudaram seus objetivos na musculação para “condicionamento físico”, “hipertrofia muscular”, “enrijecimento muscular”, “musculatura definida”, “corpo malhado”, diretamente relacionados à “beleza corporal”, embora os conceitos de “saúde” e “bem-estar” estejam também presentes, principalmente entre os entrevistados de mais idade, confirmando o pressuposto do conceito híbrido de estética corporal, definido por Lovisolo (1994) como estética-saúde. Desse modo, os resultados físicos são vistos como a principal motivação para a continuidade na prática da musculação.

Os praticantes de musculação construíram trajetórias tortuosas de gestão corporal, foram experimentando outras modalidades, chegaram à musculação com diferentes objetivos, e aos poucos convergiram para objetivos e estratégias comuns. Como todos já freqüentam a academia “malhação” há algum tempo, sentem-se bastante à vontade, gostam do seu ambiente. Assim, além do incentivo relacionado aos resultados percebidos no corpo, para muitos, outro fator de motivação para continuar exercitando-se tem vínculo direto com o local. “Eu gosto dessa academia aqui. Ela é ampla, tem jardim [...] Époça de chuva acho bacana. Eu gosto de ficar malhando vendo a chuva e tal [...] Eu não gosto de academia fechada. Essa tem um

ambiente legal, muito espaço, né” (IGOR). Freqüentar a academia é, para alguns, uma terapia em que “[...] você vem para a academia e se desestressa, faz tudo aí, bota a energia pra fora, conversa com outras pessoas e sai numa boa.” (JOÃO). O ambiente de familiaridade é evidenciado por outro praticante: “Eu malho uma hora e meia, mas geralmente passo mais tempo porque fico conversando [...] mas malhando mesmo é uma hora e meia” (EDUARDO). E assim, o terceiro fator de permanência na prática da musculação torna-se evidente, o sentimento de pertencimento, de poder interagir com o outro, de manter laços de amizade.

7.2 Socialidade

Diante dos processos de transformações sociais, em que a maioria das relações torna-se descontextualizada, os indivíduos buscam espaços sociais que possibilitem o contato pessoal, mesmo que efêmero e superficial. A academia de ginástica constitui-se local privilegiado de socialidade, de encontro entre pessoas com interesse comum em cuidados com o corpo, onde, através de diversas práticas corporais, dentre elas a musculação, interagem uns com os outros, permitindo a formação de pequenos grupos.

De acordo com os depoentes, para muitos é onde encontram amigos, conversam, sentem-se à vontade, principalmente porque todos buscam a si mesmos, através de cuidados com o corpo, interagindo tal qual as tribos contemporâneas apresentadas por Maffesoli (1996, 1998). É onde as informações disseminadas pelos sistemas peritos e pela mídia são confrontadas através das interações face a face com colegas e professores e, ainda, por meio de suas próprias vivências corporais. A academia de ginástica pode ser considerada ‘ponto de acesso’, forma de *reencaixe*, de encontro face a face, conforme discutido por Giddens (1991; 1997a).

O ambiente da academia de ginástica permite, em seus aspectos estrutural e organizacional, a interação social. Marta, por exemplo, sente-se à vontade na academia “malhação” e percebe laços de solidariedade entre os usuários: “Tem um bocado de gente que eu conheço da academia [...] Ali ninguém vai por competição, um ajuda o outro. Tem aqueles tímidos, calados, tem outros tagarelas, que

conversam muito [...]” Outros informantes restringem suas amizades ao âmbito da academia: “Eu acho que é dos locais onde eu faço mais amigos é na academia.” (EDUARDO) Nesse mesmo sentido, outro informante assegura: “[...] os meus amigos de hoje em dia eu fiz aqui, na academia. Eu também sou muito fácil de estar em contato com as pessoas. Muito fácil” (FERNANDO).

Nas falas dos entrevistados é possível perceber que a academia de ginástica seja local apropriado para a amizade, mas com a ressalva de que essa possibilidade depende muito do temperamento das pessoas envolvidas. Para os mais extrovertidos e de convívio fácil, o local é muito propício. Para os introvertidos, isto não é tão fácil. Esse fato é melhor discutido por Goreth, quando diz:

[...] Eu sou uma pessoa muito reservada. Então, eu não tenho muitas amizades dentro da Academia. Mas ao mesmo tempo, eu me sinto à vontade, eu fico sorrindo das pessoas que ficam fazendo as [...] Tem gente ali fazendo várias coisas, conversando, você termina se distraíndo, né? Para mim é uma terapia. A gente conversa e sorri. Eu não sei nem se isso é socialização. É socialização porque você está no meio de muita gente. Eu acho que é mais nesse sentido (GORETH).

A entrevistada deixa claro que, embora seja reservada, sente-se bastante à vontade na academia “malhação” e mais especificamente quando está se exercitando. Nesta linha de raciocínio, André considera sua timidez fator de interferência negativa na relação com o outro. Porém, proporcionalmente ao tempo de frequência na academia e aos resultados estéticos alcançados, que segundo ele elevam sua auto-estima, a tendência é superar essa dificuldade:

[...] Além de alguns amigos que eu já tinha antes de vir para cá, de conversar com eles todo dia, já tenho muitos outros [...] Quase todos que eu vejo aqui, eu conheço de vista e acho que mais da metade, eu já conheço assim [...] Falo com eles [...] Acho que as meninas são um pouco mais fechadas. As mais abertas são de 20 anos para cima, mas as da minha idade [16 anos] são um pouco mais fechadas [...] Eu também não me considero muito aberto não. Não me considero muito aberto para novas amizades. Sei lá, eu me acho um pouco tímido ainda (ANDRÉ).

Freqüentar academia de ginástica, como podemos perceber, não se restringe à aula em si mas também ao contato com o outro, confirmando o exposto por Costa (1998), e Rufino, Soares e Santos (2000). Alguns de nossos informantes afirmam não ter amigos, apenas colegas, pois o contato é muito passageiro, caracterizado mais como cortesia. É o caso de Célia, quando diz: “Aqui na Academia e quando a gente se encontra assim, a gente conversa, mas nada muito envolvente não. Só mesmo [...] Acho que só um coleguismo. Não seria amizade [...]” Nessa mesma perspectiva, outra entrevistada assim se expressa:

[...] Amigos, amigos, não, mas muitos colegas eu consigo. Isso depende muito da pessoa. Eu consigo. [Alguns] vêm só malhar e pronto. Ali nem conversa, nem bom dia, nem boa tarde. [...] Os homens que fazem musculação mais pesada, eles parecem que se fecham mais entre si. Eles ficam para lá, só malhando, malhando. Pouco conversam com a gente. Só às vezes, quando passam por você. E olhe lá! [...] Agora as mulheres, não. Estão ali uma perto da outra fazendo exercício e, às vezes, ainda conversando (DANIELA).

Essa percepção confirma o pressuposto de alguns estudiosos, como Maffesoli (1998) e Bauman (1999), de que, na atualidade, haja certa tendência de os sujeitos se associarem a outros com interesses similares, em clara substituição da lógica do individualismo para a da identificação. A adesão ao grupo, ou à tribo, é frágil, sustentando-se apenas na decisão de exibir traços simbólicos dessa tribo. No entanto, o que se observou na academia “malhação” é que, se por um lado algumas relações são fluidas, por outro é possível, na sala de musculação, a formação de alguns grupos ou tribos com laços de amizade bastante fortalecidos. Identificamos um desses grupos na academia “malhação”. Seus integrantes exercitam-se todas as manhãs, sendo os primeiros a chegar. São pessoas que se conhecem há muito tempo e, graças ao fortalecimento dos laços afetivos, consideram-se amigos dentro e fora da academia de ginástica. Entre eles há cooperação e cumplicidade. Parece ser um grupo fechado, que tem o professor como referência no processo de integração, ao ponto de terem mudado para a academia “malhação” para acompanhá-lo, como esclarece Kátia: “[...] mudei de academia, até por uma questão de acompanhar o professor. A gente malhava numa determinada academia, aí o professor veio pra essa e eu, e a maioria dos meninos aí, viemos com ele”. Esse fato favorece a percepção de que o profissional de educação física além do seu papel de

especialista, de detentor de conhecimento técnico-científico, deve possuir características subjetivas para atuar como moderador nas interações entre os alunos. Em relação à essa tribo, Nilson e Kátia assim se pronunciam, respectivamente:

[...] Nós temos aqui uma verdadeira família! Para você ter uma idéia, nós nos reunimos nos finais de semana. Agora mesmo, na semana que passou, tivemos o aniversário de uma colega. Uma maravilha! E os colegas já estão pensando em toda sexta-feira a gente se reunir para um jantar com a família [...] Então, até isso aí trouxe mais uma amizade com pessoas que antes não se conhecia [...] Agora mesmo, está todo mundo malhando e conversando sobre todos os assuntos! (NILSON)

[...] Eu acho que aqui a gente tem um grupo permanente que já extrapolou a academia. Já ficou amigo fora da academia. Então, às vezes, quando as pessoas chegam nesse grupo, elas tentam, elas vêm e, às vezes, não conseguem se incorporar. Aí elas passam a vir mais tarde [...] É muito fechado! A gente fecha mesmo. A brincadeira é entre a gente, aquela intimidade é entre a gente. Aí as pessoas chegam e parece que se sentem um pouquinho de fora [...] Eu não sei como ocorre nos outros horários, mas no nosso é bem assim [...] (KÁTIA).

A sala de musculação, como muitos outros ambientes sociais, permite diferentes formas de agrupamentos, uns mais fortes outros mais frágeis; no entanto, viabiliza a interação entre seus usuários, principalmente aqueles contumazes e com mais tempo de treino, como é o caso dos sujeitos desta pesquisa, proporcionando a troca e a atualização de informações. Como já mencionamos, na percepção dos depoentes, a relação com o outro tem grande influência na persistência na musculação como prática de autogestão corporal. A convivência estável no âmbito da academia e a identificação com pessoas com interesses similares levam os indivíduos a um sentimento de pertencimento, familiaridade e segurança, gerando desempenho entre os atores sociais, que tanto aproxima uns aos outros como, em alguns casos, impõe certa distância àqueles que não integram esta ou aquela tribo. Decerto que a interação social face a face define formas específicas de desempenho, de influência mútua entre os atores sociais, como descrito por Goffman (2001), numa dinâmica de identificação com o outro e de busca de sua própria identidade.

7.3 Estilo de vida e auto-identidade

O corpo, atualmente, vem sendo mobilizado como sujeito e objeto de certas ações sociais. No momento em que é apropriado socialmente, constitui-se objeto de consumo, como extensamente discutido por estudiosos como Baudrillard (1975), Silva (1996), Anzai (2000), Sant'anna (2001), dentre outros. Ao ser reclamado para si pelo indivíduo, como propriedade privada que pode e deve ser controlada, o corpo participa da construção da auto-identidade, na condição de 'sujeito' da ação, a partir das diversas escolhas que têm o corpo como instância fundamental.

Ao falarmos de auto-identidade estamos nos referindo à interpretação reflexiva do *self*, ou seja, do âmago da própria subjetividade do indivíduo. Embora esteja bastante relacionada à identidade pessoal, entendida como continuidade através do espaço e do tempo (presente, passado e futuro), a auto-identidade é essa continuidade conforme interpretada reflexivamente pelo indivíduo (GIDDENS, 1997a). Tem relação direta com as diversas escolhas constantemente definidas pelo indivíduo, sendo as práticas corporais exemplo fecundo. Ao praticar musculação, o sujeito envolve-se em ações que constituem seu estilo de vida, direcionam seu modo de agir e de ser, possibilitam sua identificação com os demais, em questões que ultrapassam o contexto da academia de ginástica, envolvendo aspectos amplos da construção da auto-identidade. De fato, a constante interação social e a identificação com o outro constituem aquilo que Maffesoli (1995) chama de estilo estético, voltado para o prazer de compartilhar interesses em pequenos grupos.

Os praticantes contumazes de musculação, sujeitos desta pesquisa, têm o corpo como centro de suas ações sociais. As diversas decisões tomadas no contexto da prática da musculação vão além da aspiração por definição corporal, vindo a se constituir apropriação do corpo para a sua autogestão, apontando caminhos para construção da auto-identidade, vista como projeto reflexivo de construção do eu. As influências nesse processo, conforme identificamos, são múltiplas, seja através das informações que o corpo oferece diante das transformações físicas resultantes do engajamento na ação, seja na troca de informações entre os colegas e o professor, seja ainda, na apropriação de

informações divulgadas pelos sistemas peritos e pelas diversas mídias. Estas, e mais especificamente a televisão, orientam a constituição de representações sociais, como analisadas por Alexandre (2001) e Andrade (2002), desempenhando forte influência sobre os receptores da informação. No entanto, admitindo-se a recepção como atividade dinâmica, as informações apropriadas pelo usuário adquirem sentido próprio nas interações sociais, nas relações cotidianas, mostrando que esse processo é bastante complexo e também subjetivo, como evidenciado por diversos estudiosos (FAUSTO NETO, 1995; MARTÍN-BARBERO, 1995; ESTEVES, 2000) e corroborado nesta pesquisa.

A sensação de integração e pertencimento ao frequentar uma academia de ginástica, conforme exposto pelos depoentes, passa a ser imprescindível para a construção da auto-identidade, por estar diretamente relacionada às escolhas feitas, aos planos futuros e às ações sociais que delineiam como e quem ser. É, de certa forma, responsabilidade de cada um, sendo que todos os sujeitos entrevistados estão cientes disso e engajados nesse processo de construção individual, conforme podemos perceber no relato de Eduardo: “[...] Eu comecei a me conhecer melhor através do corpo, comecei de fora para dentro, né. E melhorei muito [meu jeito de ser].” Ao se constituir projeto de vida, a autogestão corporal envolve projetos futuros, como explicita Fernando: “[...] eu me preocupo com o meu futuro, eu quero chegar nos meus quarenta, cinqüenta anos super bem.”

A decisão dos sujeitos pesquisados de praticar musculação não se restringe ao fazer mecânico da simples prática, mas envolve ações, atitudes e posturas nos âmbitos pessoal e social voltadas para a autogestão corporal, significando antes de tudo, a autogestão de si mesmo. Tudo isso define estilo de vida próprio, associado, invariavelmente, ao cotidiano de cada um. Na verdade, o corpo, as roupas, o discurso, o lazer, as preferências de comida e bebida, a opção de férias, as relações sociais, ou seja, as escolhas individuais relacionadas diretamente aos capitais econômico e cultural, conforme expresso por Bourdieu (1996), são indicadores de individualidade e identificação social que estão além do contexto do consumo e favorecem o processo de constituição reflexiva da identidade, como entende Giddens (1997a).

Assim sendo, alguns aspectos identificadores do estilo de vida dos praticantes de musculação foram constatados, tais como: lazer, preferência de comidas e

bebidas, aparência e postura corporal. Geralmente as diversas opções estão relacionadas à prática da musculação. Os praticantes estão empenhados em atingir seus objetivos, e para isso, dedicação e esforço são indispensáveis. A rigidez do treinamento reflete, diretamente, nas suas relações sociais e nas preferências de lazer. Os sujeitos da pesquisa praticam musculação todos os dias, por assim dizer. A grande maioria se exercita de segunda a sexta-feira, dois o fazem de segunda a sábado, e dois, “de domingo a domingo”. Tal frequência de treinamento impõe algumas restrições no âmbito social.

[...] Vou dar um exemplo: no sábado agora, meus amigos se reuniram e foram para uma boate. Eu disse: não vou, porque domingo de manhã tem caminhada e eu quero fazer a caminhada e depois, quero ir malhar. Aí eu não fui. Eu estou com um tempo que não saio dia de sábado, porque estou malhando no domingo (EDUARDO).

[...] Às vezes, eu acho que eu posso até ser um saco pra outras pessoas porque, durante a semana, eles dizem: “Vamos sair, vamos sair!” Ah, tá... não vou! Não que eu tenha que acordar cedo para vir à academia. É a questão de [...] dormir bem. Se eu dormir bem, eu fico super bem. Se eu dormir pouco tempo, já fico super irritado. Então, eu tenho esta necessidade (FERNANDO).

[...] Eu gosto demais do meu corpo [...] Só o esforço que eu faço para vim pra cá treinar. Aí, de uma hora pra outra, eu me desgostei do meu corpo, cair na gandaia, beber, fumar [...] Jamais, eu faria isso (JOÃO).

As escolhas dos indivíduos, ao determinarem certo estilo de vida, descartam outras ações que pareçam incoerentes com o mesmo. No momento em que o praticante de musculação volta-se para o treinamento, investe nele e se afasta do que acredita vir a ser empecilho. Os indivíduos planejam suas vidas, definem o que querem e o que não querem para si. No entanto, dos alunos entrevistados, somente alguns poucos assumem a postura radical exposta acima. A maioria pondera sobre suas escolhas, sem abdicar do convívio social, embora uns mais e outros menos. Em alguns casos, o lazer está relacionado à prática de esporte, e assim, se divertem exercitando-se, cuidando do corpo. É o que fazem dois entrevistados. André considera: “[...] Meu lazer, eu acho que é só praticar esporte. Eu gosto muito de

esporte. Desde os 10 anos já fazia natação. Aí passei para o basquete. Até hoje, estou no basquete.” Para Beatriz o esporte é também seu lazer preferido: “[...] Eu quase não tenho tempo para lazer. Mas o que eu faço mesmo direto é jogar tênis, final de semana, sempre. Eu adoro.”

A preferência de lazer, para a maioria está condicionada aos campos da atividade física e esportiva. Mesmo quando foge a esse âmbito, há a preocupação com a manutenção de hábitos saudáveis, de modo que o lazer não possa opor-se ou prejudicar a condução da autogestão corporal, evidenciando, mais uma vez, certo nível de convergência de comportamento entre os depoentes.

Adoro caminhar. Fazer turismo. Boates. Eu gosto de boates. As pessoas se questionam como é que eu vou para boate e fico a noite inteira sem beber. As pessoas geralmente vão para tomar bebida. Pôxa, eu me divirto perfeitamente estando sóbrio. Até mais. Não tenho necessidade de álcool nem de fumo (FERNANDO).

Eu gosto muito de sair, mas não tenho o hábito de sair durante a semana, exatamente por conta da academia, a gente já cria o vínculo de não dormir muito tarde para acordar cedo, para está com disposição no outro dia. Eu gosto de boate, mas isso é [...] realmente nos finais de semana (KÁTIA).

Não sair à noite durante a semana, não fumar ou beber bebida alcoólica e não perder sono, são algumas escolhas restritivas que eles próprios se impõem. A alimentação é outro fator importante na constituição do estilo de vida saudável dos depoentes. Todos deixam claro, por exemplo, que alteraram a alimentação em conformidade com os fins que desejam alcançar, sendo estes, quase sempre, a perda de gordura e o ganho de massa muscular. A consecução de tais objetivos associa-se à redução da ingestão de carboidratos e gorduras e ao aumento progressivo da intensidade do treinamento na musculação, tal como explícito na afirmação de alguns alunos:

[...] Passei a me preocupar principalmente com a alimentação. Achei que comia muita besteira, como o pessoal falava [...] Passei a me controlar mais. Controlar mais assim: comer bastante, mas coisa saudável para a questão de ganhar massa muscular (ANDRÉ).

[...] Assim que eu comecei a malhar, eu tive que balancear a minha alimentação. Por quê? Eu queria criar massa, mas de que adiantava eu criando massa e comendo gordura? Não ia adiantar nada. Então tive que fechar a boca, tipo, doce eu parei realmente de comer [...] (DANIELA).

[...] Você passa a se preocupar em comer melhor, porque comer bem é comer o saudável. Não é isso? Não é a quantidade é a qualidade (FERNANDO).

A consciência da relevância de regimes adequados para maior eficácia do treinamento é adquirida pouco a pouco. Essa atitude pode ter como suporte as informações midiáticas, através de mensagens e simbologias que associam atividade física e alimentação balanceada a corpo em forma. Todavia, essas informações adquirem sentido na interlocução da experiência cotidiana, constantemente (re)avaliadas na prática da musculação, favorecendo a reflexividade, como esclarecem Esteves (2000) e Domingues (2002). As mudanças percebidas no corpo ao longo do treinamento passam a ser o termômetro para outras ações serem desenvolvidas, emitindo informações essenciais para o (re)direcionamento da autogestão corporal.

[...] Como eu queria ver resultado na musculação, então eu procurei ver se a alimentação influenciava. Com as informações de um professor eu comecei a melhorar minha alimentação, tá entendendo? Minha alimentação é toda controlada. Com certeza (EDUARDO).

[...] Eu fui tendo a consciência de que eu estava comendo muita massa, muita coisa. Porque eu sou assim. Eu malho bastante, mas não sou muito de dieta, não. Eu procuro equilibrar, fazer a coisa mais educadamente, questão mesmo de educação. Eu acho dieta terrível (MARTA).

Antes eu não me preocupava em relação a comer alguma coisa. Não estava nem aí, comia tudo. Hoje, não. [...] Tenho ainda a preocupação de não passar muito tempo parada, entendeu? (DANIELA).

Um aspecto que nos chamou a atenção nessa questão da alimentação é que o nutricionista, como especialista da área, adquire pouca importância. As dicas de alimentação emitidas na mídia, na troca de experiência com os colegas, na

orientação do professor de musculação e na vivência do praticante de musculação, mostram-se capazes de subsidiar informações satisfatórias aos interesses dos mesmos.

[...] Eu sempre leio, procuro me informar [...] Eu tenho uma sobrinha que é nutricionista, mas para falar a verdade eu nunca utilizei os conhecimentos dela, e às vezes eu até brigo com ela porque como nutricionista ela faz coisas erradas, né? Mas eu procuro ler, procuro ver, procuro observar, procuro sempre está em sintonia [...] (MARTA).

[...] além das revistas que eu lia, de que não adiantava nada estar malhando, comendo isso e comendo aquilo, que não ia ter o resultado que eu queria, eu perguntava para o professor. Aí ele, 'olha eu não vou lhe passar uma dieta porque a nutricionista é quem passa mas é melhor que você evite isso, evite aquilo', entendeu? Ele me orientou. Daí eu passei a não [...] fechei minha boca, me eduquei (DANIELA).

De fato, não existe nutricionista na academia de ginástica "malhação", o aluno interessado em fazer dieta, deve procurar o especialista fora desse ambiente. Alguns admitem o uso do conhecimento especialista, seja na troca de informação com colegas que são nutricionistas, na consulta ao médico, ou ainda no uso dos próprios conhecimentos, já que é nutricionista:

[Tenho duas colegas] que são nutricionistas, então a gente troca muita informação. [...] Eu nunca fiz regime para emagrecer na minha vida. Eu acho que você mantém o peso reeducando a sua alimentação, não é tomando remédio. Taí, eu nunca fiz uso disso, mas minha alimentação é controlada! (LÍLIAN)

[...] eu fui ao médico, ele orientou direitinho, e eu segui à risca, e eu estou aí, com 78 quilos hoje, uma maravilha, não vou ganhar peso de jeito nenhum (NILSON).

[...] como sou nutricionista, eu sempre tive o cuidado especial de fazer uma boa alimentação né, por conta da minha profissão, do conhecimento, então eu nunca busquei essa mudança porque eu já sabia, já tinha incorporado isso, que é necessário aliar a alimentação à atividade física [...] (KÁTIA).

Diante das falas acima, percebe-se que ao longo do processo de autogestão corporal, os entrevistados assimilam informações de fontes diversas e, como resultado, a maioria passa a falar e agir como especialista, fato ressaltado por Zizek (2002), estando relacionado à capacidade de reflexividade característica da sociedade contemporânea.

As mudanças incorporadas ao estilo de vida dos praticantes de musculação, como vimos, envolvem amplos aspectos nos âmbitos social e pessoal. A melhoria na forma física aumenta a auto-estima, o que repercute em outras questões da vida do aluno, como o modo de vestir-se, de apresentar-se socialmente. Mudam-se a aparência e a postura corporais, que muitas vezes são contrárias às exigidas no âmbito do trabalho, como explicitado nos depoimentos ora transcritos:

Engraçado, na minha profissão [advogado], durante o dia passo muito tempo de terno e gravata, camisa de manga comprida, mas eu não gosto. Eu fico com esse tipo de roupa por obrigação. Na primeira oportunidade que tenho eu boto bermuda, tênis, camiseta [...] Eu não gosto de usar calça e tenho certeza que é por causa desse meu estilo, da questão da prática de esporte (EDUARDO).

[...] Com certeza dá para você vestir uma roupa que você goste, né? Sem ter vergonha. Porque você tem aquela noção de que seu corpo está realmente mais enrijecido [...] (KÁTIA).

[...] Eu acho que, ultimamente, tenho mudado a questão do vestuário. Eu tenho procurado a roupa que fique melhor em mim. Eu não me preocupava muito com essa questão não. Passei a me preocupar desde que eu entrei para a academia [...] (ANDRÉ).

[...] Você vai estar com seu corpo se definindo. Você vai tendo coragem de pôr uma roupa com o braço de fora, o colo de fora. Uma situação, uma festa, você bota uma roupa mais colada. [...] Então, cada um vai descobrindo seu estilo [...] A moda está aí e você tem que ter a autocrítica para ver se realmente já está naquele ponto de poder usar ou não. Tanto que eu digo para os meus colegas que, quando for no final do ano, eu quero ir para a academia de *top*, sem vergonha de mostrar a barriga (MARTA).

Ao associar à prática da musculação a atitudes mais amplas relacionadas ao corpo, tais como atividades de lazer, formas de alimentação, modos de vestir-se, o indivíduo interage com seu corpo, não como uma entidade física estática, mas como

um modo de ser, um sistema de práxis. Em consonância com os argumentos de Giddens (1997a) através da autogestão corporal, monitoram-se aspectos relacionados à aparência e à postura, ou seja, aos modos de se apresentar e se relacionar socialmente; aos regimes, buscando formas de alimentação rica e equilibrada; e por fim, à sensualidade, pois diante dos resultados estéticos percebidos no corpo, como vimos, alguns admitem a possibilidade de agir de forma mais ousada e sensual. Assim, os desempenhos individuais são influenciados fortemente pela mudança na fachada pessoal, como descrito por Goffman (2001). Na verdade, as transformações percebidas no corpo levam a novas formas de o indivíduo se perceber socialmente e internamente. Esse fato favorece a construção reflexiva da identidade, ou seja, a percepção da auto-identidade.

A auto-identidade, como reiterado, tem relação direta com as escolhas feitas, que por sua vez constituem o estilo de vida. Este não diz respeito apenas ao consumo, à posse, ao modo de ser, mas principalmente ao 'quem ser'. As escolhas, de certa forma, estão nas mãos de cada um, confirmando o pressuposto de alguns estudiosos de que a identidade tem a ver com aquilo que fazemos de nós (GIDDENS, 1997a; THOMPSON, 1999, ESTEVES, 2000). As tomadas de decisão dos praticantes de musculação ocorrem a partir de algumas metas estabelecidas, e eles procuram agir de modo a alcançar os objetivos traçados. A necessidade de informação está mais voltada para questões práticas, relativas à resolução de problemas imediatos. O que parece indiscutível é a consciência de todos de que, para obterem resultados efetivos com a musculação, seja essencial adotar estilo de vida voltado para esse fim, envolvendo diferentes e amplos aspectos da vida cotidiana. Há consenso entre os praticantes quanto a essa questão e tal processo ocorre a partir da percepção individual na busca de resultados.

O processo de autogestão corporal vai incorporando mudanças que alcançam mais e mais abrangência. A musculação é fator desencadeante; no entanto, as transformações se sustentam na apreensão social de informações, na inter-relação entre sujeitos e principalmente nas informações emitidas pelo corpo. No caso dos entrevistados, a autogestão corporal extrapola o âmbito do controle do corpo, atinge o indivíduo como um todo, se constitui a própria busca da auto-identidade.

[...] você começa a fazer a coisa e a se gostar mesmo, vai, faz e continua fazendo. Começa a ver os resultados e continua. Quem é que não quer ser bonito? E não é só bonito de corpo, não. Bonito de tudo: de alma, de cabeça, de tudo. Não deixa de ser bonito você ter uma cabeça saudável, uma mente descansada e aberta, então? (NILSON).

A musculação tem disso [...], tem mesmo a própria experiência da gente, porque você vê os resultados (HERMANO).

As mudanças percebidas no corpo, para alguns, fortaleceu sua maneira de se perceber e de ver o mundo. A gestão do corpo é, portanto, o gerenciamento do próprio eu:

[...] Eu acho que passou muito essa idéia para mim, do conseguir. Exatamente assim. Isso ajudou demais na minha vida também. Acho que foi uma coisa assim que fortaleceu, como se diz, minha auto-estima, até em outros setores da minha vida, em outros aspectos (LÍLIAN).

Tudo o que eu quero na vida, eu projeto. Eu quero isso e vou conseguir. Não é só ter um corpo definido, um corpo bonito não [...] Tudo! Na sua profissão, certo? Tudo, tudo, você tem que querer aquela coisa [...] É questão de querer (NILSON).

Através da relação com o próprio corpo e das diferentes oportunidades de interação social, cada um administra o seu projeto de vida. As informações assumem papel fundamental, e se consolidam não somente por intermédio das interações face a face e mediadas, mas, sobretudo, através do corpo. Cada um torna-se gestor de si mesmo, e diante de significativa diversidade de opções definem seu destino. Sob essa ótica, a prática de musculação pode ser um caminho para o encontro de si mesmo. Algumas falas são esclarecedoras dessa questão. A percepção de Fernando é: “[...] Eu tive um encontro maior comigo mesmo.” Nessa mesma direção, Eduardo enfatiza: “Hoje, a musculação, para mim, é como eu já te falei, um achado para abrir várias portas para o autoconhecimento.” Lílian também considera que a musculação ajudou-a na vida social e pessoal: “[...] eu acho que eu era muito insegura e acho que [a musculação] me ajudou a ser mais segura [...] eu

acho que eu me sentir bem com meu corpo me ajudou nessa questão de fortalecimento interior, autoconhecimento, auto-estima. Ajudou mesmo.”

A capacidade de autogestão corporal ultrapassa a oportunidade de potencialização de resultados estéticos, possibilitando a convicção de conseguir o que se quer na vida. A disciplina adquirida através da musculação está presente no cotidiano, tanto no ambiente de trabalho como fora dele, passa a incorporar a própria identidade do sujeito, tal como podemos perceber nas falas abaixo:

[...] principalmente em relação à disciplina, [a musculação] é muito importante. Eu vejo resultado no que eu fiz. E você sabe que consegue se for disciplinada. Quer dizer, é muito bom você saber que tudo que você quiser você consegue. Essa confirmação, eu acho que me ajudou muito, muito mesmo [...] (LÍLIAN).

[...] Ela [a musculação] me ajudou a ter [disciplina], entendeu? Me ajudou muito. Primeiro, na semana, eu não toco em álcool e não saio para canto nenhum. Por quê? Eu trabalho o dia inteiro. Quando eu chego do trabalho, eu já estou cansado. Vou tomar um banho, comer alguma coisa, assistir ao jornal e vou dormir. [...] Essa parte física para mim foi simplesmente extraordinária na minha vida! Foi e está sendo! (NILSON).

E vai além, ao justificar:

Quando eu era gordo, eu bebia quase todo dia. Hoje, eu tenho cuidado [...] Eu já estou me policiando para eu beber uma vez por semana. Estou bebendo duas: sexta e sábado. Domingo, eu não toco. Por quê? Porque segunda-feira é dia de [...] “física”! Então, se eu beber domingo, automaticamente, segunda-feira não vou estar preparado nem vou acordar naquele horário (NILSON).

Os sujeitos planejam suas ações, definem suas metas e agem conforme suas determinações. São indivíduos que seguem os apelos sociais de construção de corpo saudável e de qualidade de vida, mas agindo em conformidade com sua própria realidade.

É preocupação com o futuro, com o envelhecimento. Porque são coisas que as pessoas não se preocupam, que acham que nunca vão chegar, mas a gente chega. Assim, [meus parentes por] parte do

meu pai, 90% são cardíacos. Eu tenho essa preocupação, porque geneticamente nós poderemos ser proporcionados a isso, né? (FERNANDO).

Através da prática da musculação aprendem a administrar seu cotidiano, agindo em constante confronto com as diversas informações acessadas, possibilitando a reformulação de suas ações sociais. Alguns sujeitos admitem aventurar-se em terrenos que antes não teriam coragem de encarar, possivelmente porque ao atingirem níveis próximos do corpo desejado sintam-se mais motivados para novas experiências.

A musculação, a gente percebe que é uma atividade de conjunto que você vai formulando, vai administrando e com isso você vai adquirindo o seu lado bom, descobrindo, se autodescobrindo, se inteirando, como é que você está, onde você precisa melhorar [...] (MARTA).

[...] depois que eu comecei musculação algumas coisas que eu não tinha coragem de fazer eu tentei. Eu tinha muita vontade de fazer capoeira, eu fiz! Dei uma parada por causa de horário [...] eu fiz depois tae-kwon-do, para conhecer, mas não me identifiquei muito e saí. E depois fiz jiu-jítsu, mas torci o tornozelo aí parei e estou voltando agora. Era coisas que eu tinha muita vontade de fazer e não fazia porque eu achava que eu ia me sentir um peixe-fora-d'água (EDUARDO).

Diante do exposto, podemos afirmar que a prática contumaz da musculação, portanto, pode ser um dos caminhos para a auto-identidade, pois favorece ao indivíduo a capacidade de construção de estilo de vida próprio pelo confronto constante de oportunidades e riscos, levando-o a definir quem quer ser e como ser. As escolhas que fazem têm suas conseqüências e disso parecem conscientes. O corpo, imerso nas ações sociais cotidianas, torna-se importante para a manutenção do sentido coerente do eu. Cada um dos depoentes aponta para a busca de informações que orientem sobre os caminhos a percorrer: aumento da freqüência e/ou intensidade do treino, adequação da alimentação, preocupação com as horas de sono, com o desgaste e o descanso do corpo. As decisões tomadas apresentam restrições e expõem alguns possíveis riscos, mas o que fica patente é a reflexividade constante envolvendo os sujeitos pesquisados.

7.4 Autogestão corporal e reflexividade

Os sujeitos entrevistados integram um grupo de alunos permanentes da academia de ginástica “malhação”, os quais mostram-se persistentes em sua decisão de autogestão corporal através da musculação. Acessam informações diversas de maneira a adquirir conhecimentos para a decisão e aquisição dos objetivos desejados, voltados para padrão ideal de corpo, constituindo a reflexividade (GIDDENS, 1991). O corpo passa a ser constantemente submetido à atenção reflexiva, estimulada pela diversidade de opções. Essas possibilidades de escolhas, de caminhos a serem percorridos, são geralmente consideradas, e devido aos riscos adjacentes, algumas são, de pronto, rejeitadas. Paradoxalmente tentam aceitar o determinismo biológico em relação aos limites de seus corpos, embora todos nutram insatisfação com um ou outro aspecto físico. Alguns utilizam explicações mais transcendentais na tentativa de tal aceitação, considerando mais relevante sentir-se em paz e em sintonia com seu corpo:

Acho que todo mundo tenta ter um corpo legal. Eu prefiro mais é estar bem comigo mesmo, com a vida, com as pessoas, ter disposição no trabalho [...] É claro que eu gostaria de estar bem fisicamente, de ter um corpo legal. Até na praia, aquele negócio de ficar bem à vontade [...] Às vezes, no período de férias [...] É até bom o cara ter um corpo assim, sarado. Você olha assim, e gostaria de ter um corpo legal, como o desse pessoal (HERMANO).

[...] Você está se sentindo bem com seu corpo? Aquele é o seu! É o corpo mais perfeito do mundo. É o teu! Desde que você esteja se sentindo bem com ele, com aquele tipo de corpo, para que ter um corpo musculoso? [...] (NILSON).

A estética corporal, como valor norteador do corpo na academia de ginástica, como considera Novaes (2001), estimula a insatisfação com o próprio corpo, pois os modelos de comparação são mutáveis, e os limites físicos dos indivíduos os impedem de chegar aonde gostariam. Alguns informantes, mesmo negando que tentam alcançar o padrão corpóreo da mídia, e afirmar que essa busca é algo relativo e muito subjetivo, mantêm-se comprometidos com a busca de perda de

gordura e aumento de massa muscular. A grande maioria dos sujeitos da pesquisa está insatisfeita com seu corpo, e, quase sempre, o fator de insatisfação está relacionado com a gordura localizada, não importando que, esteticamente, pareçam bem. Há sempre algo a melhorar, mesmo que isto seja quase imperceptível aos olhos dos outros. Nilson é incisivo quando diz: “[...] [Quero] perder esses dois [...] pneuzinhos. Mas estão quase [...] Acho que eles quase não existem. Não dá nem para notar [...]”

Diante do porte físico dos informantes, julgamos que a maioria esteja dentro de certos níveis considerados ideais, seja na relação peso e altura, seja nos níveis de gordura, seja na constituição muscular, porém a insatisfação é, praticamente, unânime, o que nos leva a acreditar que a busca dos objetivos estéticos seja algo inalcançável. Ao que parece, sempre falta um detalhe, qualquer que seja.

Eu me considero mais ou menos. Acho que ainda não estou no padrão certo, ainda não [...] Acho que [falta] peso ainda [...] Estou com 81, mas eu acho que preciso de mais. Quero chegar aos 90 [...] Eu estou pensando, cada vez mais, em hipertrofia [...] Quando eu começar a ter este resultado, vou ficar um pouco mais vaidoso (ANDRÉ).

Eu quero perder barriga. Só isso. O resto está tudo bem (IGOR).

Se minha barriga estivesse um pouco menor, mais definida, mais delineada, eu estava mais satisfeita [...] (GORETH).

Eu quero diminuir um pouco mais na lateral, porque eu estou ainda assim meio reta. Quero transformar meu abdome numa telha, como diz o professor, e aumentar um pouco meu bumbum. Com certeza, estou querendo demais [...] Eu diria que eu sou bastante exigente comigo mesma (MARTA).

Para conseguir o que desejam, sabem que precisam, antes de mais nada, manter treinamento contínuo e gradual, pois a concepção de efetividade da musculação está relacionada ao aumento do peso levantado e da frequência desse levantamento, levando ao aumento da musculatura corporal, como enfatizado por Menezes (2001). Os informantes definem estratégias e mostram certo discernimento em relação aos seus limites, reconhecendo que a aquisição de músculos definidos e

a conseqüente perda de gordura não sejam algo fácil, demandam esforço e tempo, e que a genética tenha forte influência. Por outro lado, a busca, excessiva e inatingível, pelos objetivos traçados, que tem no treinamento da musculação a possibilidade de alcançá-los, pode transformar o hábito dessa prática em vício. Alguns sujeitos da pesquisa, como podemos perceber, fazem musculação todos os dias, evitam dispersar tempo e energia para canalizá-los no gerenciamento corporal, o que pode resultar em certos comportamentos compulsivos, que o indivíduo tenha dificuldade de abandonar, pois são ritualizados e proporcionam prazer, e no momento em que não o realizam, sentem-se ansiosos e culpados. Embora a maioria dos comportamentos comuns sejam ritualizados, porque envolvem rotinas, geram hábitos, eles são facilmente modificados, adaptados, abandonados; o vício não. Ele assume importância na vida do indivíduo, envolve a maioria de suas ações, se constituindo a própria realidade (GIDDENS, 1993). No caso dos praticantes de musculação, alguns casos são sintomáticos:

[...] Quando eu comecei, eu fazia três vezes na semana. Depois, acho que o vício vai aumentando. Aí eu comecei a fazer de segunda à sexta-feira. Depois, de segunda a sábado. Hoje, eu faço de domingo a domingo (EDUARDO).

[...] Você vem todo dia e sente aquela necessidade de vir, como se fosse assim, como se estivesse viciada (KÁTIA).

[...] Feriado, às vezes, eu paro a musculação. Mas eu dou uma corridinha, porque eu não me conformo. Eu tenho que botar aquela energia pra fora [...] É a consciência pesada. Às vezes, eu vou para o centro [da cidade] resolver um problema. Aí eu digo: não, não vou mais. Eu fico naquele negócio, naquela angústia. Eu tenho que vir [para a academia], nem que eu faça apenas dois exercícios (JOÃO).

Sob essa perspectiva, a separação entre o normal e o doentio na prática da musculação é tênue e frágil. A excessiva busca do desenvolvimento corporal, com vistas a atingir determinado objetivo pode vir a ser prejudicial. A reflexividade voltada para o corpo, sob controle, resulta na sensação de conquista e poder. No entanto, o controle ascético e compulsivo pode vir a se tornar problemático, gerando descontrole e desequilíbrio. A obsessiva busca pela magreza, em que o mínimo de gordura incomoda, pode levar, por exemplo, à anorexia, pela redução drástica da

alimentação com o fim de tornar a aparência do corpo diversa à que se apresenta. No caso dos entrevistados tal questão não foi observada, mas outras formas de eliminar gorduras indesejadas são cogitadas. Alguns entrevistados da academia de ginástica “malhação” reconhecem a dificuldade de perda de gordura localizada, insinuando a premência de meios mais drásticos, como a cirurgia plástica, já que, apesar de todos os esforços, não conseguem alcançar tal objetivo com a musculação. A escolha pela cirurgia plástica¹⁶ é vista como compensação por tanto sacrifício, ignorando os riscos de vida que ela representa, como estes depoimentos sugerem:

Tem coisa aqui que tem que ser tirada! Vai ter que ir pra faca. Já está certo! [...] Eu acho que já faz parte do meu biótipo. Eu sempre tive uma gordura localizada no abdome, num determinado local. E eu não consegui ainda tirar [...] (KÁTIA).

Ah, eu tenho isso aqui na cintura. Eu queria tirar porque não tem ginástica, não tem musculação no mundo que resolva esse problema [...] Qualquer quilinho que eu ganho vem pra cá. Então eu queria, acho até que mereço, pelo tanto de tempo que eu faço ginástica (LÍLIAN).

Sem dúvida, a percepção sobre a cirurgia plástica é disseminada socialmente como algo bastante simples, o que pode justificar a posição do Brasil como campeão nessa modalidade. Segundo dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, somente no ano de 2001, 350.000 cirurgias plásticas foram realizadas no país, número, em termos relativos, superior ao dos EUA. Aqui, em cada grupo de 100.000 habitantes, 207 indivíduos se submeteram a algum tipo de cirurgia estética em contraposição a 185 em território norte-americano. Um conjunto de razões pode estar associado a este aumento do número de cirurgias plásticas, bem como ao fenômeno de encobrimento dos riscos da cirurgia plástica em nosso país: a relativa estabilidade econômica dos últimos anos; os avanços científicos e tecnológicos no âmbito da medicina; a popularização dos procedimentos cirúrgicos, alguns dos quais

¹⁶ Somente a título de informação, a revista *Veja on-line* (edição Nº 1.683, 17 de janeiro de 2001) refere-se ao efeito Gisele Bündchen, a modelo que, segundo a matéria, no momento representa o padrão corporal feminino – magra e de seios fartos – tem levado muitas mulheres ao bisturi.

realizados em clínicas e consultórios; os preços mais acessíveis; certa falta de controle de tais cirurgias, fatos que deixam transparecer que o universo das plásticas é um “*um mar de rosas*”.

Em face do perfil de pessoas que dispensam cuidados especiais e sistemáticos ao corpo, os entrevistados apontam a cirurgia como último recurso, alegando que, não obstante as tentativas contínuas, não conseguem suprimir as gorduras localizadas o que poderia, de alguma maneira, significar a análise antecipada dos seus perigos. A grande maioria dos entrevistados, no entanto, ainda acredita que através da musculação seja possível chegar aonde desejam. Mas em termos genéricos, não é o que acontece. A cirurgia plástica se transformou no recurso mais empregado para solucionar problemas momentâneos.

Apenas dois entrevistados se dizem satisfeitos com o próprio corpo. Mas é preciso analisar tal fato, pois conforme observamos, eles estão em seus limites físicos, alcançaram níveis máximos de capacidade de força, de desenvolvimento muscular e de perda de gordura. Para conseguirem algo mais seria necessário esforço sobre-humano ou mesmo recorrer a outros meios além da musculação, que segundo eles, não lhes interessa. Fernando, por exemplo, malha há seis anos, com treinamento intenso e diário. Como afirma, sua intenção primordial é tão-somente manter a forma já adquirida. Possui músculos desenvolvidos, sem muitos exageros. Para ganhar um pouco mais de massa muscular, teria que intensificar ainda mais o treino ou associá-lo ao uso de substâncias químicas, recursos aos quais não está disposto a recorrer, pois se preocupa com a saúde.

[...] Como eu te falo, eu me preocupo mais com daqui a 10, 20 anos. Os efeitos que isso poderia me trazer. Então, prefiro não arriscar. Eu não tenho como objetivo ter aquele corpo malhado, 100% marombado, não. É só manter a forma que eu já tinha mesmo. É só isso o meu objetivo (FERNANDO).

Outro caso é o de João. Treina musculação há muito mais tempo, em associação com outros esportes de grande desgaste físico: capoeira e jiu-jitsu. Chega a treinar de seis a sete horas por dia entre as três atividades. É bastante musculoso. Em sua opinião, para conseguir mais massa, teria que despender esforços extras, além dos que já despender. Condena, com veemência, a ingestão

de esteróides anabolizantes no intuito de desenvolver ainda mais a musculatura, conforme suas palavras:

[...] Eu estou fazendo [musculação] só para manter mesmo. Porque depende de muito esforço mesmo, muita coisa mesmo pra gente ganhar [massa muscular]. Para mim tá bom, porque não adianta você fazer uma coisona monstruosa e depois você se sentir, né, todo defeituoso. É como eu aqui. Tantos anos que eu malho, e se eu tomasse anabolizante, que grossura eu estava!? Tinha que colocar duas cadeiras pra eu sentar aqui. Tem menino que, com seis meses, está imenso, desta grossura. Você pega assim e diz, não [...] Todo cheio de água (JOÃO).

Os entrevistados estão cientes dos possíveis ganhos e riscos decorrentes de determinadas decisões, o que indica o exercício da reflexividade através do confronto freqüente de informações para a adequação da ação social. Submeter-se ou não à cirurgia plástica, intensificar o treinamento ou utilizar substâncias químicas para ganhar mais massa muscular são escolhas ponderadas ante os riscos subsequentes. A insatisfação em relação ao corpo é claramente perceptível, e tem sido preocupação de muitos estudiosos, a exemplo de Anzai (2000) e Pope Jr., Phillips e Olivardia (2000). Os entrevistados admitem a insatisfação corporal, independentemente de sexo ou idade. Mulheres e homens são vistos sempre mais em academias de ginásticas, em clínicas de estética corporal, em salões de beleza preocupados com a própria aparência. Várias atitudes são tomadas e muito dinheiro é gasto na busca de satisfação corporal. *Grosso modo*, o ideal de corpo divulgado pelos meios de comunicação e a insatisfação corporal dos indivíduos, homens e mulheres, em qualquer idade, são os dois lados de uma mesma moeda. A visão de Fernando, por exemplo, deixa claro que essas questões incentivam a experimentação de anabolizantes entre os praticantes contumazes de musculação:

[...] Oh, que tem [um padrão de corpo], eu acho que tem, porque senão, não existiriam os anabolizantes que os camaradas começam [a usar] porque querem chegar ao objetivo daquele corpo tal. Mas eu não tenho esse objetivo de chegar ao corpo tal, não. O que eu já estou, tá legal! É o que eu te falei. É só manter mesmo (FERNANDO).

A censura aos esteróides anabolizantes passa pelo reconhecimento de que o corpo tenha seu próprio ritmo e limite, e quando respeitados, o trabalho de musculação tende a apresentar resultados muito melhores:

Essa rapaziada aí que passa dos limites, é tudo através dos anabolizantes, porque o nosso corpo não trabalha assim de um dia para o outro não. Tem que ser lentamente. Então para conseguir um corpo que nem um fisiculturista daquele, tem que tomar anabolizante de qualquer jeito. Porque, como você sabe, o nosso corpo não foi trabalhado para desenvolver o músculo de um dia para o outro, não. Ali vão muitos anos. Às vezes, você quer pegar meio centímetro de qualquer parte do seu corpo, se você não correr atrás não cai não (JOÃO).

No entanto, a ânsia de criar músculos e o incentivo da mídia para a sua consecução pode conduzir homens e mulheres à escolha do hábito nocivo dos esteróides anabolizantes. É significativo o número de usuários de academias de ginástica no Brasil e no mundo que começa a lançar mão dessas drogas ainda na adolescência. Todavia, é difícil chegar-se a uma conclusão concreta sobre essa questão. Inicialmente porque alguns não admitem seu uso. Conforme costuma-se dizer popularmente, o primeiro sintoma de quem usa anabolizantes é a 'síndrome da mentira'. Em seguida, porque os que aceitam falar do assunto por vezes podem relatar erroneamente sua utilização, que, em alguns casos, se limita aos corticosteróides ou suplementos alimentares – proteína e creatina, conforme nos chamam a atenção Pope Jr., Phillips e Olivardia (2000). Aliás o uso de proteínas ou creatina ocorreu em grande número junto aos sujeitos entrevistados, mais exatamente com cinco. Dentre estes, nenhum admitiu o uso de anabolizantes, embora um deles, o mais jovem, André, de 16 anos, afirme que já foi incentivado pelos colegas da academia a fazê-lo. Eis algumas das posições dos depoentes que deixam clara a compreensão dos riscos que o emprego de anabolizantes na musculação representa para aqueles que tentam queimar etapas, negando-se a vencer os obstáculos pouco a pouco:

Anabolizantes [...] Tem certos amigos que falam, questão de convidar pra tomar, não sei o quê [...] Até hoje eu rejeitei. Acho que não é a solução. A questão é malhar mesmo. Eu, pelo menos, não

gosto [...] não gosto principalmente dos efeitos colaterais, né? Minha preocupação é essa [...] (ANDRÉ).

Essa questão do anabolizante, as pessoas confundem. Eu vejo o meu caso. Eu já malho há seis anos. Eu nunca tomei anabolizante. Isso aqui eu falo porque realmente se eu tivesse tomado eu não negaria; eu já te diria: eu já tomei [...] Seguindo meu raciocínio, as pessoas confundem. Elas não têm informação quando vêem dois caras fortes, está entendendo? Tem gente que consegue um corpo igual ao meu em dois meses de musculação. Mas por quê? Porque toma anabolizante, porque toma esteróide [...] E eu não [...] (EDUARDO).

[Meu objetivo] é poder melhorar. É pelo menos conseguir um pouco de massa muscular [...] Isso aí é o tempo todo. Mas também depende do biótipo da pessoa, né? Às vezes, você tem um biótipo e não tem condição de conseguir [...] Mas eu não pretendo usar anabolizante. Acho que se fosse, eu já teria usado, já que eu estou há um ano na academia. Não gosto. Sei que não faz bem. E acredito que é uma questão de tempo, que com o tempo você consegue ir melhorando essa questão de massa muscular [...] (HERMANO).

Como visto, em relação aos entrevistados, chama a atenção o excesso de zelo da maioria, com os cuidados corporais. Tais cuidados não se configuram como obsessão corporal, como atitude narcisista patológica, tratada por autores como Lasch (1983). Mas representa dedicação ao corpo e concentração exacerbada de esforços em seu gerenciamento. Os indivíduos pesquisados mostram que possuem bastante informações sobre diversos aspectos relacionados ao trato com o corpo, e através das interações sociais e da própria vivência corporal essas informações são constantemente confrontadas de modo a orientar as ações futuras.

Como vimos, no âmbito da academia de ginástica “malhação” circulam várias informações relacionadas à prática da musculação e de busca do corpo ideal, do corpo belo. Mesmo considerando que muitas das informações assimiladas sejam parciais e/ou deturpadas, os benefícios e malefícios de determinadas decisões são levados em consideração. É difícil conseguir que os entrevistados falem sobre anabolizantes, por exemplo, pois socialmente é um tema tabu e a própria academia condena o seu uso, mas os sujeitos entrevistados, de maneira geral, mostram-se conhecedores do assunto e contrários ao uso desse artifício para conseguirem seus objetivos. Essa postura talvez encontre suporte no pressuposto de Fraga (2001), quando diz que não é a falta de informação sobre determinados temas, como os

anabolizantes ou as cirurgias plásticas, que tem levado as pessoas a recorrerem à 'prática cega' de aquisição rápida de músculos e/ou de perda instantânea de gorduras. Ao contrário, é a ampla disseminação dos efeitos positivos e a omissão de informação sobre seus prejuízos as maiores responsáveis por essa atitude.

O fato de os sujeitos desta pesquisa encontrarem na prática da musculação respostas para a consecução seus objetivos e de se mostrarem sabedores dos riscos decorrentes de outras práticas mais radicais, talvez os leve a ponderar e a desconsiderar tal comportamento nocivo ao corpo. O papel do professor no estímulo ao debate e à reflexão pode ser também considerado. Informações mais precisas e diretas sobre corpo, atividades física, musculação, beleza, saúde e muitos outros temas relacionados ao campo da cultura corporal, podem auxiliar os indivíduos nas suas decisões e principalmente na aceitação e satisfação corporais. É necessário que se apresentem mais claramente as relações de causa-efeito das ações sociais, possibilitando ao usuário da informação refletir sobre sua própria realidade, como demonstrado por Breen (2001).

Mesmo admitindo que os sujeitos pesquisados possuam bastante informação sobre temas envolvidos no processo de autogestão corporal, alguns casos nos remetem, inevitavelmente, à questão da falta de clareza de alguns conceitos. A relação causal entre prática de musculação, beleza e saúde, reiterada diversas vezes pelos entrevistados, pode não ser exata, pois em alguns casos pode significar doença, lesões e deformações, conforme nos alerta Carvalho (1995) e evidenciado em algumas falas dos entrevistados; pode ainda gerar perturbações da auto-imagem, resultado de problemas de excessiva reflexividade, como anorexia, dismorfia muscular, narcisismo patológico, não percebidos junto aos pesquisados. As representações sociais dos depoentes igualam os padrões de beleza corporal com saúde, bem-estar, qualidade de vida e felicidade, valores sociais bem próximos dos disseminados pelas várias mídias. Corpo sem gordura, músculos firmes, abdome definido são características valorizadas, as quais, simultaneamente, remetem à indicação de saúde e beleza, sendo determinante perseguir tais características. Como Lovisolo (1994, p.19) questiona, “[...] não estaremos entrando ou construindo um sistema de representações sobre o corpo pelo qual os indicadores estéticos, de saúde e morais se mimetizam, se confundem, se sobrepõem? [...]” Para esse autor, há, na atualidade, um movimento social pela

saúde, em que a prática de atividades físicas é estimulada como caminho de atingir o equilíbrio, o autocontrole e o domínio de si mesmo, sem deixar transparecer o aspecto moral decorrente desse movimento. Conforme afirma:

“ [...] o movimento social pela saúde [...], o qual salienta a mudança individual de hábitos cotidianos (alimentação saudável, prática de atividade física, cuidados de si que geram mudanças psíquicas e favorece o prolongamento da vida) sendo que o que mais contribuiu para o crescimento desse movimento foi o ocultamento da crítica moral e a maior visibilidade no enfoque da saúde, da beleza e da longevidade (LOVISOLO, 1994, p. 21).

Talvez por essa razão, as pessoas estejam tão estimuladas no engajamento de práticas corporais que aperfeiçoem suas condições físicas e ao mesmo tempo melhorem a qualidade de suas vidas. O acesso diversificado à informação amplia o poder de decisão na autogestão corporal dos praticantes de musculação. Alguns procuram ir sempre em frente; outros até contrariam o professor quando este tenta ultrapassar o limite do aluno, conforme assertiva de Lílian: “[...] Meu trabalho é só enrijecimento [...], inclusive eu fico policiando o professor, porque tem professor que fica forçando um pouco, porque parece que ele quer ver resultado [...]” É provável que cada um saiba o que quer, pois analisam reflexivamente as informações que adquirem.

A reflexividade, como podemos observar, está presente no processo de autogestão corporal, no confronto constante dos objetivos com os resultados até então alcançados, permitindo aos indivíduos, pouco a pouco, ir reformulando as expectativas a partir de novas informações, planejando suas ações futuras. Eles admitem que conferem os resultados através da auto-imagem e também da sua imagem refletida, seja pelo espelho em si, seja pela sua imagem espelhada no outro. Nesse sentido, os praticantes contumazes de musculação se apropriam de informações sobre o corpo e delas se utilizam na autogestão corporal, configurando a reflexividade em seu sentido amplo, como afirmam Lash (1997) e Domingues (2002). Mesmo havendo referência a informações adquiridas através da mídia e das interações sociais, o corpo adquire papel central na reflexividade, pois emite informações sobre os resultados adquiridos através da prática da musculação e permite a manutenção e adequação da ação.

8 CONCLUSÕES

Este trabalho de tese examinou as estratégias de busca e uso da informação sobre o corpo, junto a indivíduos que desenvolvem a autogestão corporal através da prática prolongada e rotineira da musculação. Consideramos que o objetivo inicial do trabalho tenha sido atingido uma vez que a pesquisa exploratória desenvolvida permitiu conhecer a percepção dos praticantes de musculação sobre as questões apresentadas e ainda possibilitou avançar na compreensão da influência da informação disseminada socialmente na condução de projetos subjetivos, ou seja, na construção da auto-identidade.

Em decorrência da própria temática, não tivemos a pretensão de apresentar respostas conclusivas e definitivas, mas, sobretudo, propor a análise da questão a partir da “[...] conjugação da teoria com o relato dos momentos de aproximação empírica, fazendo avançar na compreensão da realidade” (BRETAS, 2000, p.200). Na verdade, trata-se de um objeto de estudo complexo, haja vista que relacionar corpo e informação, na atualidade, envolve amplos questionamentos e associações referentes às duas categorias, ou seja, demanda considerar as formas diversificadas de apropriação social, política, econômica e cultural destas, ao longo do processo histórico e ainda, levar em conta as condições e as maneiras como o indivíduo se apropria do e usa o próprio corpo e as informações a respeito dele.

A estratégia de análise do tema partiu da discussão teórica sobre o papel da informação na contemporaneidade e das transformações sociais que vêm ocorrendo e que culminaram na constituição de intenso dinamismo das relações sociais e da subjetividade. Tais questões evidenciam formas de se pensar a interconexão entre indivíduo e sociedade. Sob esse prisma, é possível compreender o indivíduo e suas ações tão-somente numa perspectiva contextualizada, através de sua relação com o mundo, com o outro e consigo mesmo.

A contextualização do momento social atual aponta, como já vimos, para maior autonomia do sujeito na tomada de decisão. Independentemente das condições sociais, todos estamos imersos num mundo de pluralidade de

oportunidades, de escolhas e de riscos. As nossas escolhas definem nosso estilo de vida, conceito ampliado que abrange não apenas as nossas preferências, mas as decisões que tomamos em todos os sentidos de nossas vidas, definindo não somente 'o que ter' ou 'o que fazer', mas principalmente 'quem ser' e 'como ser'. Como tendência, as escolhas assumem, hoje, contornos delimitados pelo fato de vivermos em uma sociedade com característica 'pós-industrial', onde o avanço tecnológico define novas formas de convivência, de interseção entre o global e o local, tornando as interações sociais mais dinâmicas, que ocorrem tanto em presença como em ausência dos interlocutores; e 'pós-tradicional', na qual as ações individuais são vividas em constante aprendizagem e dependentes das próprias escolhas do indivíduo. A possibilidade de escolhas gera sentimentos de insegurança e incerteza, em face do leque de oportunidades e desafios favorecidos pelos desenvolvimentos científico e tecnológico, e expandidos socialmente através do acesso à e uso da informação, possibilitados não só pelos sistemas peritos e especialistas, mas também e principalmente, pelas diversas mídias.

Uma das particularidades desse contexto é a reflexividade, considerada como a capacidade de cada indivíduo refletir sobre e redefinir, freqüentemente, suas ações a partir de informações difundidas socialmente. No entanto, isso não se restringe ao sentido racionalizante, individual, do questionamento constante sobre as ações sociais, mas também, e sobretudo, nas formas prática e estética, através das interações cotidianas, da influência mútua entre os interlocutores, sob forte influência da mídia, que disseminam valores sociais através da cultura audiovisual, que vem-se constituindo nova forma de narrativa, aquela imagético-simbólica. Diante das contingências atuais, as questões existenciais tornam-se críticas, conduzindo à busca da auto-identidade. Questionamentos como: 'o que somos', 'o que queremos ser', 'quem podemos ser' estão na ordem do dia, conduzindo-nos à busca de caminhos e direcionando nossas práticas diversas. As práticas corporais, dentre outras atividades, parecem constituir-se respostas às indefinições do indivíduo imerso em ambiente de riscos e incertezas, pois são concebidas como possibilidades de gestão de si mesmo, ou seja, de construção da auto-identidade.

É nesse sentido que nos voltamos para questões relativas ao papel da informação na autogestão corporal. O corpo contemporâneo está (hiper)exposto nos mais diversos meios de comunicação, em imagens publicitárias sugestivas de

homens e mulheres que retratam os ideais de beleza, juventude e sucesso, que podem e devem ser alcançados pelos usuários da informação. O corpo tornou-se propriedade privada a ser controlada e transformada, sendo mais e mais socializado e atraído para o centro das decisões.

Durante séculos de história, o corpo, como matéria, foi visto em contraponto com a instância intangível – a alma, o espírito, a razão (conhecimento) e relegado a segundo plano. O corpo foi esquadrihado, rotulado, vigiado e, portanto, desviado de sua capacidade de servir de meio para a auto-realização. Entretanto, evidências recentes indicam que o corpo vem sendo reapropriado pelo homem e pela sociedade. Finalmente, parece liberto das diversas amarras a ele impostas, sejam sociais, psicológicas, políticas, e até mesmo genéticas, para se configurar como posse e território próprio a ser explorado, a ser conhecido e dominado pelo indivíduo. Por outro lado, esse novo movimento em favor do corpo pode ser visto, também, como pseudolibertação que resulta em novo aprisionamento. O corpo foi reapropriado pela sociedade do consumo, tornando-se o mais belo, precioso e importante objeto de consumo da atualidade. Serve à lógica do mercado, pois ajuda a vender. No entanto, o corpo tem suas formas de reagir às e driblar as tentativas de controle e domínio. Paralelamente à reapropriação social, o indivíduo vem-se apoderando de seu corpo, reclamando para si a sua posse. Através de certa autonomia e muitas possibilidades de autogestão, o indivíduo tenta reencontrar sua essência, tendo o corpo como recurso, como um dos caminhos possíveis para a construção da auto-identidade.

A informação desempenha papel fundamental nesse processo de superação pessoal. Nos tempos atuais, informação é a palavra de ordem. É considerada recurso estratégico na sociedade atual, seja para organizações sociais seja para o indivíduo. O aumento da circularidade da informação, sua aplicação técnica no contexto social, a legitimação do conhecimento perito, a capacidade reflexiva dos indivíduos, tudo isso evidencia o valor conquistado pela informação. Esta passa a ser vista como agente modificador da consciência do indivíduo e de seu grupo. Ao ser adequadamente assimilada pelo indivíduo, pode resultar em conhecimento, modificando o repertório cognitivo e as representações sociais, o que pode trazer benefícios pessoais e sociais, ou seja, como facilitadora no processo de produção de conhecimento, a informação qualifica-se, em forma e substância, como estrutura

significante com potencial de se transformar em conhecimento. Relacionar informação a conhecimento é reconhecê-la capaz de provocar mudanças e de favorecer ações sociais conscientes.

Mas a força da informação é atenuada ao ser recebida pelo sujeito. É ele quem lhe institui significado, sempre relativo e dependente de variáveis diversas que interferem na formação individual desse significado. A informação altera o sujeito e é por ele alterada. E é através das interações sociais que as informações são compartilhadas pelos indivíduos e têm seu significado reforçado, fortalecendo as representações sociais do mundo em que vivem. É nesse sentido que a garantia de acesso à multiplicidade de fontes de informação aparece como essencial, pois permite ao usuário da informação formar opinião sobre diferentes questões que envolvem seu cotidiano. Mas, além disso, é necessário que a informação disponibilizada possa assegurar sua capacidade reflexiva para a construção de conhecimento. O poder do receptor é limitado justamente pelas especificidades da informação que recebe. Como exemplifica Martín-Barbero (1995), mesmo a mais exímia cozinheira não consegue fazer uma boa comida se os ingredientes forem de péssima qualidade.

Mesmo reconhecendo a relevância da informação, os sujeitos desta pesquisa admitem que a sua busca por questões relacionadas a corpo e musculação é circunstancial e, por vezes, casual. De início, os praticantes parecem preocupados em obter informações, mas, em geral, não se empenham em alcançá-las. Usam especialmente aquelas informações disseminadas por intermédio da mídia e da interação face a face com os colegas e com o professor de educação física, agente ativo do processo, considerado representante do saber especializado. A esse respeito, os sujeitos pesquisados lembram a importância de o professor manter-se atualizado em seus conhecimentos técnicos e científicos, de modo a repassá-los aos alunos com a segurança necessária para que estes possam dar prosseguimento à trajetória de autogestão corporal e manter a confiança até então conquistada.

A motivação inicial dos sujeitos desta pesquisa para a autogestão corporal através da musculação foi-se configurando a partir de diversas influências, através das quais foram experimentando, adequando e ajustando seus interesses, de modo a chegarem àquilo que pretendiam. Muitos dos informantes, antes da musculação, vivenciaram, e alguns ainda vivenciam, outras atividades físicas e esportivas, tais

como ginástica, natação, voleibol, basquetebol, tênis, capoeira. Essa diversidade de experiência nos permite inferir que, aos poucos, cada um foi adequando suas ações aos objetivos desejados, buscando, mesmo que de forma difusa, informação sobre a cultura corporal, seja através de fontes formais ou informais, seja através das informações do próprio corpo, para orientar nas decisões a serem tomadas. Certamente a reflexividade, segundo os depoentes, em face das diversas informações assimiladas, foi ocorrendo progressivamente e conduzindo-os a objetivos comuns.

A persistência em se continuar empenhado na autogestão corporal, por sua vez, aponta para fatores intervenientes, tanto subjetivos como objetivos. Em relação a estes, novamente, as informações sobre a cultura corporal constituem referência importante. O fato de as mídias discorrerem, com frequência, sobre os benefícios das práticas corporais, associando-as, inevitavelmente, a fins estéticos e de saúde, é reconhecido positivamente pelos sujeitos entrevistados como fundamental, embora não se deixem levar passivamente pelos apelos de consumo da mídia. Eles discutem com os pares e com o professor e analisam, a partir, ainda, da emissão de informação procedente do próprio corpo, a coerência das informações disseminadas socialmente. Os resultados corporais advindos do envolvimento na ação aparecem como fator subjetivo que interfere na continuidade da ação, a partir do momento em que vão ao encontro dos objetivos traçados pelos indivíduos.

Além de tudo isso, muitos consideram a academia como espaço de convivência que favorece a integração entre os participantes, aspecto bastante construtivo. Procuram, ao mesmo tempo em que investem em seus objetivos, estar inseridos em ambiente propício à socialidade, de maneira que possam construir vínculos com outras pessoas, num estar-junto com objetivos comuns e sem muito compromisso. A influência do grupo é reconhecidamente importante, e embora a musculação se desenvolva através de prática individual, o ambiente propicia atitudes e atividades que favorecem laços de socialidade. A troca de informações através da interação com o grupo ou tribo se apresenta como fator determinante de permanência na prática de autogestão corporal.

De fato, a formação de tribos favorece o fluxo de informação entre os seus membros, seja para discutir os resultados alcançados ou objetivos futuros, seja para intercambiar vivências ou ainda para discutir tópicos controversos, como a utilização

de suplementos alimentares e de esteróides anabolizantes. Este último tema trafega, geralmente, no âmbito dos bastidores, até porque todos se dizem contrários ao uso de tais substâncias. Mas os informantes se mostram atentos à questão; são sabedores dos riscos a que estariam sujeitos pelo possível uso e argumentam acerca da possibilidade de adquirirem bons resultados através de treinamento adequado e do ajuste de suas ações a estilo de vida saudável, relacionado a hábitos como: prática regular da musculação, alimentação balanceada, ausência de cigarro e bebida, sono de pelo menos oito horas e administração satisfatória do stress da vida cotidiana. Aliás, todas essas recomendações são, hoje, divulgadas com relativa freqüência na grande imprensa, e exigem rígida disciplina individual e social a que os informantes afirmam aderir com prazer. Talvez o fato de possuírem informações sobre os efeitos negativos do uso de anabolizantes e sobre as possibilidades que a prática contumaz da musculação oferece para a consecução de seus objetivos, explique o não uso dessas drogas junto aos sujeitos entrevistados.

Os entrevistados investem fortemente na prática de autogestão corporal pela musculação pois percebem rapidamente as mudanças estéticas, passam a se sentir mais seguros nas interações sociais, ampliando, com isso, as mudanças para o contexto mais amplo de suas vidas. Constitui-se projeto de vida. Envolve várias questões, como a preocupação em relação a alimentação, que, embora admitam não consultarem o especialista da área de nutrição, criam outras estratégias de aquisição de informação que subsidie a adoção de alimentação adequada. Reconhecem a importância da musculação em suas vidas de forma tão intensa, que alguns confessam ter passado de uma rotina diária a um hábito ou vício. Vício é, na verdade, algo compulsivo e, praticamente, impossível de abandonar. Portanto, se a musculação procura conter certos vícios, pode ela mesma constituir-se vício. Esse é apenas um dos riscos a que estão submetidos os praticantes contumazes de musculação. Outros, como a anorexia nervosa nas mulheres, a dismorfia muscular nos homens e o narcisismo patológico também devem ser levados em conta, ainda que não tenham sido claramente evidenciados neste estudo.

A mídia é decisiva na produção e reprodução de valores sociais. Estimula a tomada de decisão, criando e recriando, na maioria das vezes, um mundo da cultura corporal voltado para práticas de consumo, ao disseminar a representação social de corpo belo, que deve e pode ser gerenciado. Percebemos que a apropriação da

informação sobre o corpo tem muito do que é difundido pelos meios de comunicação, embora os sujeitos entrevistados apresentem, em alguns aspectos, postura crítica, condicionando a confiabilidade da informação midiática ao tipo de fonte e, também, à credibilidade dos especialistas envolvidos.

Por outro lado, acreditamos que tais informações condicionem certos tipos de comportamento, por vezes alienante, pois o aluno de musculação assimila atitudes que, em alguns casos, podem ser danosas à sua saúde física e mental por não estarem informados de maneira mais ampla da relação de causa e efeito de determinadas atividades. A prática excessiva de atividade física pode resultar em lesões, pode prejudicar o relacionamento social, dentre outras possibilidades. De qualquer forma, é inquestionavelmente difícil definir os limites de até onde a prática da atividade física seja saudável e até onde comece a se transformar em algo prejudicial à saúde.

O corpo, para os sujeitos desta pesquisa, passa a ser, ao mesmo tempo, sujeito e objeto da ação. Ao se constituir objeto a ser reestruturado, transformado, (re)configurado, passa a emitir informação, fornecendo subsídios para a reflexividade através do corpo. Assim, de objeto passa a ser 'sujeito' da ação. Através da percepção dos estímulos originados no próprio corpo, o indivíduo vai distinguindo e adequando seus interesses, o que favorece a reflexividade. Essa ocorre graças às informações constantemente renovadas, revelando múltiplas possibilidades de ação ao indivíduo no trato com o próprio corpo.

O praticante contumaz de musculação, autogestor de seu corpo, embora não negue a existência de padrão corporal ideal divulgado pelas mídias e admita sua insatisfação com o próprio corpo, diz buscar alcançar seu próprio ideal corpóreo, não necessariamente idêntico ao padrão imposto. De certo modo conhece os limites de seu próprio corpo, embora a meta do grupo pesquisado seja a definição muscular e o baixo percentual de gordura. Dentro de um *continuum* entre o excesso de gordura e o excesso de músculo, em que cada extremo torna o corpo feio, há um ponto de equilíbrio, no qual o corpo é categorizado como bonito. Formar ou dar forma ao corpo é a intenção; deformar, seja pelo excesso de músculo seja pelo excesso de gordura, não interessa. No entanto, embora esse limite seja lembrado pelos informantes, com o passar do tempo, ao longo da vivência prática, é passível de ser reajustado para mais ou para menos.

A definição do que seja um corpo bonito é bastante flexível, devido às acomodações internas que vão se processando e às influências externas sobre o padrão social de corpo, que, em determinado momento, recai sobre um ou outro modelo em evidência. É o caso dos que mencionaram Paulo Zulu e Sheila Carvalho como modelos de padrão ideal de corpo, e daqueles que se reportaram a Kleber (do *Big Brother*) e a Vítor Belfort (da Casa dos Artistas), referências mais recentes. De fato, a alusão a modelos de beleza fomentados pela mídia fica circunscrita a determinado tempo e espaço, e portanto, bastante mutável. Em linha contrária, Joana Prado, a Feiticeira, é citada como exemplo de alguém que se tenha tornado feia devido ao excesso de músculos. A valorização social do músculo e a depreciação da gordura é bastante perceptível. Essa concepção é reforçada na academia de ginástica no momento em que não se observa a presença de pessoas gordas. Há preconceito velado, ainda que alguns digam que é o próprio gordo quem se autodiscrimina. De qualquer forma, torna-se evidente que a sala de musculação é o lugar do corpo belo, de pessoas de corpo 'sarado' e que assim querem permanecer. Lugar de gordo é em *spa*...(!)

Em qualquer circunstância, para os sujeitos envolvidos nesta pesquisa, músculos definidos de maneira proporcional e harmônica e pouca gordura representam o corpo ideal, o que requer trabalho exaustivo, exigindo esforço, dedicação e disciplina. Aqui podemos indicar a representação social de que para ser bonito é preciso sofrer. Há nessa postura certo ideal ascético, considerado herança da Idade Média, mas que a nosso ver, é algo bastante atual, pois toda sociedade tem suas formas de controle social, podendo os cuidados com o próprio corpo ser uma delas. A concepção de autogestão corporal através da musculação enfatiza o esforço individual, freqüente e gradual, evidenciando uma 'moral de contenção' através da adoção de estilo de vida qualitativamente saudável como meio de obter, manter e potencializar resultados positivos, que ao mesmo tempo resulta em comportamento socialmente ajustado.

Mas observou-se entre os entrevistados a crítica constante em relação aos diferentes apelos sociais nos modos de agir e de ser, indicando que fazem escolhas conscientes e voltadas para seus interesses. A compreensão desse fenômeno pode estar relacionada ao fato de que, a reflexividade, atualmente, ter colonizado nossas ações. Ao atuar de modo semelhante ao superego, a reflexividade dá a impressão

de poder de escolha, quando, na verdade, temos poucas opções. O fato é que somos obrigados a escolher, a definir caminhos a serem seguidos, mas condicionados às opções disponibilizadas socialmente. Com o fim da submissão do sujeito à tradição e à natureza, passamos a acreditar numa total liberdade. No entanto, a sociedade contemporânea é impregnada de normas e regulamentos. O chamado libertador ‘você pode’, percebido claramente na publicidade, na verdade implica ordem disfarçada, que quer dizer ‘você deve’. E o indivíduo não apenas pode e deve agir como deve sentir prazer nessa ação. ‘Você deve fazer musculação e deve sentir-se feliz por isso, pois todo esforço será compensado’. É nessa perspectiva que se fala da existência de certa moral nas relações sociais que, implícita ou explicitamente, associa esforço e contenção dos desejos e prazeres à aquisição compensadora de beleza, saúde e sucesso. Mulher ou homem com corpo firme, sem gordura aparente constitui padrão estético valorizado e, ao mesmo tempo, parece implicar corpo saudável. Mas por trás do apelo para a ação da autogestão corporal há, uma ‘moral social’ que diz ‘cuide do seu corpo e mantenha seu autocontrole’. Essa moral é abafada quando os apelos à beleza e à saúde são posicionados na ‘linha de frente’. Assim, indicadores estéticos, morais e de saúde se sobrepõem e se confundem.

Na verdade, estamos vivendo a chamada ‘cultura do músculo’. Para muitos cultuadores do corpo, a atividade física é quase uma religião, que comporta muito mais o sentimento de culpa diante de qualquer deslize (em termos de assiduidade, por exemplo) do que o sentimento de prazer no seu empreendimento. Constitui “[...] um ato sacrificial disfarçado de alegria obrigatória [...]”, segundo palavras literais de Soares (2001, p.120). A aquisição da hipertrofia muscular, de corpo malhado, numa sociedade que dispensa a força muscular, adquire valor muito próximo do troféu, que serve mais para ser exibido. De fato, ninguém quer ser bonito para si, mas para o outro. Assim sendo, poderíamos utilizar a expressão ‘condenados da aparência’ para exprimir de forma mais concreta o que pode estar ocorrendo atualmente.

O praticante de musculação é aquele que circula com pouca roupa e colada ao corpo. Transmite facilmente informação através de sua fachada corporal – postura, gestos, atitudes e sensualidade – demonstrando auto-estima elevada e domínio do próprio corpo. O espelho aparece como aliado e adversário. Através dele o indivíduo se observa e observa o outro. Mas é no ‘espelho social’ que o reflexo da

imagem do indivíduo adquire sentido, que procura respostas para a adequação dos objetivos propostos na autogestão corporal.

Se a mídia é referência em meio ao processo difuso de aquisição de informação, a academia de ginástica é o lugar do fazer técnico, onde os conhecimentos são aplicados, testados e analisados; onde os ajustes entre teoria e prática são consolidados. Como efeito, mostram-se conhecedores do assunto. Sobre isso Zizek (2002) nos alerta que a reflexividade, como característica fundamental da sociedade contemporânea, tem como resultado o fato de, em muitos assuntos, os leigos falarem como especialistas. Tem sido assim no futebol brasileiro; é assim na musculação. Os informantes desta pesquisa, em muitos aspectos consideram-se experts, embora reconheçam a importância do professor de educação física como especialista. Isso pode ser bastante favorável, no sentido de propiciar certa autonomia nas decisões dos indivíduos, mas desde que se reconheça o valor social dos sistemas peritos e dos especialistas na constituição e na disseminação do conhecimento. Entretanto, pode constituir-se risco, pois o indivíduo pode deixar de buscar informação por se considerar suficientemente informado, passando a agir sem crítica, podendo a informação circular entre os atores sociais de forma equivocada.

Enfim, diante das análises apresentadas, percebemos a academia “malhação” como cenário institucional onde a prática da musculação acontece, sendo considerado espaço mediador das informações socialmente obtidas através das mídias, dos sistemas peritos e dos especialistas, bem como das interações face a face e da informações emitidas pelo copo. Vista como processo de construção de si, a autogestão corporal favorece a auto-identidade. Através da prática contumaz da musculação, o usuário se utiliza, reflexivamente, de seu corpo, de modo a se autoconhecer. É fato que a prática de atividade física esteja ocupando mais e mais espaço na sociedade, mediante a evolução do conhecimento científico e tecnológico, deixando de ser uma prática em si para se tornar um projeto de vida. Como decorrência, existe um caminho aberto para a redefinição dos verdadeiros benefícios das práticas corporais. Provou-se que o acesso multidimensional à informação de boa qualidade pode ser um deles.

Diante da complexidade do tema acreditamos que novas pesquisas sejam necessárias para aprofundar algumas questões que neste estudo apenas afloraram,

como seguem. Investigar a relação entre acesso à informação e o engajamento (ou não) em ações de riscos, tais como o uso de anabolizantes para potencializar músculos. O processo de reflexividade também merece aprofundamento para explicar o comportamento dos sujeitos quando agem como expertos. Compreender o papel fundamental de alguns especialistas como condição para a confiabilidade da informação voltada para ações específicas. Entendemos ainda, que esta pesquisa merece ser duplicada em outras instituições sociais que permitam a reflexividade conducente à auto-identidade. Por fim, acreditamos que investigação versando sobre o mesmo tema deva ser realizada junto a profissionais de educação física, especialistas da área, o que certamente contribuirá para ampliar a compreensão do fenômeno ora estudado.

9 REFERÊNCIAS

ALBERTINI, Paulo. O corpo construído e a importância do gesto pessoal. **Motriz**, Revista de Educação Física, Rio Claro, v. 7, n.1, p.107-110, jan./jun. 2001. Suplemento.

ALEXANDRE, Marcos. O papel das mídias na difusão das representações sociais. **Comum**. Rio de Janeiro, v.6, n.17, p.111-125, jul./dez., 2001.

ALBUQUERQUE, Leila M. Basto de. As invenções do corpo: modernidade e contramodernidade. **Motriz**, Revista de Educação Física, Rio Claro, v. 7, n.1, p.33-39, jan./jun. 2001. Suplemento.

ALVAREZ, Marcos César. Foucault: corpo, poder e subjetividade. In: BRUHNS, Heloísa T.; GUTIERREZ, Gustavo L. (Org.). **O corpo e o lúdico**: ciclo de debates lazer e motricidade. Campinas: Autores Associados, FEF/UNICAMP, 2000. p. 67-77.

ANDRADE, Roberta M. B de. Telenovela e vida cotidiana. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n.25, p.28-35, set./dez. 2002.

ANZAI, Koiti. O corpo enquanto objeto de consumo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 21, n.2/3, p. 71-75, jan./maio 2000.

AVELLAR, Cláudia. A consciência dos usuários das academias de ginástica sob o aspecto biopsicossocial. In: VARGAS, Ângelo (Coord.) **Reflexões sobre o corpo**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998. p. 45-63.

AVRITZER, Leonardo. Entre o diálogo e a reflexividade: a modernidade tardia e a mídia. In: AVRITZER, Leonardo; DOMINGUES, J. M. (orgs.). **Teoria social e modernidade no Brasil**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000, p. 61-83.

BARBOSA, Ricardo R. Acesso e necessidade de informação de profissionais brasileiros: um estudo exploratório. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.2, n1, p.5-35, jan./jun. 1997.

BARRETO, Aldo Albuquerque. A questão da informação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 8, n.4, p. 3-8, 1994.

_____. Monitoramento da informação para decisão estratégica. **Anais do V Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, ENANCIB. Informação, conhecimento e transdisciplinaridade. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, nov. 2003.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. São Paulo: Edições 70, 1975.

_____. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BECK, Ulrich A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: BECK, U; GIDDENS, A; LASH, S. **Modernização reflexiva**. São Paulo: UNESP, 1997. p.11-71.

BELKIN, N. K., ROBERTSON, S. E. Information science and the phenomenon of information. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 27, n.4, 197-204, july/aug. 1976

BELKIN, N. K. Information concepts for information science. **Journal of Documentation of the American Society for Information Science**, v.34, n.1, p.55-85, march 1978

BELL, Daniel. **O advento da sociedade pós-industrial**: uma tentativa de previsão social. São Paulo: Cultrix, 1978. p.15-62.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

BERGER, P. L. **Perspectivas sociológicas**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1972.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BETTI, Mauro. Mídias: aliadas ou inimigas da educação física escolar? **Motriz**, Revista de Educação Física, Rio Claro, v. 7, n.2, p.125-129, jun./dez. 2001.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983

_____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas/SP: Papyrus, 1996

BREEN, Marcos. Informação não é conhecimento: teorizando a economia política da virtualidade. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.6, n.2, p.157-171, julh/dez. 2001.

BRETAS, Beatriz A. S. **Interações telemáticas**: estudo sobre jovens internautas de Belo Horizonte. 2000. 231 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

BRUHNS, Heloísa T. O corpo contemporâneo. In: BRUHNS, Heloísa T.; GUTIERREZ, Gustavo L. (Org.). **O corpo e o lúdico**: ciclo de debates lazer e motricidade. Campinas: Autores Associados, FEF/UNICAMP, 2000. p. 89-102.

BUCKLAND, K. Michael. Information as a thing. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 42, n.5, p.135-360, 1991

CARDOSO, Ana Maria P. Retomando possibilidades conceituais: uma contribuição à sistematização do campo da informação social. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p.107-114, jul./dez. 1994.

_____. Pós-modernidade e informação: conceitos complementares? Perspectiva em Ciência da Informação, **Belo Horizonte**, v. 1, n.1, p.63-79, jan./jul. 1996.

CARDOSO, Cláudio. O corpo presente. **Comunicação e sociabilidade nas culturas contemporâneas**. RUBIM, Antonio Albino; BENTZ, Ione M. G.; PINTO, Milton J. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999. (Coleção COMPÓS).

CARMO JÚNIOR, Wilson do. Corpo e sentido: uma metáfora biológica. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Londrina, v.1, n. 3, p. 74-78, 1996.

CARVALHO, Yara Maria de. **O “mito” da atividade física e saúde**. São Paulo: Hucitec, 1995.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, 2).

CAVALCANTE, Alberto R. O princípio da modernidade como constituidor da modernidade na filosofia de Habermas. **Psiqué**: Revista Semestral de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e Letras Unicentro Newton Paiva, Belo Horizonte, ano 10, n.16, p.97-123, maio 2000.

CHAVES, Consuelo. **Qualidade da “informação jornalística”**. 2000. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

CHEIDA, Marcel José. O jornalismo da pós-modernidade. **Comunicarte**. Revista da Pontifícia Universidade Católica, Campinas, v.17, n.23, p.75-98, 2000.

COSTA, Marcelo Gomes da. Academia de ginástica: um espaço para o corpo. In: VARGAS, Ângelo (Coord.) **Reflexões sobre o corpo**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998. p. 105-125.

COURTINE, Jean-Jacques. Os stakhanovistas do narcisismo. Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT’ANNA, Denize B. de. **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 81-114.

COUTO, Edvaldo Souza. **O homem-satélite**: estética e mutações do corpo na sociedade contemporânea. 1998. 269 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

DA MATTA, Roberto. Vendendo totens. In: ROCHA, Everardo P. Guimarães. **Magia e capitalismo** – um estudo antropológico da publicidade. São Paulo: Brasiliense, 1985. Prefácio, p.7-18.

DAOLIO, Jocimar. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a educação física. **Movimento**, Porto Alegre, ano 2, n.2, p.24-28, jun. 1995.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELLA FONTE, Sandra Soares. Cultura corporal e saúde: um discurso ideológico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.18, n.1, p.73, 1996.

DEMO, Pedro. Ambivalência da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n.2, p.37-42, maio/ago. 2000.

DERVIN, Brenda; NILAN, Michael. Information needs and uses. **Annual Review of Information Science and Technology**, v.21, p.3-33, 1986

DESCARTES, R. **Proposições**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).

DEVIDE, Fabiano P. Educação física e saúde: em busca de uma reorientação para a práxis. **Movimento**, Porto Alegre, ano 3, n. 5, p. 44-55, 2^o sem. 1996.

DRUCKER, Peter F. **A sociedade pós-capitalista**. São Paulo: Pioneira, 1993.

DOMINGUES, José Maurício. Desencaixes, abstrações e identidades. **Teoria social e modernidade no Brasil**. AVRITZER, Leonardo; DOMINGUES, J. M. (orgs.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. p. 38-60.

_____. Reflexividade, individualismo e modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS, São Paulo: Relume Dumará, vol. 17, n.49, p.55-69, jun. 2002.

DUARTE, Rodrigo (Org.). **O belo autônomo: textos clássicos de estética**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

DUTRA, Lucas Vieira. **O dualismo mente-corpo: implicações para a prática da atividade física**. 1996. 196 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1996.

EAGLETON, Terry. **A ideologia da estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. **As ilusões do pós-moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ECO, U. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989

ESTEVES, João Pissara. Nova ordem dos media e identidades sociais. **Mídias e processos socioculturais**. Programa de Pós-graduação em Comunicação, Centro de Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, p.11-42, nov. 2000.

ETCOFF, Nancy. **A lei do mais belo: a ciência da beleza**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

FAUSTO NETO, Antonio. A deflagração do sentido: estratégias de produção e captura da recepção. In: SOUSA, Mauro Wilton de. **Sujeito: o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 189-222.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

_____. **O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade**. Trad. Carlos E. M. de Moura. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1997.

FERREIRA, Rodrigo M. O modelo do eu produzido socialmente em G. H. Mead. **Psiqué**: Revista Semestral de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e Letras Unicentro Newton Paiva, Belo Horizonte, ano 9, n.15, p.76-89, nov. 1999.

FISCHLER, Claude. Obeso benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, Denize B. de. **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 69-80.

FOUCAULT, M. Dietética. In: _____. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 87-126.

_____. A cultura de si. In: _____. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 43-73.

_____. **Vigiar e punir**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

FRAGA, Alex Branco. Anatomias emergentes e o *bug* muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI. In: SOARES, Carmen Lúcia Soares (Org.). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 61-77.

FRIDMAN, Luís Carlos. **Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contemporâneas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. (Conexões; 11)

GARCIA, Rui P. A evolução do homem e das mentalidades: uma perspectiva através do corpo. **Movimento**, Porto Alegre, ano 4, n.6, p.61-71, 1^o sem. 1997.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.

_____. **Modernidade e identidade pessoal**. 2. ed. Oeiras, Portugal: Celta, 1997a.

_____. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, U; GIDDENS, A; LASH, S. **Modernização reflexiva**. São Paulo: UNESP, 1997b. p.73-133.

_____. (Org.). **Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Imperativos de ser mulher. **Motriz**, Revista de Educação Física, Rio Claro, v. 5, n.1, p.40-42, jun. 1999.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

GONÇALVES, Maria Augusta S. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. Campinas: Papirus, 1994. (Coleção Corpo e Motricidade).

GUEDES, Cláudia Maria. **Corpo: tradição, valores, possibilidades do desvelar**. 1995. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

GUEDES, Dartagnan P.; GUEDES, Joana E. R. P. Atividade física, aptidão física e saúde. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Londrina, n.1, p. 18-35, 1995.

GUEDES, Olga; De PAULA, Silas. Sociedade da informação: o futuro (im)perfeito. **Fronteiras – Estudos Midiáticos**, São Paulo, v.1, n.1, p.132-144, dez., 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: LP&A, 2000.

HORTON JR., F. W. Information resources concepts and cases. **Association for Systems Management**, v.15, p.53-74, 1979.

IANNI, Octavio. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

JAMESON, Fredric. Notas sobre a globalização como questão filosófica. In: PRADO, José Luiz Aidar; SOVIK, Liv (Org.). **Lugar global e lugar nenhum: ensaios sobre a democracia e globalização**. São Paulo: Hackers, 2001. p. 11-39.

_____. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1997.

KANT, Immanuel. Parágrafos selecionados da crítica da faculdade do juízo. In: DUARTE, Rodrigo (Org.). **O belo autônomo: textos clássicos de estética**. Belo Horizonte: UFMG, 1997. p. 93-122.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LASH, SCOTT. A reflexividade e seus duplos: estrutura, estética, comunidade. Beck, U.; Giddens, A.; Lash, S. **Modernização Reflexiva**. São Paulo: Unesp, 1997. p.135-206.

LE BRETON, David. A síndrome de Frankenstein. In: SANT'ANNA, Denize B. de. **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 49-67.

LE COADIC, Yves François. **A ciência da informação**. Brasília: Brinquet de Lemos, 1996.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

LOVISOLO, Hugo R. Esporte e movimento pela saúde: o paradoxo do progresso e da saúde. **Motus Corporis**, Revista de Divulgação Científica do Mestrado e Doutorado em Educação Física, da Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, ano 1, n.2, p.6-28, 1994.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Edição? Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

LYPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio d'Água, 1983. p. 47-74.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massas. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1998.

MARTIN-BARBERO, Jesus. América latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton de. **Sujeito**: o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 39-67.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia e poder simbólico**: um ensaio sobre comunicação e campo religioso. São Paulo: Paulus, 2003.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU, v. 2, 1973.

MENEZES, Josmar Maia de. **Malhando os corpos**: estética e usos do corpo na musculação, uma análise de valores e tendências sociais. 2001. 152 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia e Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

MORIN, Edgar. **Culturas de massas no século XX**. Neurose 1, 4. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1977.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MUSSCHENGA, Albert W. Identidade pessoal dentro de uma sociedade individualizada. **Concilium**, [S.l.], v. 2, p. 23-32, 2000.

NEHMY; Rosa Q.; PAIM, Isis. Repensando a sociedade da informação. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 7, n.1, p. 9-21, jan./jun., 2002.

NOVAES, Jefferson da Silva. **Ginástica em Academia no Rio de Janeiro**: uma pesquisa histórico-descritiva. Rio de Janeiro: Sprint, 1991.

_____. **Estética**: o corpo na academia. Rio de Janeiro: Shape, 2001.

NUNOMURA, Myrian. Motivos de adesão à atividade física em função das variáveis idade, sexo, grau de instrução e tempo de permanência. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Londrina, v. 3, n. 3, p. 45-48, 1998.

O'BRIEN, Martin. Uma introdução à sociologia de Anthony Giddens. In: GIDDENS, Anthony (Org.). **Conversas com Anthony Giddens**: o sentido da modernidade. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 11-27.

ONFREY, Michel. **A arte de ter prazer**: por um materialismo hedonista. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção: Mesmo que o céu não exista)

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

PEREIRA, Marynês Monteiro Freixo. **Academia!** Estrutura técnica e administrativa. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

PIROLO, Alda Lúcia. O processo de comunicação e informação: sua influência no movimento do homem em movimento no mundo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 17, 3, p. 234-243, maio, 1996.

POPE JR., Harrison G.; PHILLIPS, Katharine A.; OLIVARDIA, Roberto. **O complexo de Adônis**: a obsessão masculina pelo corpo. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

QUÉAU, Philippe. A revolução da informação: em busca do bem comum. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n.2, p. 198-205, maio/ago. 1998.

RIOS, Gilvando S. L.; DUARTE, Emeide N.; MELO, Denise G. P. de. Informação para mudança social. **Informação & Sociedade**: estudos, v.9, n.1, 178-198, 1999

ROBERTSON, Roland. Mapeamento da condição global: globalização como conceito central. In: FEATHERSTONE, Mike (Coord.). **Cultura global**: nacionalismo, globalização e modernidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p.23-39.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **Magia e capitalismo** – um estudo antropológico da publicidade. São Paulo: Brasiliense, 1985

RODRIGUES, Rogério. Sociedade, corpo e interdições: contribuições do estudo de Marcel Mauss sobre as técnicas do corpo. **Conexões**: Educação, Esporte, Lazer, Campinas, n. 4, p.116-127, jun. 2000.

RUFINO; Verônica S.; SOARES; Lilian F. da S.; SANTOS, Daniela L. dos. Características das pessoas que freqüentam as academias de ginástica do Estado no Rio Grande do Sul. **Kinesis**, Santa Maria, n. 22, p.58-68, 2000.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias**. São Paulo: Razão Social, 1992.

SANT'ANNA, Denize B. de. Corpo, ética e cultura. In: BRUHNS, Heloísa T.; GUTIERREZ, Gustavo L. (Org.). **O corpo e o lúdico**: ciclo de debates lazer e motricidade. Campinas: Autores Associados, FEF/UNICAMP, 2000. p. 79-88.

_____. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: _____. **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 121-139.

_____. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen Lúcia Soares (Org.). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 3-23.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.41-62, jan/jun. 1996.

SENNET, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEVERIANO, Maria de Fátima V. **Narcisismo e publicidade**: uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade. São Paulo: Annablume, 2001.

SILVA, A. M. **Corpo, ciência e mercado**: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo de felicidade. Campinas: Autores Associados; Florianópolis: UFSC, 2001.

_____. Das práticas corporais ou porque "narciso" se exercita. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.17, n.3, p.244-250, maio 1996.

SOARES, Carmen L. Corpo, conhecimento e educação. In: _____. (Org.). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 109-129.

SODRÉ, Muniz. **A máquina de Narciso**. São Paulo: Cortez, 1994.

SOVIK, Liv. Lembrar o sujeito pós-moderno ou viva o fim da razão instrumental. In: PRADO, José Luiz Aidar; SOVIK, Liv (Org.). **Lugar global e lugar nenhum**: ensaios sobre a democracia e globalização. São Paulo: Hackers, 2001. p. 87-95.

SOURIAU, Etienne. **Chaves da estética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

SVEIBY, K. E. **A nova riqueza das organizações**. Rio de Janeiro: Capinas, 1998

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

TRIVINÕS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UVINHA, Ricardo Ricci. O corpo-imagem jovem e o fenômeno do consumo. **Movimento**, Porto Alegre, ano 3, n.4, p.49-51, 1^o sem. 1996.

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais**: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ZARUR, Luciano. A construção e desconstrução da auto-imagem brasileira pela televisão. **Comum**. Rio de Janeiro, v.6, n.17, p.149-191, jul./dez, 2001.

ZIZEK, Slavoj. O superego pós-moderno. **Caderno Mais!** Disponível em: <www.uol.com.br>. Acesso em: 12 abr. 2002.

WEBSTER, F. Information and the idea of an information society. IN: **Theories of information society**. London: Routledge, p. 6-29, 1995.

WEIL, Pierre. **O corpo fala**: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. Petrópolis: Vozes, 1975.

10 APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. História pessoal da influência das informações (da mídia e de outras fontes) sobre a decisão de gerenciar o corpo.
2. Tomada de decisão, percurso da ação, interrupções e retomadas.
3. Fonte(s) de informação atual – periodicidade de acesso e nível de atualização.
 - Preocupação em se manter informado através de fontes formais. Identificação do(s) porquê(s) da preocupação.
 - Identificação das fontes informais prevaletentes – professores, colegas, vizinhos etc.
 - Nível de confiabilidade das fontes. Fontes de maior credibilidade – veículo, seção etc. Identificação das causas de confiabilidade. Nível de preocupação em buscar referência e/ou autoridade das fontes.
 - Circulação (informal) de informações sobre o corpo no âmbito das academias.
 - Formas de circulação de informações – suplementos, roupas, acessórios, exercícios etc.
4. Mudanças de atitude em relação aos cuidados do corpo. Identificação das razões das mudanças.
5. Percepção (ou não) da convergência de comportamento entre os praticantes. Percepção das expectativas de outros praticantes – fachada social (posturas, gestos, atitudes). Nível de enquadramento do próprio respondente neste perfil conforme sua visão.
 - Percepção (ou não) de comportamentos dissonantes. Relato do que ocorre. Identificação dos porquês e/ou das formas de como ocorre (informações transmitidas).
 - Aspectos observados em relação aos demais praticantes e a si próprio – chegada à academia, prática, término, comentários, olhares etc.

6. Possibilidade de novas amizades: (a) o local favorece ou não; (b) formas de (não) favorecimento; (c) ida à academia sozinho e/ou com amigos(as); (c) permanência na academia sozinho e/ou com amigos(as) enquanto pratica musculação.
 - Identificação do que ocorre em relação ao elemento “*estranho*” /novato.
7. Reconhecimento do papel do professor de musculação.
8. Identificação (processo de identidade) e padrão de corpo.
 - Sua opinião sobre quem pratica musculação e sobre quem não o faz.
 - Percepção de um padrão de corpo a ser alcançado, ou seja, algo que identifica o indivíduo como praticante de musculação. Menção dos elementos de identificação.
 - Nível de identificação do respondente com esse ou outro padrão. Desejo de alcance.
9. Frente aos motivos que o conduzem à prática da musculação, atribuição de peso (de um a cinco):
 - ❖ moda
 - ❖ saúde
 - ❖ beleza
 - ❖ socialização
 - ❖ outros motivos (e respectivos pesos)
10. Reconhecimento da prática da musculação como elemento que favorece sua relação consigo. Identificação de como isto ocorre, se for o caso.
 - Nível de importância da musculação em sua vida.
 - A crença (ou não) de que a musculação favorece estilo próprio.
11. Comentários livres.